

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

ARILTON MARQUES FARIA

O ESPACIALIZAR NA FEIRINHA DA PRAIA DA COSTA EM VILA VELHA/ES

VITÓRIA

2019

ARILTON MARQUES FARIA

O ESPACIALIZAR NA FEIRINHA DA PRAIA DA COSTA EM VILA VELHA/ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração, na área de concentração Práticas Organizacionais e Culturais.
Orientador: Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva.

VITÓRIA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

“O espacializar na feirinha da Praia da Costa em Vila
Velha/ES”

Arlton Marques Faria

*Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Administração da
Universidade Federal do Espírito Santo
como requisito parcial para obtenção do
Grau de Mestre em Administração.*

Aprovada em: 04/06/2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo - Orientador

Professora Dra. Leticia Dias Fantinel
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Dr. Alexandre de Pádua Carrieri
Universidade Federal de Minas Gerais

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

- F224e Faria, Airlton Marques, 1994-
O espacializar na feirinha da Praia da Costa em Vila Velha/ES / Airlton Marques Faria. - 2019.
122 f. : il.
- Orientador: Alfredo Rodrigues Leite da Silva.
Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.
1. Administração. 2. Feiras. 3. Espaços Públicos. I. Silva, Alfredo Rodrigues Leite da. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65

AGRADECIMENTOS

UFES, CAPES, orientador professor Alfredo, professores das bancas (professor César, professora Letícia e professor Carrieri), demais professores do departamento, servidores da secretaria, participantes da pesquisa, colegas e familiares, muito obrigado!

RESUMO

Para a construção desta dissertação, elaborou-se uma pesquisa com o objetivo geral de desvendar o espacializar na feirinha da Praia da Costa em Vila Velha/ES. Espacializar é um conceito que tem como componentes os processos de organizar (*organizing*), as operações de estriagem e as operações de alisamento. O *organizing* é uma noção utilizada na literatura dos Estudos-Baseados em Prática (EBP) e tem como norte entender uma organização como fluxo e acontecimento, em vez de entendê-la como entidade fixa e acabada. As operações de estriagem e alisamento são noções advindas dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari e se referem a uma forma prática de compreender as dinâmicas espaciais. Em termos metodológicos, desenvolveu-se pesquisa qualitativa básica com as seguintes técnicas de produção e coleta dos materiais empíricos: entrevista; observação; pesquisa documental; e *shadowing*. Analisou-se o material por meio da análise espiral de dados. Como resultado, encontrou-se quatro categorias de análise que permitiram desvendar o espacializar no contexto organizativo estudado: administrando o ordinário; associando-se; controlando o espaço; e invadindo o espaço. A primeira categoria descreveu as dinâmicas do *organizing* no contexto estudado, ou seja, foi possível entender alguns processos de gestão que fazem a feira acontecer. A categoria sobre a prática de associar-se complementa a categoria sobre o *organizing*, pois permitiu entender as relações de força envolvendo as duas associações dos feirantes e a associação de moradores. Controlando o espaço envolve principalmente as práticas de controle performadas pela prefeitura. E na categoria sobre as práticas de invasão, viu-se principalmente as práticas de transgressão performadas por diferentes praticantes diante dos mecanismos de controle. Conclui-se que esta dissertação contribui para a literatura sobre espaço nos estudos organizacionais ao lançar novas luzes com a visão “deleuziana”, que aborda com profundidade o espaço sonoro, preenchendo uma lacuna na literatura. Também contribui para a literatura dos EBP ao trabalhar a prática como uma maneira de ver ou lente, em vez de simples objeto empírico. Além disso, revela que os praticantes se articulam em ambiguidades, haja vista que eles são transportadores de diferentes práticas ao mesmo tempo. E no âmbito da sociedade, contribui por revelar empiricamente algumas questões que têm sido alvo de debates

por diferentes praticantes, como as questões da pobreza, do desemprego, da burocracia, da ética, da criminalidade e das drogas.

Palavras-chave: Espaço. Estudos Baseados em Prática. *Organizing*. Deleuze. Feira.

ABSTRACT

For the construction of this Master thesis, it developed a scientific research with the goal of uncovering the spatializing process in the context of a street market located at the Brazilian neighborhood known as Coast Beach. Spatializing is a concept and it has three components: organizing, operations of striation and operations of smoothing. Organizing is a notion used in the Practice-Based Studies (PBS) and its goal is to understand organizations as flux and happening, instead of fix and ended entity. The operations of striation and smoothing are notions originated from the philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari and they mean a practical way to comprehend the spatial dynamics. In methodology, it developed a basic qualitative study with the following data collection and production techniques: interview; observation; documental research; and shadowing. It analyzed the material through data spiral analysis. As result, it found four categories that allow it to comprehend how the spatializing happens in the organizational context studied: managing the ordinary; associating; controlling space; and invading space. The first category described the dynamics of organizing at the studied context, that is, it was possible to understand some management processes that make the street market happen. The category about the associating practice complements the category about organizing, because it allowed to understand the relations of force involving two associations of marketers and the association of residents. Controlling the space involves mainly the practices of control performed by the Town Hall. And at the category about the invading practices, it observed mainly the practices of transgression performed by different practitioners in front of the control mechanisms. It concludes that this master thesis contributes for the literature about space in the organizational studies because it sheds new lights on due to the “deleuzian” approach, an approach that deeply explains the sonorous space, covering an empty space in the literature. Also, this master thesis contributes for the literature of the PBS because it works the practice as a way of seeing or a lens, instead of a simple empirical object. Futhermore, it reveals that the practitioners articulates themselves in ambiguities, because they are carriers of different practices at the same time. And for the societal level, this study contributes in empirically reveling some questions that have been the focus on debate by different practitioners, such as the questions of poverty, unemployment, bureaucracy, ethics, criminality and drugs.

Keywords: Space. Practice-Based Studies. Organizing. Deleuze. Street Market.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Mapa das cinco regiões de Vila Velha	58
Fotografia 2 – Orla onde a feira acontece	60
Fotografia 3 - A localização da feira	60
Fotografia 4 - Layout da feira	62
Fotografia 5 - A iluminação da barraca dos doces	64
Fotografia 6 – Ateliê do artesanato de conchas de P3.....	66
Fotografia 7 – Alguns frequentadores	69
Fotografia 8 – Os preços das peças de artesanato	71
Fotografia 9 – Vendedor da barraca de lanches	72
Fotografia 10 – Reunião da associação nova	82
Fotografia 11 – O lanche ao final da reunião da associação nova	83
Fotografia 12 – Mapa improvisado da feira	89
Fotografia 13 – Documento de feirante autorizado	93
Fotografia 14 – Dormitório dos mendigos	102

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO**¹⁰
 2. **ESTUDOS SOBRE ESPAÇO NA LITERATURA ORGANIZACIONAL**¹⁷
 3. **ESTUDOS-BASEADOS EM PRÁTICA E SUA CHEGADA AOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**²⁴
 4. **GILLES DELEUZE E A ABORDAGEM DO ESPAÇO-COMO-PRÁTICA**²⁹
 5. **ESQUEMA CONCEITUAL**⁴⁴
 6. **ESCOLHAS METODOLÓGICAS**⁴⁸
 7. **RESULTADOS DA PESQUISA**⁵⁷
 - 7.1. **ADMINISTRANDO O ORDINÁRIO: PRATICANDO LOGÍSTICA, MARKETING, FINANÇAS E GESTÃO COM PESSOAS**⁶¹
 - 7.2. **ASSOCIANDO-SE: DA COMPETIÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DE VOLTA À COMPETIÇÃO**⁷⁸
 - 7.3. **CONTROLANDO O ESPAÇO: A PREFEITURA**⁸⁵
 - 7.4. **TRANSGREINDO O ESPAÇO COM AS OPERAÇÕES DE ALISAMENTO DOS FEIRANTES E FREQUENTADORES E A INVASÃO DOS HIPPIES, MENDIGOS, TRAFICANTES E MACONHEIROS**⁹⁶
 8. **CONCLUSÃO**¹⁰⁵
- REFERÊNCIAS**¹¹⁰
- APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**¹²⁰
- APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTE DA PREFEITURA**¹²¹
- APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES**¹²²

1. INTRODUÇÃO

Os movimentos conhecidos como “*spatial turn*” e “*practice turn*” são duas tendências de pesquisa dos últimos anos que têm atingido diversas áreas de estudo, entre as quais se encontra a área dos estudos organizacionais. A primeira tendência - a virada espacial nos estudos organizacionais - tem sido marcada pela emergência de uma gama de pesquisas dos últimos anos que têm dado atenção explícita ao tema do espaço (VAN MARREWIJK; YANOW, 2010). Isso não quer dizer que nunca houve interesse na dimensão espacial ao longo da literatura organizacional, já que é possível notar a dimensão espacial desde as primeiras pesquisas do século XX (CHANLAT, 2006). No entanto, tais estudos não trataram o espaço de maneira central (VAN MARREWIJK; YANOW, 2010). Na visão de McNulty e Stewart (2014), a virada espacial nos estudos organizacionais ocorreu na medida em que emergiram estudos tratando não somente o espaço como algo central, mas também considerando a dimensão social do espaço, em vez de focar apenas em sua dimensão física, sendo que tal virada ocorreu sob a influência do pensamento de Lefebvre (2006).

A segunda tendência - a virada para a prática - tem ocorrido desde os anos 1970 e tem sido vista como um renovado interesse pela prática como unidade de análise (NICOLINI, 2012). “A atração pelo idioma da prática reside em sua capacidade de ressoar com a experiência contemporânea de que o nosso mundo é incrivelmente fluido e interconectado” (NICOLINI, 2012, p. 2, tradução nossa). A virada para a prática – ou na realidade o retorno à prática, já que essa perspectiva já havia sido trabalhada em pensamentos anteriores (MIETTINEN; SAMRA-FREDERICKS; YANOW, 2009) – tem sido encontrada em diversas disciplinas acadêmicas, tais como Filosofia, Sociologia, Antropologia, História e Administração, sendo abordada nessa última em temas como marketing, estratégia, tecnologia e sustentabilidade (BUCH; ANDERSEN; KLEMSDAL, 2015).

Além dessas duas tendências, uma terceira tem sido notada, que se refere à diversidade de formas organizativas estudadas. Se, nos primeiros estudos organizacionais o foco estava nas grandes indústrias, recentemente, alguns estudos

têm sugerido formas organizativas que escapam do padrão pesquisado (BARROS; CARRIERI, 2015). Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014), por exemplo, constroem um olhar diferenciado sobre a gestão nos estudos organizacionais ao apresentarem a gestão ordinária. Segundo os autores, nesse tipo de gestão, o foco não está nos grandes negócios, porquanto o que interessa é olhar para o dia a dia das pessoas comuns que administram negócios comuns, o que inclui estudar feiras, artesãos, galerias comerciais, negócios familiares, entre outros contextos ordinários. Na literatura organizacional é possível encontrar recentes estudos empíricos abordando, por exemplo, feira (CABANA; ICHIKAWA, 2017), café (FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2014), circo (OLIVEIRA; CAVEDON, 2017) e associação de artesãos (GHERARDI; PERROTA, 2014). Destarte, o intuito do foco na gestão ordinária é dar significação ao insignificante, o que não tem sido privilegiado na literatura (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

Alguns pesquisadores dos estudos organizacionais têm aproveitado os três movimentos e têm se concentrado nos temas espaço, prática e formas alternativas de organizar em suas pesquisas empíricas. Munro e Jordan (2013), por exemplo, estudaram artistas de rua em um festival artístico da Escócia para entender como eles se utilizavam de táticas para se apropriar dos espaços. Raulet-Croset e Borzeix (2014) investigaram a dimensão espacial da prática em organizações emergentes construídas para lidar com problemas de incivilidade (que, segundo as autoras, são formas subversivas de se apropriar do espaço) em bairros suburbanos da França por meio da técnica *shadowing*. Thanem (2011) investigou como pessoas em situação de rua na Suécia lidaram com projetos de planejamento urbano que visavam expulsá-las de determinados locais públicos. O que tais estudos têm em comum é o foco no ordinário, além da base teórica sobre espaço da qual eles se utilizaram, que é a visão do espaço como algo dinâmico, como uma prática ou articulada a ela. Mas nem sempre isso esteve presente na literatura sobre espaço.

A partir da virada espacial, um aglomerado de estudos emergiu examinando o espaço como central e três correntes nesses estudos organizacionais passaram a dividir o lugar de destaque no modo de explicar a temática (TAYLOR; SPICER, 2007): espaço visto de forma instrumental como a distância entre dois pontos; espaço visto de forma política como a materialização de relações de dominação; e espaço visto de forma interpretativista como a manifestação de simbolismos. Em

nenhuma dessas três correntes se encontra a visão da prática. Na perspectiva da prática, o mundo social está constantemente interconectado e fluido, onde as entidades sociais são o resultado de processos em andamento (NICOLINI, 2012). A ausência de uma corrente da prática é constatada inclusive em dois dos mais recentes números especiais de periódicos (CUTCHER *et al.*, 2015; DELBRIDGE; SALLAZ, 2015) que buscaram tratar sobre espacialidade no contexto organizacional.

O idioma da prática representa um projeto filosófico que faz concepções ontológicas e epistemológicas serem repensadas. Emerge, assim, a ontologia e a epistemologia da prática (SANTOS; ALCADIPANI, 2015). Trata-se de uma nova corrente epistemológica, a da prática, que almeja o mesmo *status* de correntes já estabelecidas, tais como o positivismo, o estruturalismo, a fenomenologia e a hermenêutica (SCHATZKI, 2001). Creswell (2010, p. 29) apresenta algumas formas rotuladas por ele de “concepções filosóficas”, vistas como alegações de conhecimento para se construir uma pesquisa, são elas: pós-positivista, construtivista social, reivindicatória/participatória e pragmática. A perspectiva da prática também se diferencia dessas quatro. A visão da prática não se aproxima de um corte puramente objetivista, nem puramente subjetivista, já que tais dualismos são desconstruídos (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Assim, a tradicional classificação paradigmática de Burrell e Morgan (1979) também fica obsoleta para a visão da prática, sendo mais satisfatório acrescentar a tal classificação os enfoques pós-estruturais e pós-modernos (HASSARD; COX, 2013) dos quais a visão da prática se aproxima. Para Schatzki (2001), a concepção filosófica da prática considera o social como um campo de práticas entrelaçadas, ou seja, a realidade passa a ser vista a partir de uma lente da prática.

Quando aplicada ao contexto dos estudos organizacionais, essa concepção ontológica promove alterações em diversos conceitos utilizados na área, como no caso da noção central de “organização”. Tradicionalmente, a organização tem sido tratada como uma entidade objetivada e capaz de ser estudada sistematicamente a partir de uma “ontologia do ser” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Entretanto, outra concepção ontológica alternativa para a organização é a visão do *organizing* (ou processos de organizar), baseada na “ontologia do devir” (ou do movimento), uma lente mais dinâmica que considera que a organização está a todo momento sendo construída e reconstruída (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Essa visão tem sua

origem nas pesquisas de Weick (1979) nos anos 1960, sendo posteriormente acolhida pelos pesquisadores pós-estruturalistas da área, até chegar aos pesquisadores da prática, que atualmente trabalham com essa concepção para entender os processos de organizar (DUARTE; ALCADIPANI, 2016).

De maneira similar àquilo que ocorre com a noção de organização, quando aplicada ao tópico do espaço, a perspectiva da prática, com sua concepção ontológica dinâmica, promove um deslocamento do “espaço” (um substantivo) para o “espacializar” (um verbo). Munro e Jordan (2013) chamam a aplicação da visão da prática ao espaço de *spatialorganizing*. Trata-se dos passos iniciais em direção a uma abordagem distinta para o tópico do espaço nos estudos organizacionais, que é a visão do espaço-como-prática. O espacializar é algo dinâmico, ou seja, ele está sempre em movimento. O vocábulo “dinâmica” é o mais adequado para demonstrar a natureza espacial, posto que ele é utilizado para nomear uma das áreas da Física que pesquisa sobre o movimento. Assim, o vocábulo se compatibiliza com a ontologia do devir, que é a base da abordagem do espaço-como-prática. Nessa abordagem, as escolhas teóricas precisam se adequar ao fundo filosófico. Inúmeros pensadores se dedicaram ao tema do espaço, mas nem todos se voltaram para essa visão que considera os fluxos, ou seja, o movimento.

Considerado por alguns como o filósofo mais espacial da filosofia contemporânea (BUCHANAN; LAMBERT, 2005), Gilles Deleuze realizou investigações filosóficas justamente a partir da visão do devir. Em todas suas obras, o filósofo francês se interessou pela temática do espaço (CARVALHO, 2014). Todavia, a análise mais pormenorizada do espaço ocorreu quando Gilles Deleuze se juntou ao filósofo Félix Guattari (CARVALHO, 2014). Dessa parceria surgiram as noções de “espaço estriado” e “espaço liso”. O espaço liso é um espaço informal, direcional, aberto, acentrado, não métrico, rizomático, onde a máquina de guerra nômade é desenvolvida (DELEUZE; GUATTARI, 1987). A máquina de guerra é uma invenção nômade que tem por base linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O espaço estriado é um espaço sedentário, extensivo, formal, dimensional, centrado, métrico, fechado, onde prevalece o aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Entre um polo e outro, não há separação, já que pode haver misturas entre os dois espaços, ou seja, o liso pode se tornar estriado, assim como o estriado pode se tornar liso, devido operações práticas de estriagem e alisamento (DELEUZE;

GUATTARI, 1987). Tais operações representam o caráter prático e dinâmico do espaço, que está sempre em construção, reconstrução e desconstrução. Dessa forma, ao se trabalhar com o pensamento espacial “deleuziano” na abordagem do espaço-como-prática, entende-se o espacializar como uma coleção de processos espaciais constituídos a partir dessas duas operações, quer dizer, a estriagem e o alisamento, que se interligam com os processos de organizar (*organizing*) de determinado contexto organizativo, para assim constituir o espacializar mais amplo.

Apesar do potencial contributivo do pensamento espacial deleuziano, o filósofo tem sido deixado em segundo plano na área dos estudos organizacionais (CAVALCANTI, 2016), embora existam algumas publicações (e.g. LAWLEY, 2005; LINSTED; THANEM, 2007). Além da lacuna na literatura com relação ao filósofo Gilles Deleuze, há outra lacuna, especificamente na literatura dos estudos organizacionais brasileiros baseados em prática. Em um estudo bibliométrico, Bispo, Soares e Cavalcante (2014) mapearam os temas mais pesquisados nos estudos sobre práticas no Brasil. Segundo os autores, os temas de destaque foram estratégia, aprendizagem e conhecimento. O tema do espaço não apareceu nas pesquisas dos autores. Na realidade, o tema do espaço é insuficientemente explorado nos estudos organizacionais brasileiros como um todo, já que a produção de artigos sobre isso é escassa (FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2012). Além do mais, cabe reforçar mais duas lacunas que foram citadas em parágrafos anteriores: poucos estudos com foco no ordinário e poucos estudos buscando alguma forma de articulação entre espaço e prática nos estudos organizacionais.

Portanto, a fim de preencher tais lacunas, esta pesquisa surge com a seguinte questão: como ocorre o espacializar na feirinha da Praia da Costa em Vila Velha/ES? Dessa forma, emerge o seguinte objetivo geral do estudo: desvendar o espacializar na feirinha da Praia da Costa em Vila Velha/ES. Para alcançar esse objetivo, os seguintes objetivos específicos são necessários: descrever os processos de organizarna feirinha da Praia da Costa; analisar as operações de estriagem espacial na feirinha da Praia da Costa; analisar as operações de alisamento espacial na feirinha da Praia da Costa; e compreender a dinâmica das passagens das operações de estriagem para as operações de alisamento e vice-versa.

Esse *locus* do estudo – a feirinha da Praia da Costa - está localizado no município de Vila Velha no estado do Espírito Santo. É uma tradição do município com mais de trinta anos de história, além de ser uma das atrações turísticas da cidade (MARCARINI, 2014). Há uma variedade de produtos ofertados na feirinha, tais como roupas, pinturas, artesanato de conchas e lanches. Realizou-se uma pesquisa qualitativa básica (MERRIAM, 2002) com o uso de entrevista, observação, pesquisa documental e *shadowing* como técnicas de coleta e produção dos materiais empíricos e análise espiral de dados qualitativos (CRESWELL, 2007) como técnica para tratamento e análise dos materiais. Os participantes da pesquisa foram feirantes, frequentadores da feira e representantes da prefeitura e da associação de moradores. A seleção desses participantes foi realizada por meio da técnica da bola de neve (BIENARCKI; WALDORF, 1981).

Em termos de originalidade e relevância, argumenta-se que esta pesquisa apresenta sua originalidade ao trabalhar naquelas lacunas, ou seja, trata-se de um estudo direcionado a caminhos, como visto anteriormente, pouco explorados, quais sejam: ontologia do devir (DUARTE; ALCADIPANI, 2016), espaço articulado à prática (MUNRO; JORDAN, 2013), Gilles Deleuze (CAVALCANTI, 2016) e feira como *locus* ordinário de pesquisa (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014). Assim, este estudo tem o potencial de oferecer diferentes análises acerca do espaço - comumente tratado de forma marginal ou funcionalista na literatura, além de mostrar como uma feira tem seus processos peculiares de se organizar. Tais tópicos se apresentam como componentes da relevância teórica do estudo, visto que a área dos estudos organizacionais se beneficiará com a pluralidade de perspectivas e, conseqüentemente, com novos recursos analíticos para desvendar as complexidades e dinâmicas do mundo organizacional. Alguns estudos recentes emergiram com a proposta próxima à visão deste estudo. Raulet-Croset e Borzeix (2014), por exemplo, construíram o conceito de espaço na prática ou *space in practice*. Nesta dissertação, prefere-se adotar a noção de espaço-como-prática ou *space-as-practice*. Raulet-Croset e Borzeix (2014), ao trabalharem com aquela noção, acabam tomando o espaço e a prática como duas instâncias separadas. Esta dissertação busca evitar a separação que pode se aproximar de uma separação cartesiana de corpo e mente. Defende-se que o espaço não é uma coisa que se localiza em alguma prática, o espaço é uma prática. É nisso que reside a relevância

do estudo. Além disso, esta pesquisa apresenta relevância prática. A feirinha da Praia da Costa se trata de uma tradição do município de Vila Velha com mais de trinta anos de história, além de ser uma das atrações turísticas da cidade (MARCARINI, 2014). Ademais, inúmeras famílias fazem do trabalho cotidiano na feira sua única fonte de renda e consequente sobrevivência. Assim, a pesquisa contribui para se refletir sobre a dimensão cultural do município e pode servir de base aos gestores públicos para se pensar políticas públicas relacionadas ao âmbito turístico, econômico e cultural da cidade e do estado do Espírito Santo.

Na sequência desta introdução, encontra-se uma revisão da literatura a qual versa sobre os tópicos: espaço nos estudos organizacionais, abordagem da prática, abordagem do espaço-como-prática e o pensamento deleuziano. A partir disso, explica-se sobre um esquema conceitual originado a partir das discussões teóricas anteriores, sobre as escolhas metodológicas, o resultado e a conclusão.

2. ESTUDOS SOBRE ESPAÇO NA LITERATURA ORGANIZACIONAL

O espaço é um elemento-chave para o entendimento da gestão e dos contextos organizacionais (DALE; BURREL, 2008; TAYLOR; SPICER, 2007). A relevância do espaço nos estudos organizacionais reside no fato de que muitas categorias organizacionais (como estrutura, tecnologia, tomada de decisão e poder) podem ser explicadas de maneira mais profunda se os pesquisadores considerarem a dimensão espacial que abarca tais categorias (VERGARA; VIEIRA, 2005). Apesar da importância, a maior parte da literatura organizacional tem esquecido essa dimensão (CLEGG; KORNBERGER, 2006; TAYLOR; SPICER, 2007). Brulon e Peci (2018) também afirmam que o espaço tem sido negligenciado nos estudos organizacionais e ainda relacionam tal negligência com certa tendência de afastar as organizações do mundo material. Alguns autores (e.g. PANAYIOTOU; KAFIRIS, 2011) mencionam dificuldades metodológicas para examinar o espaço em contextos organizacionais e a visão de que espaço é um tema melhor pesquisado por outras áreas tais como Geografia, embora as razões para a marginalidade do tema não sejam somente essas.

A marginalidade do tema na área dos estudos organizacionais não permite dizer que essa temática nunca esteve presente na literatura, já que sua presença é notada em diferentes abordagens, embora sendo tratado como algo secundário (CHANLAT, 2006). Hoykinpuro e Ropo (2014) lembram que a dimensão espacial já aparecia implicitamente nas pesquisas da escola de relações humanas. O espaço foi tratado em diferentes abordagens desde o início do século XX, como a escola clássica da administração, a escola de relações humanas, a visão sistêmica, a visão cognitiva, a abordagem crítica, a abordagem simbólica, a abordagem política e a perspectiva psicossociológica (CHANLAT, 2006).

Na abordagem da escola clássica, o espaço foi tratado como algo relativo à produção, visto como algo controlado, dividido e hierarquizado (CHANLAT, 2006). Nessa abordagem, Chanlat (2006) cita os movimentos do taylorismo, fayolismo e fordismo. Além da área industrial do espaço de produção, o espaço foi analisado indiretamente nos serviços públicos, resultando na concepção do espaço *bureau* da burocracia (CHANLAT, 2006). Na escola de relações humanas, o espaço

organizacional foi abordado como um espaço social cooperativo, com foco na harmonia e integração das pessoas (CHANLAT, 2006). Na visão sistêmica da teoria organizacional, o espaço organizacional passou a ser concebido em sua relação com a dimensão externa (CHANLAT, 2006). Para a abordagem cognitiva da gestão, o espaço organizacional foi tratado como espaço mental com foco na cognição dos atores (CHANLAT, 2006). Na perspectiva crítica, o espaço organizacional foi tratado como espaço permeado por dominação e jogos de poder (CHANLAT, 2006). Na abordagem cultural, o espaço aparece de forma um pouco mais explícita em alguns trabalhos (CHANLAT, 2006). Em estudos dessa abordagem, o espaço aparece como um importante fator para a construção de significados e identidades (CHANLAT, 2006). Na abordagem política, o espaço organizacional foi tratado como um espaço político (CHANLAT, 2006). Nesse espaço, estão presentes diversos interesses, sendo muitos deles divergentes, o que acarreta uma série de conflitos e disputas, sendo algumas das disputas ocasionadas pela distribuição de recursos (CHANLAT, 2006). Na perspectiva psicossociológica, o espaço organizacional foi tratado como um espaço psíquico dos indivíduos (CHANLAT, 2006).

O tratamento implícito dado ao espaço no contexto organizacional é o que aproxima tais estudos. Contudo, nos últimos anos estudos que abordam o espaço de maneira mais explícita têm sido publicados, levando ao movimento conhecido como “virada espacial nos estudos organizacionais” (CHANLAT, 2006; MARREWIJK; YANOW, 2010). Essa virada espacial também ocorreu em outras áreas de estudo, tais como Antropologia, Geografia e Sociologia (MARREWIJK; YANOW, 2010; DALE; BURREL, 2008). Na visão de Liu e Grey (2017), a virada espacial nos estudos organizacionais parte da ideia central de que o espaço, em vez de ser apenas um pano de fundo a partir do qual as organizações existem e funcionam, passa a construir e ser construído por formas organizacionais. Para McNulty e Stewart (2015), a virada espacial ocorreu por duas razões: o espaço deixou de ser algo meramente físico e geométrico e se tornou algo também social; e o foco deixou de ser apenas no estudo das coisas localizadas em espaços para se entender os próprios espaços. Além disso, a virada espacial ficou marcada pela ideia de que o espaço não é algo neutro, já que ele é transformado pelas forças dos processos sociais (ALLEN; BROWN, 2016; MENGIS; NICOLINI; GORLI, 2018).

Ao reconhecerem tal emergência de publicações tratando o tema do espaço de maneira central, Taylor e Spicer (2007) publicaram um artigo fundamental para a área. Os autores realizaram uma revisão narrativa da emergente literatura sobre espaço nos estudos organizacionais, com foco em artigos de periódicos europeus. Para classificar a gama de artigos encontrados, Taylor e Spicer (2007) se basearam na perspectiva filosófica sobre espaço de Lefebvre (2006). Com isso, Taylor e Spicer (2007) agruparam os artigos em três correntes: espaço como distância mensurável entre pontos; espaço como materialização de relações de dominação; e espaço como experiência simbólica de interpretação.

Na corrente do espaço como distância (e.g. BAUM; MEZIAS, 1992), o foco está na mensuração dos espaços organizacionais com base na geometria euclidiana (TAYLOR, SPICER, 2007). Essa perspectiva envolve a discussão a respeito de arranjos físicos nas organizações (TAYLOR; SPICER, 2007). Uma abordagem ergonômica é comumente encontrada nessa corrente do espaço como distância (TAYLOR; SPICER, 2007).

Na corrente do espaço como materialização de relações de dominação (e.g. SIEBERT *et al.*, 2018), as categorias analíticas utilizadas pelos artigos estão geralmente baseadas em contribuições marxianas (TAYLOR; SPICER, 2007). As abordagens comumente encontradas nos artigos dessa corrente são abordagens sobre relações empregatícias, sobre processos de trabalho e sobre controle e servidão (TAYLOR; SPICER, 2007). O foco metodológico passa ser mais qualitativo com o uso de entrevistas e observação (TAYLOR; SPICER, 2007). A contribuição dessa corrente foi a mudança de foco: de como as manifestações espaciais superficiais operam para o porquê de espaços organizacionais serem operados e configurados de determinadas formas (TAYLOR; SPICER, 2007).

Na corrente do espaço como experiência simbólica (e.g. FORD; HARDING, 2004), há a influência das viradas linguística e cultural nas ciências sociais (TAYLOR; SPICER, 2007). Taylor e Spicer (2007) explicam que nessa corrente o foco não está, por exemplo, na distância e divisão entre duas mesas de escritório, e sim nos entendimentos e significados que os diferentes atores de determinada ordem simbólica dão às mesas. Segundo os autores, os temas encontrados com frequência nessa corrente são os temas do simbolismo, da estética organizacional e dos

discursos. Os métodos também tendem a ser mais qualitativos (TAYLOR; SPICER, 2007).

Taylor e Spicer (2007) articularam as três correntes da emergente literatura sobre espaço com a tríade espacial de Lefebvre (2006), ou seja, os autores argumentaram que o espaço como distância, o espaço como dominação e o espaço como experiência correspondem aos conceitos de espaço concebido, espaço percebido e espaço vivido, respectivamente. No pensamento de Lefebvre (2006), o espaço concebido se trata da representação do espaço, um espaço dos cientistas, urbanistas e tecnocratas. Trata-se de um espaço dominante ligado à ordem e às relações de produção (LEFEBVRE, 2006). Nas organizações, o concebido está relacionado com os discursos gerenciais que guiam processos de planejamento e definem qual a identidade empresarial correta, o trabalhador ideal e os padrões de comportamento (WASSERMAN; FRENKEL, 2015).

O espaço percebido se refere aos aspectos da materialidade espacial que podem ser apreendidos por meio dos sentidos, como o tato, a visão, a audição, o olfato e o paladar (LEFEBVRE, 2006). Além disso, esse espaço se trata da materialização de instrumentos de controle e disciplina dos corpos (WASSERMAN; FRENKEL, 2015). Nas organizações, o espaço percebido se refere à materialização dos discursos gerenciais, como se verifica nos móveis, cores, estilos, formas, uniformes, entre outros fatores (WASSERMAN; FRENKEL, 2015). As autoras ainda argumentam que esse espaço também serve para marcar *status* e separar grupos em contextos organizacionais.

O espaço vivido é o espaço da representação por meio de imagens e símbolos, trata-se do espaço dos habitantes, usuários, artistas, escritores e filósofos (LEFEBVRE, 2006). Trata-se do espaço dominado, um espaço clandestino, onde a imaginação tenta construir subversões (LEFEBVRE, 2006). No contexto organizacional, o espaço vivido se trata das experiências informais e cotidianas vividas pelos trabalhadores que podem reforçar ou subverter preceitos impostos pela hierarquia (WASSERMAN; FRENKEL, 2015).

Os três espaços não são analisados de forma isolada, pois eles estão articulados por meio de contradições, formando uma dialética da triplicidade (LEFEBVRE, 2006). Lefebvre (2006) explica que o foco em três termos representa, de certa

forma, uma crítica à tradição filosófica que tem trabalhado com a lógica dos dois termos de forma isolada como no caso cartesiano da separação entre sujeito e objeto, mente e corpo. A ideia da dialética em Lefebvre (2006) está atrelada ao pensamento marxista; entretanto, também faz parte das contribuições filosóficas para seu trabalho o pensamento nietzschiano, especialmente acerca da linguagem. Além disso, a obra de Lefebvre (2006) é marcada pelas contribuições da fenomenologia.

A importância de Lefebvre (2006) para a virada espacial nos estudos organizacionais é amplamente reconhecida. O próprio entendimento de que o espaço é mais do que algo neutro e físico é reforçado na obra de Lefebvre (2006). Em vista disso, a maior parte dos estudos empíricos mais recentes tem utilizado a triplicidade de Lefebvre (2006) como base teórica para analisar as pesquisas (e.g. HOPO; HOYKINPURO, 2017; WAPSHOTT; MALLET, 2011; LIU; GREY, 2017; PETANI; MENGIS, 2016; ZHANG; SPICER, 2014; WASSERMAN; FRENKEL, 2015; ROWE, 2015; MCNULTY; STEWART, 2015; FAHY; EASTERBY-SMITH; LERVIK, 2014; WASSERMAN; FRENKEL, 2011). Wasserman e Frenkel (2011), por exemplo, investigaram implicações identitárias da estética organizacional por meio dos três tipos de espaço segundo Lefebvre (2006) no contexto de um edifício recém construído para abrigar um ministério do governo de Israel. Elas encontraram que, enquanto administradores buscavam regular as identidades por meio de controle cultural, os trabalhadores aplicavam procedimentos de guerrilha como forma de resistência.

No contexto brasileiro, o autor clássico para a discussão sobre espaço, fortemente influenciado por Lefebvre (BRULON; PECI, 2018), é o geógrafo Milton Santos. Para Santos (2006, p. 63), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. O autor quer dizer com isso que o espaço é constituído por sistemas de objetos e sistemas de ações. Não é possível encarar um sem o outro, já que os objetos condicionam as ações e essas fazem surgir novos objetos ou se dão sobre objetos já existentes (SANTOS, 2006). Os objetos dos quais o autor trata são a parte material do mundo, inicialmente se tratando dos objetos da natureza, como as plantas, as rochas e os rios; e, posteriormente, tratando-se dos objetos artificiais

fabricados pelos humanos, como as estradas, os portos, as máquinas industriais e os aviões. As ações de que fala o autor são aquelas ações humanas, tanto racionais quanto não racionais. Inicialmente, Santos (2006) pensou em articular essa ideia de espaço com a noção marxista de forças produtivas e relações sociais; o geógrafo, porém, notou que tais noções marxistas estavam desatualizadas para acompanhar a complexidade das mudanças no espaço global. Isso não quer dizer que Santos (2006) abandonou a contribuição marxista, ele apenas operou uma atualização das noções marxistas.

Na escassez de estudos organizacionais brasileiros abordando centralmente a questão do espaço, alguns pesquisadores têm trabalhado com essas contribuições de Santos (2006), como é o caso, por exemplo, dos estudos de Lacerda e Brulon (2013) e Brulon e Peci (2013). Lacerda e Brulon (2013) tiveram como objetivo identificar as finalidades do programa de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) em uma favela do Rio de Janeiro. Os autores utilizaram o referencial de Santos (2006) em um estudo qualitativo envolvendo a análise crítica do discurso de falas em um evento de apresentação do programa. Os resultados mostraram que os moradores das favelas eram tratados de forma submissa, sendo o programa criado para conter os problemas daquele espaço para que não se alastrasse para o resto da cidade (LACERDA; BRUNLON, 2013).

Em suma, ao se examinar a discussão sobre espaço no campo dos estudos organizacionais, constata-se que o espaço é uma dimensão presente desde os primeiros estudos no início do século XX, ao menos de forma implícita (CHANLAT, 2006), ganhando destaque somente nas últimas décadas com a virada espacial (MCNULTY; STEWART, 2014). Três correntes foram identificadas: espaço como distância, espaço como dominação e espaço como imaginação (TAYLOR; SPICER, 2007). Em âmbito internacional, o trabalho de Lefebvre (2006) se tornou vastamente utilizado e no Brasil o trabalho de Santos (2006) foi aplicado. Contudo, em anos mais recentes, inclusive ao mesmo tempo em que esta pesquisa está sendo desenvolvida, alguns pesquisadores (e.g. BRULON; PECI, 2018; PANAYIOUTOU, 2015; RAULET-CROSET; BORZEIX, 2014; BEYES; STEYAERT, 2012) têm se interessado por uma visão que difere, em certa medida, de todas as perspectivas trabalhadas sobre o espaço apresentadas anteriormente. Mengis, Nicolini e Gorli (2018) explicam que esses estudos têm se aproximado de uma visão da prática para

tratar o espaço. Essa visão busca um tratamento do espaço como algo mais fluido (MENGIS; NICOLINI; GORLI, 2018). Apesar desses artigos terem se aproximado de uma perspectiva da prática, eles são recentes e escassos na literatura (MENGIS; NICOLINI; GORLI, 2018), o que os leva a não formar ainda uma corrente consistente para abordar a temática do espaço nos estudos organizacionais. Este estudo parte exatamente de uma perspectiva espacial que se alinha ao idioma da prática. Dessa forma, é necessário navegar pelas trajetórias da literatura sobre práticas nos estudos organizacionais, o que será examinado no capítulo seguinte.

3. ESTUDOS-BASEADOS EM PRÁTICA E SUA CHEGADA AOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Estudos Baseados em Prática (EBP) é um rótulo dado a uma gama de estudos que abarcam diferentes temas e áreas do conhecimento (CORRARDI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010; BUCH; ANDERSEN; KLEMSDAL, 2015). A literatura também conta com outros rótulos para essa visão baseada na prática, tais como ‘idioma da prática’, ‘ponto de vista da prática’, ‘lente da prática’ e ‘abordagem da prática’ (NICOLINI, 2012). Dentro dessa variação de rótulos, buscar-se-á neste capítulo entender como a abordagem da prática emergiu, quais suas principais características, como a prática tem sido entendida e como ela tem sido aplicada aos estudos organizacionais. A proposta não está em alongar a discussão, pois se concorda com Schatzki (2012, p. 7, tradução nossa) quando diz que o importante é “[...] gastar menos tempo explicando e justificando [a abordagem da prática] e gastar mais tempo colocando-a em uso e levando-a para novas áreas de pesquisa [no caso deste estudo o tema do espaço nos estudos organizacionais]”.

Historicamente, as pesquisas orientadas para a prática ganharam força nas últimas três décadas do século XX e têm atingido várias áreas e temas de estudo, tais como tecnologia e cultura (NICOLINI, 2012). De acordo com Reckwitz (2002), essas pesquisas ganharam adeptos que estavam insatisfeitos com algumas teorias modernas (como as visões do *homo economicus* e do *homo sociologicus*) e com algumas teorias da ‘alta modernidade’ (como as abordagens mentalista, textualista e intersubjetivista). Na visão do *homoeconomicus*, a unidade de análise do social está nos interesses individuais e na visão do *homosociologicus*, a unidade se encontra nas normas da coletividade (RECKWITZ, 2002). Segundo Reckwitz (2002), a abordagem mentalista analisa o social a partir das estruturas mentais das pessoas, ou seja, trata-se de uma abordagem cognitivista. Para o autor, a visão textualista critica a visão mentalista ao defender que o social deve ser analisado pelo lado de fora da mente, isto é, o foco se encontra nos símbolos e textos da realidade que estão fora da mente. E a perspectiva intersubjetivista analisa o social a partir das interações dos diferentes sujeitos (RECKWITZ, 2002).

Ao se diferenciar dessas teorias sociais, Reckwitz (2002) explica que a abordagem da prática implica em uma reconceitualização de algumas categorias comumente trabalhadas em investigações sociais, como as categorias corpo, mente, conhecimento, estrutura, discurso, artefato material e agente. Segundo o autor: o corpo ganha destaque nas teorias da prática, já que as práticas são atividades corporais; a mente também é relevante, pois as práticas também são atividades mentais e não há separação entre corpo e mente; o conhecimento envolve formas de compreender, saber-fazer, desejar e sentir no contexto de uma prática; a estrutura é vista como rotina, reprodução no cotidiano; a linguagem perde a importância que tinha em outras abordagens, pois é vista como mais uma prática entre tantas outras; artefatos materiais são relevantes por mostrarem o caráter material do mundo e constituírem as práticas; e os agentes são apenas atores que transportam um aglomerado de práticas.

Além do mais, é consenso na literatura que as teorias da prática de maneira geral apresentam traços em comum: a abordagem da prática é eminentemente materialista (SCHATZKI, 2001), ela superadualismos presentes nas teorias sociais (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011) e problematiza abordagens racionalistas (RECKWITZ, 2002; CORRARDI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010; GHERARDI, 2009a; 2009b). Acima de tudo, o idioma da prática é um projeto filosófico com preocupações ontológicas e epistemológicas (NICOLINI, 2012; FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Schatzki (2001), por exemplo, desenvolveu uma nova concepção ontológica para o mundo social, concebendo-o como um campo de práticas. A prática, aliás, representa a unidade de análise da qual pesquisadores da prática se baseiam em seus estudos e isso é outro ponto de consenso na literatura (NICOLINI, 2012).

Apesar de existirem alguns consensos na literatura, a abordagem da prática é marcada por diferentes perspectivas que concorrem para estabelecer o entendimento de principais conceitos adotados na abordagem, como é o caso do conceito central de prática (GHERARDI, 2009a). Duas definições recorrentemente utilizadas são as definições de Schatzki (2002) e Reckwitz (2002). Para Schatzki (2002, p. 87, tradução nossa): “[...] uma prática é um conjunto aberto e temporariamente em evolução de fazeres e dizeres ligados por entendimentos

práticos, regras, estrutura teleoafetiva e entendimentos gerais”. Para Reckwitz (2002, p. 249, tradução nossa):

Uma ‘prática’ (Praktik) é um tipo de comportamento rotineiro que consiste de vários elementos, interconectados uns aos outros: formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, as ‘coisas’ e seus usos, um conhecimento prévio na forma de entendimento, saber-fazer, estados de emoção e conhecimento motivacional.

É possível notar algumas aproximações quando se compara as duas definições acima. No entanto, existem divergências sobre a noção de prática quando se examina os textos que dão origem a essas definições. Essas divergências existentes entre teóricos no campo da prática fica mais evidente ao se comparar estudos de outros teóricos da prática, permitindo concluir que não há uma abordagem da prática unificada (SCHATZKI, 2001; FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011; CORRARDI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010; NICOLINI, 2012).

O debate sobre o princípio da simetria é um exemplo dado por Schatzki (2001) para mostrar a inexistência de uma abordagem unificada da prática. Segundo esse princípio, os pesquisadores devem prestar atenção nas influências de atores humanos e não-humanos ao se fazer a análise social, da mesma forma que é estabelecida pela Teoria Ator-Rede (TAR) (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2013). Segundo Cavalcanti e Alcadipani (2013), a TAR, também conhecida como sociologia da translação, tem sua origem em estudos empíricos nos temas de ciência e tecnologia, onde o intuito é trazer para a análise do social os elementos não humanos (materiais e naturais), visando a materialidade de redes heterogêneas do processo de translação. Segundo os autores, alguns teóricos dessa teoria são Bruno Latour, Michel Callon e John Law. Embora Schatzki (2001) não rejeite a existência da agência não-humana, ele concebe a prática como um conjunto de atividades humanas e, conseqüentemente, ele enfatiza mais os atores humanos do que os atores não-humanos, adotando, assim, uma espécie de “humanismo residual” (GHERARDI, 2015).

Os pesquisadores organizacionais têm adotado diferentes teóricos da prática em seus estudos, o que tem como influência a pluralidade de abordagens nos EBP. A chegada da prática aos estudos organizacionais, ou melhor dizendo “o retorno” à prática nessa área de estudos – já que a prática já havia sido foco de pensadores há

um longo tempo (CORRADI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010), tem ocorrido desde as últimas três décadas (NICOLINI, 2012). Para Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010), somente com o trabalho de Brown e Duguid (1991) que é possível notar o início de um explícito e renovado interesse na teorização baseada em prática nos estudos organizacionais.

Ao mesmo tempo, os anos 1990 representaram uma ruptura no tratamento das organizações enquanto objeto de estudo, ou seja, em vez de encarar a organização como uma entidade, uma parcela dos pesquisadores organizacionais passou a olhar a organização como uma coleção de processos continuamente se organizando (NICOLINI, 2012). Dessa forma, os pesquisadores adentraram em um novo corte ontológico, já que a organização como processo de organizar representa uma ontologia do devir, diferente da visão da organização como entidade, que representa uma ontologia do ser (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Essa ontologia do devir está relacionada ao pós-estruturalismo, mas ela não nasceu da tradução do pós-estruturalismo aos estudos organizacionais (DUARTE; ALCADIPANI, 2016), a base dessa concepção foi desenvolvida inicialmente nos trabalhos de Weick (1979; 1995) sobre a psicologia social do organizar e os processos de construção de sentido. Weick (1979) trabalha com uma perspectiva cognitivista nos estudos organizacionais para entender o organizar como algo relacionado às maneiras pelas quais as pessoas organizam suas mentes para construir sentido sobre coisas confusas e, assim, tornar a realidade mais ordenada.

Além do entendimento da ontologia organizacional, vários estudos têm aplicado as teorias da prática em diversos temas organizacionais, tais como estratégia, conhecimento e institucionalismo (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Nicolini (2012) adiciona outros temas como tecnologia, marketing (e.g. ELLWAY; DEAN, 2016), contabilidade, tomada de decisão e inovação. Ao revisarem alguns dos estudos envolvendo tais temas, duas dimensões nas quais os pesquisadores têm tratado a prática têm sido encontradas: prática como objeto empírico na primeira dimensão e prática como maneira de ver (uma lente) na segunda dimensão (GHERARDI; PERROTTA, 2014).

A Estratégia como Prática Social (EPS) foi construída como uma nova abordagem para se trabalhar a questão da estratégia nos estudos organizacionais. Em um artigo

fundamental para a área, foi possível entender que, diferente das abordagens anteriores sobre estratégia (abordagem do planejamento, abordagem política e abordagem processual), a abordagem da prática foca em saber como os praticantes da estratégia fazem a estratégia em suas atividades no dia a dia (WHITTINGTON, 1996). Desde esse artigo seminal, a literatura em EPS tem crescido a partir de diversas contribuições, tanto empíricas como teóricas. Nos últimos cinco anos, alguns (e.g. SEIDL; WHITTINGTON, 2014) pesquisadores têm se dedicado a questões ontológicas no campo.

Já sobre a tecnologia, para Orlikowski (2000), a perspectiva da prática aplicada à tecnologia redireciona o foco para aquilo que os atores fazem com certas tecnologias em suas atividades situadas no contexto organizacional. Um importante conceito nessa abordagem é o de ‘tecnologias-na-prática’, isto é, “estruturas particulares de uso das tecnologias que os usuários criam em conjunto quando se engajam recorrentemente com uma tecnologia” (ORLIKOWSKI, 2000, p. 411).

No caso do conhecimento, ocorre também uma mudança no vocabulário, pois, ao ser aplicado ao tema do conhecimento, o idioma da prática faz com que pesquisadores abandonem o substantivo ‘conhecimento’ e passem a utilizar o verbo conhecer ou em inglês “*knowing*” (VALTONEN *et al.*, 2017). Da mesma forma que o tema da tecnologia, emerge o conceito de conhecer-na-prática, que significa “uma realização social em andamento, constituída e reconstituída na prática cotidiana” (ORLIKOWSKI, 2002, p. 252).

Em suma, conforme Nicolini (2012), o idioma da prática entende o mundo como algo em fluxo, onde as entidades sociais são o resultado de trabalhos em andamento. Ainda para o autor, o renovado interesse na prática não está limitado aos estudos organizacionais. O idioma da prática não oferece a verdade, pois ele é mais uma forma de interpretação do mundo social (RECKWITZ, 2002). Para Reckwitz (2002) esse é um dos principais efeitos do idioma da prática: fornecer um quadro teórico para o entendimento da realidade social. Assim, os aspectos que caracterizam a perspectiva da prática aqui apresentada oferecem contribuições específicas para o estudo de diversas temáticas, como no caso do espaço ao ser trabalhado em uma abordagem do espaço-como-prática, o que será visto no próximo capítulo.

4. GILLES DELEUZE E A ABORDAGEM DO ESPAÇO-COMO-PRÁTICA

O pensamento deleuziano se constitui como um dos pensamentos do contexto pós-moderno, inserido na filosofia contemporânea (MARCONDES, 2010). Esse período da história da filosofia emerge principalmente como resultado da crise da filosofia moderna (MARCONDES, 2010). Se na filosofia moderna a subjetividade era vista como algo central para fundamentar o conhecimento, principalmente por meio das correntes racionalista e empirista, na filosofia contemporânea ocorre um descentramento do sujeito (MARCONDES, 2010). A partir disso, emergem dois grupos de correntes do pensamento contemporâneo, segundo Marcondes (2010): no primeiro grupo estão as correntes que dão sequência ao pensamento moderno, tais como a fenomenologia, o existencialismo, a filosofia analítica e a Escola de Frankfurt; e no segundo grupo estão os pensamentos que rompem de maneira mais radical com a tradição, tais como o pensamento “heideggeriano”, o pensamento “wittgensteiniano” e o pensamento pós-estruturalista.

Constata-se, dessa forma, que nem todo pensamento inserido na filosofia contemporânea abandona por completo o projeto moderno. Por exemplo, a teoria crítica da Escola de Frankfurt mantém a crença iluminista de que os indivíduos podem se emancipar das tradições dogmáticas com o auxílio da racionalidade e da autonomia, embora essa corrente apresente uma visão crítica acerca da sociedade capitalista avançada que se trata de um resultado das próprias crenças iluministas (ADLER; FORBES; WILLMOTT, 2008). Outro ponto a ser destacado é que Martin Heidegger também fez parte da corrente da fenomenologia, já que foi aluno de um dos precursores do movimento, Edmund Husserl (MARCONDES, 2010). Entretanto, Marcondes (2010) o classifica no segundo grupo da filosofia contemporânea pelo fato de que ele se afastou da fenomenologia de seu professor precursor ao se concentrar na problemática do sentido do ser, privilegiando uma discussão ontológica que era uma lacuna em sua época.

A discussão ontológica também é algo central na filosofia “deleuziana”. Mas para se entender isso, uma primeira questão aparece: o que é a filosofia para Deleuze? Ora, Deleuze escreveu três categorias de obras. A primeira categoria é constituída por livros dedicados a filósofos e artistas, tais como David Hume, Henri Bergson, Baruch

Espinoza, Gottfried Leibniz, Immanuel Kant, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche e Marcel Proust. A segunda categoria é constituída de livros que ele escreveu sozinho sobre alguns temas, como a noção de diferença, o sentido, a escrita, o cinema e o teatro. A terceira categoria se constitui a partir de livros que o filósofo Gilles Deleuze escreveu com o filósofo Félix Guattari. É nessa última categoria que se encontra a principal discussão acerca do filosofar deleuziano no livro intitulado *O que é a filosofia?*

Nessa obra, Deleuze e Guattari (2007) se concentram na definição da filosofia, em sua distinção das ciências e das artes, na teoria do conceito, entre outros detalhes. Logo de início, os autores mostram que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 10). Nessa perspectiva, o objeto da filosofia é a criação de conceitos, e conceitos sempre novos. “[...] o que a filosofia não é: ela não é contemplação, nem reflexão, nem comunicação [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 14). Os autores explicam que a filosofia não é contemplação, pois as contemplações são as próprias coisas pensadas a partir da construção de seus conceitos. Também não é reflexão, pois não é necessária a filosofia para se refletir sobre coisa alguma, por exemplo, os matemáticos não aguardaram a filosofia para refletir sobre a matemática (DELEUZE; GUATTARI, 2007). E, segundo os autores, a filosofia não é comunicação, pois a comunicação trata-se de consenso por meio de opiniões prontas. Tais opiniões são como um guarda-sol e a tarefa da filosofia quando igualada com a tarefa de um artista está explicada da seguinte forma:

[...] os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda [...]. Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão; e a massa dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões: comunicação. Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver (LAWRENCE apud DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 261-262).

Artistas e filósofos confrontam a doxa, isto é, o consenso das opiniões prontas que circulam nas sociedades (DELEUZE; GUATTARI, 2007). Apesar deste ponto em

comum, os autores salientam que a arte e a filosofia são domínios distintos do pensamento. Além disso, os autores lembram que a arte e a filosofia se distinguem da ciência. Na visão dos filósofos, os três domínios do pensamento não têm superioridade entre si e, tanto a filosofia, quanto a arte e a ciência, são domínios criadores de algo. No entanto, a arte cria sensações, a ciência cria função e a filosofia cria conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2007). A sensação, para os autores, é diferente de percepção e é algo anterior à cognição, atingindo aquele que consome arte em um momento anterior a seu processo de raciocínio, como no processo de discernimento dos significados de um poema, por exemplo. As funções da ciência são proposições em sistemas discursivos e têm como elementos os “functivos”, que servem para a ciência refletir e comunicar (DELEUZE; GUATTARI, 2007).

O conceito, segundo Deleuze e Guattari (2007), é um todo fragmentário constituído por componentes e que se direciona a um problema, pois, sem tal problema o conceito não teria sentido. Os autores ainda explicam que cada conceito tem um número finito de componentes e se conecta a outros conceitos por meio de pontes. Com isso, emergem as consistências interna e externa do conceito, ou seja, um conceito é internamente consistente quando seus componentes apresentam pontos de ligação entre si e ele é externamente consistente quando permite a existência das pontes ou zonas de vizinhança com outros conceitos localizados em um plano (DELEUZE; GUATTARI, 2007). Essa conexão entre os conceitos, assim como entre os componentes dos conceitos, é o que o pensamento “deleuzo-guattariano” entende por “devir do conceito”, que é diferente da história do conceito (MACHADO, 2009). Falar sobre a história de um conceito significa dizer que ele não foi criado do nada, posto que ele, ou alguns de seus componentes, foram construídos a partir de conceitos anteriores de outros filósofos (MACHADO, 2009). Como exemplo de conceito, Deleuze e Guattari (2007) citam o conceito cartesiano de *cogito*, que tem como componentes o duvidar, o pensar e o ser, além de fazer conexão com outros conceitos no pensamento cartesiano, particularmente o conceito de Deus e o conceito de extensão. Ainda para a perspectiva de Deleuze e Guattari (2007), os componentes dos conceitos podem ser tratados como conceitos que terão seus próprios componentes, que também serão conceitos e assim por diante. Portanto, para os autores, os conceitos tendem ao infinito.

É possível que essa noção de ilimitado dos conceitos tenha alguma proximidade com a ideia de limite que tende ao infinito na área do cálculo diferencial, já que essa área da Matemática sempre fez parte das pesquisas filosóficas de Gilles Deleuze em quase todos seus livros. Ou é possível que o ilimitado dos conceitos tenha alguma relação com o ilimitado na filosofia pré-socrática de Anaximandro de Mileto, embora Deleuze e Guattari (2007) os cite como um filósofo que não faz parte de seu espaço de filósofos aliados. Anaximandro sustentava que o princípio (a arqué) de todas as coisas, isto é, o elemento básico na constituição do mundo, não se encontra em algo finito como a água ou o fogo, mas está localizado no infinito, que ele chamou de “ápeiron” (MARCONDES, 2010). Mas, se não se pode dizer ao certo principalmente sobre as influências de Anaximandro que resultaram na tendência ao infinito dos conceitos, é notável a influência de outro pré-socrático na construção filosófica deleuziana: Heráclito de Éfeso. Heráclito, em uma discussão ontológica, foi pioneiro na ideia do devir da realidade, ou seja, todas as coisas estão a todo momento em estado de transformação, o ser é móvel (MARCONDES, 2010). Isso rivaliza com a concepção do também pré-socrático Parmênides de Eleia, que pensava em termos de imobilidade, ou seja, o ser é imóvel e todo movimento é apenas um devaneio (MARCONDES, 2010). Heráclito também divergia em diversos pontos do pensamento de Anaximandro, mas principalmente no ponto em que ele não buscava um mundo de unidade como Anaximandro, e sim um mundo de multiplicidades (NIETZSCHE, 2008). Heráclito ficou conhecido por seu pensamento de que não se pode passar duas vezes pelo mesmo rio, pois o rio já mudou (MARCONDES, 2010). Além desse fragmento apresentar o devir, ele se apresenta como um esboço da noção de diferença.

A diferença é uma noção que marca a própria filosofia deleuziana, já que ela é conhecida pelos seus estudiosos como uma filosofia da diferença. A discussão em torno desse tópico se encontra na obra *Diferença e repetição* (DELEUZE, 2006). Essa obra é marcada por um antiplatonismo e um anti-hegelianismo, onde a diferença e a repetição são enfatizadas em detrimento da identidade, da representação e da contradição. O que Deleuze (2006) opera no livro é uma desconstrução da tradição filosófica que deixou a diferença com um aspecto negativo. Para o conhecimento fundado na razão, foi necessário inferiorizar a diferença para privilegiar o *logos* (DELEUZE, 2006). Para Platão (2003), é

necessário abandonar a caverna, devido as ilusões dos sentidos e do movimento, e alcançar o mundo de cima, fora da caverna, com a luz do sol, do verdadeiro, da perfeição, da essência e do bem. Trata-se de uma visão transcendente que é criticada pela filosofia da diferença (CAVALCANTI, 2006).

Dessa forma, Deleuze (2006) busca libertar a diferença em si mesma do aspecto negativo sobre o qual ela foi colocada. Na tradição filosófica, a diferença tem sido vista como a diferença entre dois estados ou termos, como x diferente de y (DELEUZE, 2006). O que a filosofia deleuziana propõe é pensar a relação entre x e y como relação entre diferenciais, utilizando o cálculo diferencial como expressão matemática da diferença, tem-se x e y tratados como derivadas de funções (DELEUZE, 2006). Além disso, a diferença se volta para a singularidade dos seres, cada momento e cada ser são únicos, sendo a diferença algo interior ao ser (DELEUZE, 2006). Isso não ocorre com o princípio da identidade, pois para esse o ser é idêntico a si mesmo, sendo que o ser é e não pode deixar de ser, conforme a máxima de Parmênides (MARCONDES, 2010). O que também é criticado na filosofia da diferença é a representação, vista como a relação entre objeto e conceito, efetuada na consciência (DELEUZE, 2006). Da mesma forma, a contradição, que aceita o ser e o não ser como conflito dialético a ser superado por um terceiro termo, é vista como problemática pela diferença deleuziana pelo fato de que tal contradição dialética, principalmente a hegeliana, leva a um aprisionamento das singularidades da vida em torno de um modelo ideal (DELEUZE, 2006). Portanto, a identidade, a representação e a contradição não são compatíveis com a diferença. E para reforçar a crítica deleuziana à tradição, emerge a noção de repetição como uma forma específica da diferença (DELEUZE, 2006). Tradicionalmente, a repetição tem sido vista como a repetição do mesmo, assim como na noção platônica de repetição enquanto produção de cópias (DELEUZE, 2006). No entanto, para Deleuze (2006), a repetição é transformação, é desestabilização do hábito. Essa ideia se articula ao conceito nietzschiano de eterno retorno. Nietzsche (2001, p. 194, tradução nossa) traz um aforismo sobre tal conceito:

E se um dia, ou uma noite, um demônio te seguisse em tua suprema solidão e te dissesse: 'Esta vida, tal como vives atualmente, tal como a viveste, vai ser necessário que a revivas mais uma vez e inumeráveis vezes; [...] A eterna ampulheta da vida será invertida sem cessar – e tu com ela, poeira das poeiras!' – Não te lançarías no chão, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio que assim

falasse? Ou talvez já viveste um instante bastante prodigioso para lhe responder: 'Tu és um deus e nunca ouvi coisa tão divina!' [...] 'queres isso ainda uma vez e um número incalculável de vezes?', esta pergunta pesaria sobre todas as tuas ações com o peso mais pesado!

A interpretação deleuziana do eterno retorno nietzschiano é inovadora. Para Deleuze (2006), o eterno retorno é intensivo, ele é constituído pela diferença. Portanto, o que repete não é o mesmo, e sim a diferença, pois o que se tem a cada ciclo de repetição é alguma coisa de novidade (DELEUZE, 2006).

O pensamento nietzschiano é basilar para o empreendimento deleuziano. A filosofia nietzschiana representa um platonismo invertido, ou seja, trata-se de um extremo oposto à busca pela transcendência que tanto predominou na tradição do pensamento (MACHADO, 2009). O pensamento nietzschiano tem o intuito de derrubar todos os ídolos, não recorrendo a qualquer tipo de aliança com outros filósofos (MACHADO, 2009). Diferente disso, o pensamento deleuziano buscou pensadores aliados da imanência para enfrentar os adversários da transcendência (MACHADO, 2009). Nesse sentido, Machado (2009) explica que a filosofia deleuziana é uma filosofia dualista, na medida em que ela divide o pensamento em dois espaços: um espaço dogmático, metafísico, racional e transcendente; e um espaço pluralista, ontológico, trágico e imanente. A filosofia deleuziana está mais para uma geografia do pensamento do que uma história (MACHADO, 2009). Ele é considerado um dos filósofos mais espaciais da filosofia (BUCHANAN; LAMBERT, 2005).

Além de espacializar o pensamento, Gilles Deleuze pensa o espaço, estando essa categoria presente em todas suas obras (CARVALHO, 2014). Mas somente na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* é que se encontra a mais pormenorizada análise acerca do espaço (CARVALHO, 2014). Essa obra é a sequência de *Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, em que Gilles Deleuze se articula ao filósofo Félix Guattari. Nesse primeiro livro, Deleuze e Guattari (2011) desenvolvem uma esquizoanálise, isto é, uma versão materialista e imanente da psicanálise. Os autores criticam a perspectiva freudiana do Id por acreditarem que o Id está mais para uma fábrica produtiva do que um teatro. Além disso, nesse livro os autores buscam libertar o desejo que havia sido reprimido e visto como algo que surge para preencher um vazio. O desejo passa a ser visto como produtivo e positivo, ele

constrói realidade (DELEUZE; GUATTARI, 2011). A esquizoanálise impossibilita que a psicanálise freudiana ignore seu papel repressor, já que a produção desejante não se separa da produção social do sistema econômico, tendo o complexo de Édipo uma função integralmente repressora (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1987) se preocupam menos em criticar a psicanálise e mais em desenvolver uma teoria das multiplicidades, ou micropolítica, pragmática. Os autores constroem um livro do tipo rizoma. Um rizoma é diferente de uma forma do tipo raiz (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Enquanto a forma raiz é hierárquica, o rizoma é não hierárquico (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Os autores elencam seis princípios da forma rizoma: conexão (qualquer parte de um rizoma pode se conectar a qualquer outra); heterogeneidade (as partes não são homogêneas); multiplicidade (é necessário romper com o uno e o múltiplo); ruptura a-significante; cartografia (o rizoma não se justifica por modelo estrutural); e decalcomania (o rizoma é mapa e não decalque). Com isso, os autores concluem que o rizoma não é começo, nem fim, ele é sempre meio. O rizoma é uma memória de curto prazo e não uma memória de longo prazo (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O rizoma é constituído de platôs (DELEUZE; GUATTARI, 1987). “Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de modo a formar e estender um rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 2, tradução nossa). *Mil Platôs* não contém capítulos, ele é feito de quinze platôs, sendo que tais platôs podem ser lidos de forma independente, exceto a conclusão que deveria ser lida por último (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

Os autores dedicaram um platô justamente para tratar de seu pensamento espacial, trata-se do platô sobre o liso e o estriado. O espaço liso é um espaço nômade, desestratificado, desterritorializado, intensivo, direcional, sem centro, sem medida, aberto, amorfo, informal, onde a máquina de guerra é desenvolvida (DELEUZE; GUATTARI, 1987). A máquina de guerra é definida pelos autores como um agenciamento linear que tem por base linhas de fuga. Os autores explicam que, embora o termo “guerra” esteja presente no conceito, a máquina de guerra não tem por objeto a guerra, pois seu objeto é o espaço liso. O espaço liso é molecular, ele é ocupado por acontecimentos, é um espaço de afetos, ele tem alta potência de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O espaço estriado é um espaço sedentário, extensivo, formal, dimensional, centrado, métrico, fechado, estratificado,

codificado, molar, territorializado, instituído pelo aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O espaço estriado é ocupado por coisas já formadas, é um espaço de propriedades, ele tem baixa potência de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Os autores salientam que ambos espaços não estão separados um do outro, já que pode existir uma mistura entre eles. O espaço liso pode se tornar estriado, assim como o estriado pode se tornar liso (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

Assim, a dualidade explanada pelos autores é mais complexa do que qualquer modelo simplista poderia imaginar. Essa dualidade está presente ao longo dos quinze platôs da obra. Por exemplo, quando os autores apresentam o corpo sem órgãos. O corpo sem órgãos não é um conceito, é uma experimentação (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O corpo sem órgãos é um plano de consistência, um platô, e tem como seu contrário o organismo que é a organização dos órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Os autores se referem não somente ao aspecto biológico dos corpos, como também ampliam a experimentação do corpo sem órgãos para esferas mais amplas e abstratas, como um livro ou a própria terra. Os autores ainda salientam que há a dinâmica na qual o organismo se transmuta em corpo sem órgãos e o corpo sem órgãos se transforma em organismo, como em uma territorialização que se desterritorializa e reterritorializa. Esses três aspectos se encontram na noção de ritornelo (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O ritornelo se trata do espaço sonoro e da territorialidade inerente a tal espaço (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O ritornelo é o canto dos pássaros que se utilizam do espaço sonoro para marcar territórios (DELEUZE; GUATTARI, 1987). O ritornelo pode ser definido ainda como “todo conjunto de matérias de expressão que delimita um território [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 323, tradução nossa). O território é secundário em relação ao espaço, pois o foco está em saber como os espaços se alisam e se estriam.

Isso se dá por meio das operações de estriagem e de alisamento, que demonstram o caráter dinâmico dos dois espaços. As operações equivalem às práticas discutidas no capítulo sobre os EBP, ou seja, as operações estão relacionadas às rotinas e repetições, mas repetição da diferença (DELEUZE; GUATTARI, 1987). As operações envolvem uma série de elementos, como objetos materiais, corpos e afetos. Além disso, as operações envolvem algum praticante para transportá-las e

performa-las. Por exemplo, a respeito das operações de alisamento, Deleuze e Guattari (1987, p. 382, tradução nossa) explicam que os nômades são transportadores dessas operações que transformam espaços lisos em espaços lisos, “eles acrescentam mais deserto ao deserto, mais estepe à estepe, por uma série de operações locais cuja orientação e direção não para de mudar”. Essas operações locais são práticas diversas, como habitar e caminhar no deserto.

Os autores trabalham com seis modelos para mostrar como a dinâmica dos espaços lisos e estriados se manifesta em diferentes áreas, são eles: modelo tecnológico, modelo musical, modelo marítimo, modelo matemático, modelo físico e modelo estético. No modelo tecnológico, Deleuze e Guattari (1987) chamam o tecido de espaço estriado e, para isso, eles lembram da comparação platônica da tecelagem com a política ou arte de exercer o aparelho de Estado, ou seja, ao ser comparado com a política de Platão (vista como ciência régia dominante), o tecido acaba sendo identificado como um espaço do tipo estriado. Por outro lado, o feltro é visto pelos autores como um espaço liso, por ser aberto, ilimitado em suas direções, não ter centro, nem meio, nem avesso, e se distribuir por variação contínua. Entre o tecido e o feltro, existem variações que envolvem ambos tipos de espaço. Além disso, outras oposições ilustram a forma dos dois espaços no modelo tecnológico, como a oposição entre o bordado e a colcha de retalhos, sendo o bordado mais estriado e a colcha de retalhos um espaço mais liso.

No modelo musical, Deleuze e Guattari (1987) explicam a origem das expressões liso e estriado, advindas da obra do maestro e teórico musical francês Pierre Boulez. Nesse modelo:

[...] o estriado é o que mistura fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formas distintas, organiza as linhas melódicas horizontais e os planos harmônicos verticais. O liso é a variação contínua, é o desenvolvimento contínuo da forma, é a junção da harmonia e da melodia em favor de um abandono de valores propriamente rítmicos, é o puro traçado de uma diagonal por meio da vertical e horizontal (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 478, tradução nossa).

No modelo marítimo, os autores se concentram no mar, tratado como espaço liso por excelência, mas que se viu entregue aos processos de estriagem há séculos, principalmente com as navegações, fato que levou os autores a escolherem a data de 1440 como título do platô sobre o liso e o estriado, sendo que tal época

representou os empreendimentos marítimos portugueses. Nesse modelo marítimo, Deleuze e Guattari (1987) diferenciam a navegação nômade de uma navegação estriada. A primeira é empírica marcada pelas sensações envolvendo ventos, ruídos, sons e cores do mar; a segunda, no entanto, é geométrica, baseada em latitudes, pontos, mapas, meridianos e paralelos (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

No modelo matemático, Deleuze e Guattari (1987) explicam sobre o liso e o estriado por meio da diferenciação entre o espaço euclidiano e o espaço de Riemann. O primeiro está ligado a uma ciência régia maior, enquanto o segundo se trata de uma ciência nômade menor (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Fazendo uma aproximação com o modelo tecnológico, os autores explicam que o espaço de Riemann se trata de uma colcha de retalhos. Os autores ainda contrastam o número numerado (estriado) do número numerante (liso). E é nesse modelo que os autores alertam que ambos lados da dualidade, liso e estriado, apresentam uma dependência entre eles, ou seja, a ciência régia tem como inspiração a ciência nômade, e essa não seria nada sem as exigências científicas daquela. Por fim, os autores mostram que a definição matemática do espaço liso se encontra nos objetos fractais do matemático Mandelbrot.

No modelo físico, Deleuze e Guattari (1987) se dedicam a discutir uma física voltada para a estriagem e uma física das turbulências voltada para o espaço liso. Também discutem a distinção entre trabalho e ação livre. O trabalho é discutido tanto como um conceito físico, quanto um conceito socioeconômico. Os autores fazem a ligação do trabalho com o espaço estriado e o aparelho de Estado. Já a ação livre está ligada ao espaço liso, como no caso dos nativos colonizados que se organizavam em espaço liso, resultando em sua resistência em se entregar aos processos de estriagem do trabalho organizado pelos europeus. Por fim, Deleuze e Guattari (1987) atualizam alguns pontos da discussão marxista do trabalho. Segundo os autores, com os avanços do capitalismo, a alienação humana pelo trabalho seria substituída por uma servidão maquínica generalizada, onde a mais-valia aconteceria independentemente de qualquer trabalho (envolvendo crianças, aposentados, desempregados, *etc.*), operando por meio de um processo qualitativo complexo, envolvendo mídia, entretenimento, entre outras semióticas.

No modelo estético, Deleuze e Guattari (1987) exploram a arte nômade em contraposição à arte sedentária. Para isso, os autores escolhem noções para cada tipo de arte e as colocam em oposição. A arte nômade é definida pelas noções de háptico e visão aproximada (DELEUZE; GUATTARI, 1987). A arte sedentária é entendida a partir das noções de óptico e visão distanciada (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Os autores mostram que há a passagem de um espaço ao outro, pois eles não estão separados, é uma relação de dualidade. Os autores citam a lei do quadro, ou seja, um quadro é pintado com a visão aproximada do artista e ao mesmo tempo ele é apreciado pela visão distanciada do observador. É a passagem do liso ao estriado (DELEUZE; GUATTARI, 1987). É a mesma lógica do escritor que produz com a memória curta e o leitor que consome a obra com a memória longa (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Além disso, há uma terceira oposição de conceitos do campo artístico que é explorada pelos autores, que se trata da linha abstrata e da linha concreta. A linha abstrata é nômade, ela representa o afeto do espaço liso (DELEUZE; GUATTARI, 1987). A linha concreta está ligada ao lado da estriagem na dualidade (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Por fim, os autores alertam que as duas primeiras oposições estão subordinadas à terceira, que tem seu princípio guardado na diferença espaço liso e espaço estriado.

Ao final do platô acerca do liso e do estriado, os autores enfatizam que essa não é a quantidade limite de modelos, pois podem existir inúmeros modelos capazes de mostrar como a dualidade dos espaços se desenrola. Como exemplo empírico da dinâmica espacial, Deleuze e Guattari (1987) citam o caso da cidade como um espaço estriado por excelência. No entanto, ao passo que há estriagem espacial por toda a cidade, ela pode liberar espaços lisos, por exemplo, com as formas trogloditas de ocupação da cidade por meio de manifestações em suas ruas ou no caso das favelas com suas moradias irregulares espalhadas pelo emaranhado citadino. Em suma, o liso e o estriado representam as duas faces de uma mesma dinâmica (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Os autores enfatizam que o foco está nas passagens de um ao outro, que ocorrem em operações (práticas), no exercício de forças que atuam sobre os espaços e nos movimentos que resultam de tais exercícios. Ou seja, observa-se que essa concepção de espaço está atrelada a uma perspectiva dinâmica, de movimentos, do devir da realidade, de uma visão processual da prática.

Em virtude disso, argumenta-se que essa concepção do espaço é de suma importância para uma abordagem distinta para tratar de espaço nos estudos organizacionais, que é o que se pode chamar de abordagem do espaço-como-prática. Essa abordagem se difere de todas as formas com as quais o espaço foi tratado ao longo da literatura organizacional. Trata-se de uma articulação entre a temática do espaço com a perspectiva da prática. O foco está em pensar o espaço a partir da prática, ou seja, o intuito é acrescentar o espaço na discussão sobre práticas da mesma forma que temáticas como estratégia, conhecimento, aprendizagem e tecnologia são acrescentadas para serem analisadas a partir do idioma da prática.

Alguns estudos recentes emergiram com a proposta próxima à visão deste estudo. Raulet-Croset e Borzeix (2014), por exemplo, construíram o conceito de espaço na prática ou *space in practice*. Nesta dissertação, prefere-se adotar a noção de espaço-como-prática ou *space-as-practice*, como fazem Faria e Leite-da-Silva (2017)¹. Raulet-Croset e Borzeix (2014), ao trabalharem com aquela noção, acabam tomando o espaço e a prática como duas instâncias separadas. Esta dissertação busca evitar a separação que pode se aproximar de uma separação cartesiana de corpo e mente. Defende-se que o espaço não é uma coisa que se localiza em alguma prática. O espaço é uma prática. O uso do hífen na expressão *space-as-practice* tem a influência da estratégia linguística de Heidegger (2005), quando trabalha com conceitos como a noção de ser-no-mundo. O uso do hífen em *space-as-practice* tem a intenção de mostrar a unidade do fenômeno, ou seja, o objetivo é trabalhar com a ideia de que espaço e prática são inseparáveis.

Na abordagem do espaço-como-prática, concepções ontológicas, teóricas e metodológicas precisam de reflexões específicas que se adequem à abordagem. Em termos ontológicos, cabe discutir a natureza do espaço, isto é, interessa perguntar sobre o que é o espaço enquanto espaço que é prática. Na perspectiva da prática, o espaço deixa de ser tratado como algo estático e acabado, e passa a ser entendido como algo dinâmico que está a todo momento sendo construído, desconstruído e reconstruído. O substantivo espaço é abandonado em favor da adoção do verbo

¹Um esboço de algumas ideias apresentadas nesta revisão de literatura foi apresentado em formato de trabalho teórico no evento XX Seminários em Administração da USP.

espacializar. O espaço deixa de ser uma entidade para se tornar aquilo que praticantes (ou “espacializadores”) realizam cotidianamente.

A transição de um substantivo para um verbo é semelhante àquilo que ocorre com a noção de organização, quando ela é substituída pela noção de *organizing*, representando uma mudança ontológica (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Sobre essas duas formas de analisar a organização, hatch (2011) faz uma analogia com o princípio da dualidade da matéria na Física. Segundo a autora, em Física, a matéria pode ser vista como uma partícula ou uma onda, pois o que define a forma como a matéria é vista é o experimento assumido pelo cientista. Da mesma forma, ocorre que a organização pode ser vista como uma entidade ou uma coleção de processos, atividades e práticas em constante mudança. No caso do espaço, alguns autores estrangeiros que deram os primeiros passos em direção a uma abordagem do espaço-como-prática têm trabalhado com termos alternativos para discutir espaço, como os termos *spacing* (BEYES; STEYAERT, 2012; MENGIS; NICOLINI; GORLI, 2018) e *spatial organizing* (MUNRO; JORDAN, 2013). Em ambos termos, a tendência é trazer uma ideia de movimento, de prática e de processo para a análise do espaço. Essa mudança ontológica tem implicações teóricas e metodológicas.

No lado teórico da abordagem do espaço-como-prática, a recomendação é adotar teóricos compatíveis com essa concepção dinâmica do espaço. Na literatura das Ciências Sociais e da Filosofia é possível encontrar algumas propostas nesse sentido, como é o caso do Gilles Deleuze, filósofo do espaço que servirá de base para as análises a serem desenvolvidas nesta dissertação. Gilles Deleuze tem sido um autor ainda não explorado em todo seu potencial na literatura de práticas. Na realidade, diversos artigos e capítulos de livros que se propõem a apresentar o campo das teorias da prática constroem quadros e tabelas com teóricos sociais que podem ser utilizados como embasamento para as pesquisas na área, mas quase sempre Gilles Deleuze não é citado entre tais teóricos. Bispo (2013), por exemplo, constrói um artigo fundamental para a introdução ao campo das práticas nas pesquisas brasileiras e apresenta alguns teóricos possíveis, como Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Harold Garfinkel e Bruno Latour; Gilles Deleuze, no entanto, não aparece no artigo.

Apesar da marginalidade de Gilles Deleuze ao longo do recente retorno à prática, alguns artigos têm buscado contribuições nas obras do filósofo. Gherardi (2015), por exemplo, buscou em *Mil Platôs* a contribuição advinda do conceito de agenciamento para superar uma lacuna na literatura de práticas. A lacuna discutida pela autora se trata do problema sobre se as práticas têm agência. Para isso, ela busca o termo agenciamento como forma de descobrir um novo vocabulário para teorizar sobre as práticas de outra forma. A autora prefere utilizar o termo original em francês *agencement* por achar que sua tradução para o inglês com o termo *assemblage* transforma o conceito em algo estático, em vez de denotar algo em movimento e em conexão com outras coisas.

Ainda segunda a autora, a vantagem do conceito de *agencement* para a abordagem da prática nos estudos organizacionais está na maneira pela qual a noção de agência é repensada como resultado do processo de estabelecimento de conexões e relações materiais entre humanos e não humanos nos processos de organizar. Em outro artigo, Gherardi (2017) discute sobre a articulação entre a virada para a prática e a virada para o tema do afeto. A autora traz argumentos para mostrar as razões e as formas pelas quais o afeto se torna algo importante para a literatura sobre práticas. O entendimento de afeto assumido pela autora é a visão deleuziana de afeto. O afeto difere do sentimento, pois enquanto este é uma emoção resistente, aquele se trata de um fluxo veloz capaz de proporcionar afetações (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Em suma, o que esses estudos da autora têm mostrado é o mundo de possibilidades a ser explorado pelos pesquisadores da prática interessados nas contribuições deleuzianas.

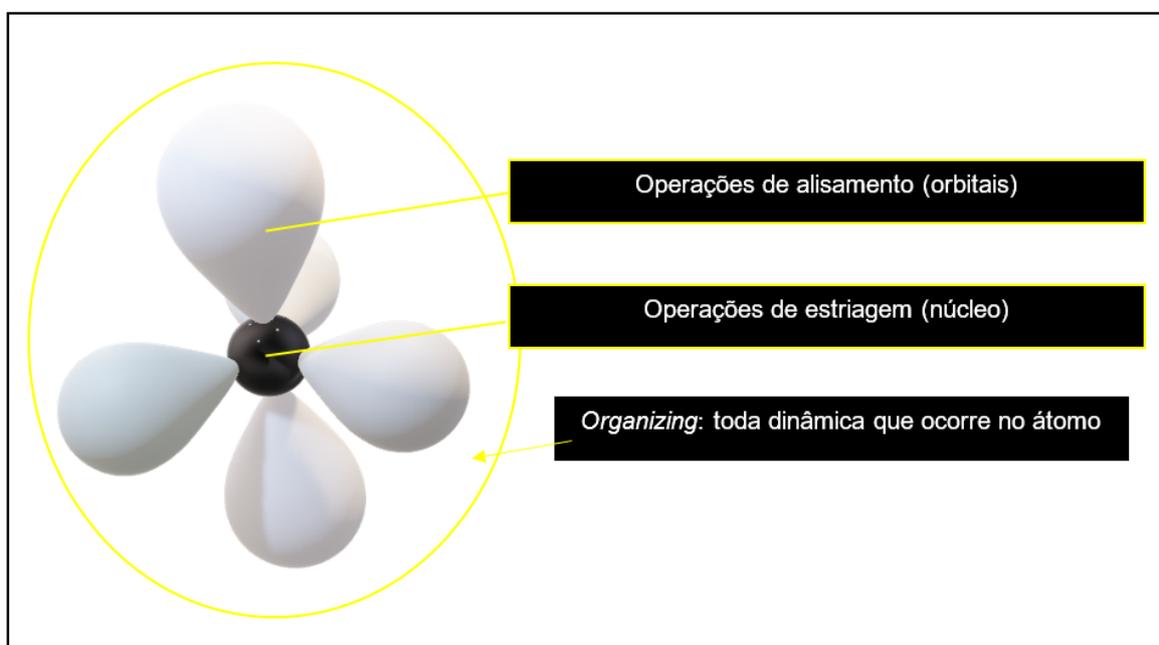
Acerca das implicações metodológicas da concepção ontológica dinâmica da abordagem do espaço-como-prática, argumenta-se que as pesquisas dessa abordagem precisam se concentrar nas discussões metodológicas dos estudos sob a perspectiva da prática. Alguns pesquisadores da prática têm sugerido métodos específicos para as pesquisas nessa abordagem. O estudo de Bispo (2015) é um exemplo ao apresentar alguns métodos e técnicas para as pesquisas da prática. Uma das técnicas destacadas por Bispo (2015) é a *shadowing*, que pode ser entendida como “uma técnica de pesquisa que envolve um pesquisador seguindo um membro de alguma organização por um período de tempo estendido” (MCDONALD, 2005, p. 456, tradução nossa). Essa técnica é importante para os

estudos sob a perspectiva da prática por possibilitar que pesquisadores sigam os praticantes para entender as práticas por meio do movimento de aproximação e afastamento da prática (BISPO, 2015). Outras técnicas apresentadas por Bispo (2015) foram a praxiologia de Pierre Bourdieu e a entrevista com o dublê. Os métodos são diversos e têm emergido novos métodos com os avanços na literatura desse campo em construção. Relevante é compreender que os métodos específicos para essa perspectiva precisam se conectar e fazer sentido com os pressupostos filosóficos que permeiam o idioma da prática.

Em conclusão, esses pressupostos ontológicos, teóricos e metodológicos representam a base sobre a qual as pesquisas da abordagem do espaço-como-prática podem ser conduzidas.

5. ESQUEMA CONCEITUAL

Figura 1 – Esquema conceitual sobre a noção de espacializar



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Deleuze e Guattari (1987) dão continuidade a uma discussão sobre a noção de ritmo e como essa noção se diferencia da noção dominante de medida. Para isso, os autores se utilizam da noção de átomo para mostrar como o ritmo está mais para um conjunto não métrico do que métrico.

E se o atomista Demócrito é um dos pensadores que empregam ritmo no sentido de forma, não se pode esquecer que isso é feito em condições muito precisas de flutuação, e que as formas de átomos são conjuntos não métricos, espaços lisos tais como o ar, o mar ou a terra [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 363-364, tradução nossa).

O modelo atômico utilizado pelos autores se trata do modelo do átomo antigo, de Demócrito a Lucrécio. Tal modelo é diferente do modelo da ciência moderna. Para os gregos antigos, o átomo representava as maneiras de pensar próprias dos gregos (REALE; ANTISERI, 2003). Um átomo era visto como uma forma e era indivisível, diferenciando-se de outros átomos por figura, ordem e posição, podendo variar ao infinito e sendo visível apenas pelo intelecto e não pelos sentidos (REALE; ANTISERI, 2003).

Com os avanços da ciência moderna, a visão antiga sobre o átomo foi abandonada, embora tenha servido de inspiração. O primeiro modelo científico de átomo surgiu com os trabalhos do cientista John Dalton (EBBING; GAMMON, 2009). Ele postulou que toda matéria é composta por partículas indivisíveis, maciças e esféricas chamadas de átomos (EBBING; GAMMON, 2009). Posteriormente, cientistas como Joseph Thomson, Eugen Goldstein, Ernest Rutherford e Chadwick mostraram que o átomo não era indivisível, já que era constituído por partículas ainda menores (EBBING; GAMMON, 2009). Em 1913, o cientista Niels Bohr construiu outro modelo atômico, com elétrons (partículas negativamente carregadas) circulando em torno do núcleo do átomo (positivamente carregado e formado por prótons e nêutrons) por meio de órbitas (EBBING; GAMMON, 2009).

Diferente desse modelo de Bohr, o modelo adotado nesta dissertação parte das contribuições da mecânica quântica a partir dos trabalhos de cientistas do século XX, tais como Louis De Broglie, Werner Heisenberg e Erwin Schrodinger. De Broglie contribuiu com o princípio da dualidade do elétron em um átomo, que se apresenta ora como onda, ora como partícula (EBBING; GAMMON, 2009). Além disso, segundo o princípio da incerteza de Heisenberg, não se pode saber com exatidão e no mesmo instante a posição e a velocidade de um elétron (EBBING; GAMMON, 2009). Assim, a noção de órbita é abandonada em favor da noção de orbital, vista como a região em torno do núcleo atômico onde existe somente chances (probabilidades) de se encontrar o elétron (EBBING; GAMMON, 2009). O modelo atômico adotado se mostra compatível com a perspectiva dinâmica do espacializar desta pesquisa pelo fato dele se apresentar como o que Deleuze e Guattari (1987) chamam de física das mltas e das turbulências. As regiões orbitais foram identificadas com as operações de alisamento. O núcleo foi identificado com as operações de estriagem e toda a dinâmica do átomo se refere aos processos de organizar. O espacializar, portanto, é constituído a partir da complexidade inerente à articulação entre as três partes.

Neste estudo, a prática a ser desvendada é o espaço. Essa prática está em todas as partes do social, de modo que se poderia pesquisar, por exemplo, o espaço na empresa, o espaço na universidade, o espaço na escola, o espaço na igreja, o espaço no hospital, o espaço no partido político, o espaço no sindicato, o espaço no exército, o espaço no clube de futebol, o espaço no movimento social, o espaço na

bolsa de valores, o espaço no metrô, o espaço na escola de samba, o espaço no cinema, entre tantos outros espaços. No caso desta pesquisa, o foco está em desvendar o espaço na feira. No entanto, o espaço não existe. Isso porque o espaço não é uma entidade, ou seja, o espaço não é algo estático e acabado. Pelo contrário, o espaço só pode ser apreendido em seus eternos movimentos, na medida em que o espaço se encontra em um processo ininterrupto de devir espaço. O que está, desde sempre, em circulação nos fluxos do real são os processos de espacializar. Importante é entender as maneiras com as quais esses processos ocorrem em seus diversos contextos organizativos. Neste estudo, o interesse está no espacializar em uma feira. Buscar-se-á desvendar como ocorre o devir feira com o florescer do espacializar.

É possível entender o espacializar como um conceito rizoma. O espacializar é aberto. Ele pode ser apropriado de diferentes maneiras. Pode-se dizer também que o espacializar é um *software* e um *hardware* de código aberto. Como se o espacializar fosse um Arduino. O Arduino é um *hardware* livre, ele é uma plataforma de código aberto que tem a proposta de empoderar seus usuários para adapta-la de acordo com suas preferências. Existem inúmeras possibilidades de criação com a plataforma Arduino. Assim também ocorre com o espacializar, porquanto inúmeros teóricos podem ser utilizados para delinear as formas de tal conceito. Destarte, os componentes do espacializar serão alterados de acordo com o teórico em uso. No caso deste estudo, o espacializar está sendo trabalhado a partir das contribuições de Deleuze e Guattari (1987). Em virtude disso, são as operações de estriagem e alisamento que constituem o espacializar. Embora cada uma dessas operações possua suas próprias dinâmicas que diferem consideravelmente entre si e que podem ser analisadas de forma separada, não se pode esquecer que tais operações estão imbricadas. O núcleo de um átomo está em interação com os orbitais, prótons e elétrons se interagem por meio da força de atração de cargas eletricamente distintas (EBBING; GAMMON, 2009). Por fim, para completar os constituintes da noção de espacializar adotada neste estudo, é necessário entender como são continuamente arranjadas as partes do contexto onde ocorrem a estriagem e o alisamento. Isso se dá por meio do entendimento dos processos organizativos do contexto, que neste caso se referem aos processos de organizar no contexto da feira, onde se encontram elementos humanos e materiais articulados de forma a

permitir que essa feira seja identificada enquanto organização com a estabilização dos fluxos. Não basta analisar a formação do núcleo e dos orbitais atômicos, é necessário compreender os diversos processos de organizar que ocorrem nessas partes do átomo (EBBING; GAMMON, 2009). É necessário entender, por exemplo: os números quânticos primário e azimutal (relacionados com o nível de energia dos elétrons), a quantidade de elétrons em cada orbital, se a rotação de cada elétron está no sentido horário ou anti-horário, entre tantos outros mecanismos de organização das partículas (EBBING; GAMMON, 2009).

6. ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Este estudo aborda o espaço no contexto organizativo a partir da perspectiva da prática, além de se valer das contribuições do pensamento espacial deleuziano. Na perspectiva da prática, pesquisadores da área (e.g. BISPO, 2015; GHERARDI, 2012) têm argumentado em favor da utilização de métodos qualitativos para a realização das pesquisas sobre prática. Um dos pontos centrais para tal indicação é o de que a perspectiva da prática apresenta como uma de suas características a rejeição e a crítica ao pensamento racionalista e aos modelos racionais de pesquisa construídos para interpretar o social (GHERARDI, 2012). Assim, os métodos quantitativos e seus modelos racionais não se mostram tão adequados quanto os métodos qualitativos para as análises baseadas em prática. Além disso, acerca do pensamento deleuziano, concorda-se com a visão de Cavalcanti (2016, p. 189) de que a ontologia deleuziana é incompatível com pesquisas quantitativas, pois elas “[...] já partem de uma visão objetiva de mundo, e que têm a generalidade como prerrogativa”. Com o uso do pensamento deleuziano em pesquisas aplicadas, “[...] o conhecimento é tido como algo que só pode ser construído a partir de um sujeito empírico, que experimenta, [...] que vai além do que lhe é dado [...]” (CAVALCANTI, 2016, p. 189). Em virtude disso, esta pesquisa foi de natureza qualitativa.

Embora o esquema conceitual explanado no capítulo anterior tenha como cerne contribuições da Física com seus modos racionais de pensamento, argumenta-se que isso não se torna incompatível com as críticas elencadas pelos pesquisadores da prática. Aceitou-se a recomendação pelo caminho dos métodos qualitativos, porém trabalhou-se também com o modelo físico. Há aqui duas formas científicas explanadas por Deleuze e Guattari (1987): uma ciência régia, ciência maior, dominante, do aparelho de Estado; e uma ciência nômade, ciência menor, dominada, da máquina de guerra. Ambas ciências estão em uma relação de imbricação (DELEUZE; GUATTARI, 1987). A ciência maior pode se apropriar da ciência menor para ter uma fonte de inspiração; e a ciência menor, por seu turno, pode até afrontar a ciência maior, mas passa por ela, pois “a métrica dos espaços estriados é indispensável para traduzir os elementos estranhos de uma multiplicidade lisa” (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 486, tradução nossa). Ademais,

nos estudos sob a perspectiva da prática, é notória a utilização como fonte de inspiração modelos oriundos de ciências que poderiam ser consideradas ciências de Estado. É o caso, por exemplo, da abordagem da estratégia como prática, em que Jarzabkowski, Balogun e Seidl (2007) se utilizam do diagrama do matemático britânico John Venn para montar o esquema conceitual da abordagem. Mas essas apropriações de esquemas das ciências maiores são apenas formas alegóricas para aplicar em pesquisas qualitativas.

Nesse tipo de pesquisa, privilegia-se a busca por entendimento e significado, o pesquisador se torna um instrumento de coleta e análise dos materiais empíricos, a estratégia de investigação é indutiva e o resultado da pesquisa é profundamente descritivo (MERRIAM, 2002). Como estratégia de investigação, adotou-se a “pesquisa qualitativa básica”, onde se busca “descobrir e entender um fenômeno, um processo, as perspectivas [...] das pessoas envolvidas, ou a combinação disso” (MERRIAM, 2002, p. 6). Todavia, compartilha-se com Denzin e Lincoln (2018) o entendimento de que o pesquisador qualitativo é um *bricoleur* (praticante criativo) que pode inventar novos caminhos metodológicos ou reinventar caminhos já existentes. Nesse caso, a pesquisa qualitativa básica foi adaptada ao contexto dos estudos de práticas. Assim, a característica meramente descritiva foi questionada, pois as práticas podem ser explicadas analiticamente com maior profundidade, em vez de serem apenas registradas (NICOLINI, 2012).

O *locus* deste estudo foi uma feira. As origens da feira ao longo da história estão nas civilizações antigas, como nas civilizações grega e romana, onde historiadores relatam a presença das primeiras práticas de comércio nas chamadas feiras (COSTA, 2013). Mas é no período medieval que se tem a oficialização das feiras a partir da intervenção do Estado romano nas esferas de fiscalização, disciplina e cobrança de impostos (ALMEIDA, 2009). Peciar e Isaia (2005) explicam que a emergência das feiras durante o renascimento comercial nesse período medieval teve como influência os festejos religiosos que atraíam pessoas de lugares mais distantes possíveis para trocar, comprar e vender inúmeras mercadorias.

No Brasil, de acordo com Mott, citado por Domingues (2016), as origens estão nas relações de troca entre os nativos dessas terras na época da chegada dos europeus. Mott, citado por Domingues (2016), explica ainda sobre os eventos

conhecidos como “paz de mercado”. Segundo Mott, citado por Domingues (2016), as tribos inimigas, de tempos em tempos, suspendiam as guerrilhas para se abastecerem de mercadorias, trocando-as entre si. No período colonial brasileiro, houve um adensamento populacional e as feiras se multiplicaram (PIERRI; VALENTE, 2015). Até os dias contemporâneos, as feiras se mantêm como tradição e estão espalhadas pelos estados brasileiros.

Os estudos envolvendo feiras são relevantes, entre outros fatores, por darem bases para políticas públicas, ofertando informações importantes sobre suas dinâmicas de funcionamento e seus impactos na economia (PIERRI; VALENTE, 2015). Segundo Calíope e Silva Filho (2016) e Martinhago e outros (2013), os impactos são evidentes na medida em que os fornecedores dos feirantes geralmente são as empresas locais, além do fato dos feirantes fazerem sua renda circular nos espaços da economia local. Em virtude da importância das feiras, há inúmeras perspectivas para pesquisa-las. Pierri e Valente (2015) explicam que as feiras podem ser abordadas a partir da Economia, da Geografia, da Nutrição, da Saúde Pública, do Serviço Social, da Antropologia, focando em aspectos como gênero, tempo, consumo, urbanização, entre outras áreas e tópicos.

Na área da Administração, têm sido publicados alguns estudos empíricos realizados em feiras (e.g. SILVA-LACERDA *et al.*, 2016; CALÍOPE *et al.*, 2016; SOUZA *et al.*, 2014). Os estudos dessa área têm definido a feira de diferentes formas. Ângulo (2003) entende as feiras como um dos mais tradicionais instrumentos de varejo. Para Pierri e Valente (2015, p. 11), as feiras “[...] são eventos periódicos, que ocorrem em espaços públicos, aonde [sic] homens e mulheres realizam trocas comerciais de mercadorias, [...] [para] garantir suas condições materiais de vida”. Pierri e Valente (2015) também mostram que a feira pode ser vista como um organismo vivo ou até mesmo um lugar de vivência. Para Calíope e Silva Filho (2016, p. 124), “as feiras são acontecimentos urbanos complexos, cheios de facetas, riquezas e peculiaridades”. Domingues (2016) parte do entendimento de que a feira é mais uma forma de organização, com fronteiras fluidas e efêmera em sua existência.

Como traços características das feiras, Pierri e Valente (2015) apontam que elas apresentam pouca mobilidade de capitais, inexistência de loja física e muita

flexibilidade de mudança de ponto. Gouvêa e Ichikawa (2015) lembram que uma característica peculiar da feira se refere ao espaço físico, já que ele é modificado para a feira acontecer, e depois o arranjo físico retorna a sua forma original. E Miranda, citado por Calíope e Silva Filho (2016), cita as seguintes características da feira: é um local público de comércio; tem temporalidade; é a representação de um comércio informal; tem capacidade de adaptação; é um local de negociação; e produz resultados econômicos para aqueles que precisam de sustento. Entre os tipos de feira, é possível encontrar uma diversidade, sendo os principais tipos, dependendo das mercadorias ofertadas pelos feirantes: a feira de artesanato (CALÍOPE *et al.*, 2016), a feira de alimentos orgânicos (SILVA-LACERDA *et al.*, 2016), a feira de flores (SIQUEIRA *et al.*, 2014), a feira agroecológica (DIAS; SOUZA, 2014), a feira hippie (CARRIERI; SOUZA; LENGELER, 2011), *etc.*

Nesta dissertação, a feira é entendida também como mais uma forma de organização. Assumiu-se que a feira é um acontecimento, um evento. A feira não é vista como uma entidade, algo pronto e estático; e sim como um aglomerado de processos organizativos em construção, desconstrução e reconstrução. A feira está articulada ao espacializar e dele não se separa. Espaço, prática, feira, “espacializar-feira”. Como visto no capítulo anterior, o conceito de espacializar tem como componente os processos de organizar, que fluem em alguma instância. Quando os processos de organizar ocorrem nas feiras, o espacializar sofre mutações capazes de atender às exigências específicas de tal instância, mas também mantém sua habilidade para retornar a sua forma inicial com o intuito de ser aplicado às outras instâncias possíveis.

Este estudo teve como foco a feirinha da Praia da Costa, localizada em Vila Velha, no estado do Espírito Santo. O município de Vila Velha é o berço do estado do Espírito Santo, além de ser um dos municípios mais antigos do Brasil (VILA VELHA, 2017). Já a feira da Praia da Costa se trata de uma tradição cultural do município com mais de trinta anos de história, além de ser uma das atrações turísticas da cidade (MARCARINI, 2014). Os feirantes estão distribuídos em duas categorias: aqueles que vendem lanches e aqueles vendem outros produtos (como roupa, sandália, artesanato de conchas, *etc.*). Essa feira conta com duas associações (uma antiga e uma recente) criadas pelos praticantes feirantes e existem feirantes que não estão estabelecidos em associação alguma. Diante disso, foram selecionados

praticantes pertencentes a cada uma das seguintes situações: membro da associação antiga, membro da associação recente e feirante sem associação. Frequentadores da feira também foram selecionados. Além disso, selecionou-se um representante da prefeitura do município e um representante da associação de moradores. Os critérios para a escolha dos feirantes foram: ter no mínimo três anos de atuação, ter no mínimo um feirante que trabalha com comida e ter no mínimo um feirante que não trabalha com comida. Os critérios para a escolha dos frequentadores foram: ter no mínimo um frequentador residente de Vila Velha e ter no mínimo um frequentador não residente de Vila Velha.

O acesso aos praticantes foi guiado pela técnica da bola de neve (BIENARCKI; WALDORF, 1981), ou seja, o primeiro a ser acessado indicou o segundo, que por sua vez indicou o terceiro e assim por diante. A quantidade de pesquisados foi delimitada pelo critério de saturação, isto é, os praticantes não foram mais selecionados a partir do momento em que os dados começaram a se repetir (MINAYO, 2017). O informante-chave foi definido ao longo das primeiras visitas. Inicialmente foi realizada uma observação de todas as barracas e um feirante foi abordado por conveniência. A preferência se deu por feirante que trabalhava com artesanato de conchas, já que o pesquisador tinha conhecimentos acumulados sobre esse tipo de produto por ter realizado pesquisa empírica sobre isso e, assim, houve maior facilidade para o prosseguimento da conversa inicial.

A produção e a coleta dos materiais empíricos foram realizadas a partir das técnicas de observação, entrevista, *shadowing* e pesquisa documental, ou seja, foram utilizadas três fontes primárias e uma secundária de dados. A observação é entendida como uma técnica de coleta em que “os dados observacionais representam um encontro de primeira mão com o fenômeno de interesse [...]” (MERRIAM, 2002, p. 13, tradução nossa). Merriam (2002) explica que há um contínuo entre a observação participante e a observação não-participante. Esta pesquisa se situa entre os dois extremos, mas com maior tendência para a não-participação. O pesquisador acompanhou os feirantes e frequentadores de perto, mas não chegou a exercer os papéis de cada participante da pesquisa, embora em alguns momentos o pesquisador auxiliou os participantes da pesquisa em suas atividades diárias. As observações ocorreram na própria feira, durante seu horário de funcionamento, ou seja, no período noturno. O pesquisador fez notas de campo

com o uso de aparelho telefônico e os dados registrados foram transferidos para um diário de campo que foi utilizado como fonte empírica coletada por meio observacional. Assim, os participantes da pesquisa que fizeram parte da observação foram todos os feirantes selecionados e todos os frequentadores selecionados. Os representantes da prefeitura e da associação de moradores não foram observados.

A técnica da observação se justifica porque ela contribui para uma pesquisa sobre práticas na medida em que “permite ao pesquisador acessar o campo e examina-lo enquanto as atividades constituintes da prática estão ocorrendo em sua forma naturalística” (BISPO, 2015, p. 316, tradução nossa). Além disso, a observação é de suma importância por colocar o pesquisador no campo como um ator humano dotado de percepções sensoriais, e isso é relevante para se entender as dinâmicas espaciais segundo a visão de Deleuze e Guattari (1987). Isso porque o espaço liso é um espaço de sensações, por exemplo, quando se está perdido dentro de um barco em alto mar (espaço liso por excelência), tem-se a experiência sensorial do barulho do mar, do sopro do vento, dos raios solares, *etc.* (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Por outro lado, quando se está na cidade (espaço estriado por excelência), não se tem as mesmas intensidades de um espaço liso, embora se possa notar alisamentos em tal espaço estriado por meio de ocupações subversivas (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Assim, para esta pesquisa que foi realizada em uma feira (localizada em uma cidade), a observação foi relevante para entender a estriagem e o alisamento a partir do auxílio das sensações as quais o pesquisador esteve entrelaçado.

A segunda técnica de produção de dados que foi utilizada é a entrevista. Para Minayo (2009, p. 64), a “entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo”. Merriam (2002) explica que a entrevista, assim como a observação, possui um contínuo, variando de não-estruturada a estruturada. Nesta pesquisa, utilizou-se entrevista não-estruturada e entrevista semiestruturada. Segundo Merriam (2002), na entrevista não-estruturada, o pesquisador realiza a entrevista com base em tópicos e temas preestabelecidos, mas não há perguntas estruturadas, nem ordenação entre os tópicos. Durante o funcionamento da feira, as entrevistas foram realizadas com todos feirantes e frequentadores selecionados. As informações também foram registradas em notas de campo e, quando possível, as conversas foram registradas

por meio de um gravador para posterior transcrição. Os participantes da pesquisa tiveram seus nomes preservados ao serem identificados por códigos. Os participantes foram perguntados sobre a autorização para a gravação por meio de um termo de consentimento (APÊNDICE A). Em caso de recusa, o pesquisador registrou as informações da conversa por meio de anotações no aparelho telefônico ou em papéis. Já com os representantes da prefeitura e da associação de moradores, a entrevista foi semiestruturada com o uso de gravador, também com o uso do termo de consentimento. Além disso, foi utilizado dois roteiros (APÊNDICE B; APÊNDICE C). O uso da entrevista como técnica de produção de dados nesta pesquisa se justifica pelo fato de que, segundo Bispo (2015), a entrevista captura saberes que os praticantes carregam consigo e, tal técnica é relevante para conhecer aspectos históricos de determinadas práticas. Assim, por meio da entrevista, foi possível, por exemplo, entender, a partir da visão dos praticantes, como a feira tem sido modificada ao longo do tempo.

A terceira técnica de produção de dados é a técnica *shadowing*, vista como “[...] uma técnica de pesquisa que envolve o pesquisador seguindo de perto um membro de uma organização ao longo de um período de tempo estendido” (MCDONALD, 2005, p. 456, tradução nossa). Essa técnica tem especial contribuição para os estudos baseados em prática, pois ela permite que os pesquisadores acompanhem os praticantes para entender as práticas a partir do movimento de aproximação e distanciamento do contexto estudado (BISPO, 2015). McDonald (2005) explica que a *shadowing* pode durar desde um dia inteiro até um mês ou mais. Nesta pesquisa, apenas um informante-chave feirante e um frequentador foram seguidos. O acompanhamento foi realizado durante uma semana de trabalho para o feirante e durante um dia no caso do frequentador. As informações foram anotadas no aparelho telefônico do pesquisador para posterior transcrição em um computador e também em papéis.

A quarta técnica utilizada foi a pesquisa documental. Merriam (2002) explica que os documentos podem ser escritos, orais, visuais, *etc.* A relevância dos documentos para pesquisa sobre práticas reside no fato de que eles podem auxiliar a compreender como se materializam algumas práticas e eles podem exprimir aspectos perdidos durante a observação (BISPO, 2015). Nesta pesquisa, os documentos utilizados foram as fotos e documentos coletados na prefeitura da

cidade, tanto fisicamente quanto por meio eletrônico no site governamental. Além disso, utilizou-se documentos coletados em redes sociais. No geral, os documentos se constituíram principalmente de leis, notícias e postagens em redes sociais.

Os materiais empíricos produzidos e coletados foram tratados e analisados por meio da análise espiral de dados (CRESWELL, 2007). A análise espiral de dados se trata de um método de análise constituído de oito etapas: gestão dos dados, leitura, memorização, descrição, classificação, interpretação, representação e visualização (CRESWELL, 2007). Tais etapas não são executadas de forma linear, já que os pesquisadores precisam trabalhar ao longo do processo com a ideia de círculos analíticos, daí a denominação de análise espiral (CRESWELL, 2007).

Na etapa de gestão dos dados, as informações produzidas ao longo da permanência em campo e coletadas pelos instrumentos de coleta foram armazenadas e organizadas em dispositivos informáticos. Criou-se uma pasta de arquivos no computador pessoal do pesquisador, especialmente para o armazenamento dos arquivos. Os arquivos das entrevistas gravadas foram transferidos do gravador para a pasta. As notas de campo das entrevistas não gravadas e registradas no aparelho telefônico também foram transferidas para a pasta no computador. E as notas de campo feitas em papéis foram transcritas no computador e armazenadas na pasta. O diário das observações também foi inserido na pasta, assim como o diário da técnica *shadowing*. Os documentos obtidos pela internet também foram inseridos na pasta e os documentos físicos foram guardados em uma pasta física, tendo apenas suas fotos armazenadas na pasta digital. As fotografias também foram transferidas do aparelho telefônico para a pasta do computador. Dentro dessa pasta virtual foram criadas outras pastas para organizar os arquivos. Os arquivos foram numerados e codificados. O pesquisador utilizou dispositivos de armazenamento externo para produção de cópias de segurança dos arquivos.

A etapa da leitura consistiu de uma leitura integral de todos os dados. Para a memorização, outra leitura foi realizada e observações foram anotadas. Na etapa de descrição, o pesquisador atualizou os diários adicionando mais detalhes que não haviam sido registrados no momento da coleta. Além disso, o pesquisador escreveu pequenos textos descrevendo fragmentos relevantes das entrevistas e dos documentos. Na etapa de classificação, utilizou-se um *software* de planilhas para

encontrar categorias por temas. Fragmentos similares foram agrupados por categoria e dez categorias foram encontradas. Ao final, conseguiu-se reduzir as dez categorias em quatro, já que algumas categorias eram similares. A etapa de interpretação consistiu-se de um retorno à revisão de literatura para ler os dados e as categorias a partir da literatura trabalhada no estudo. Na realidade, essa etapa esteve presente desde etapas anteriores, por isso que se disse que a análise não seguiu uma lógica linear. E nas duas últimas etapas, representação e visualização, utilizou-se apenas a forma textual para apresentar os resultados do estudo.

Esse método de análise tem a capacidade de ser trabalhado em diversas estratégias metodológicas, assim como Creswell (2007) exemplifica com as estratégias de estudo de caso, etnografia, pesquisa narrativa e pesquisa fenomenológica. No caso de um estudo qualitativo básico abordando a perspectiva da prática tal premissa não é diferente. Até pela questão de romper com a visão linear, típica de uma análise positivista, e focalizar na ideia de círculos, a análise espiral se compatibiliza com a concepção dinâmica das práticas. Isso porque o idioma da prática busca se colocar como alternativa à concepção positivista de se fazer pesquisa em Ciências Sociais, principalmente na área dos Estudos Organizacionais.

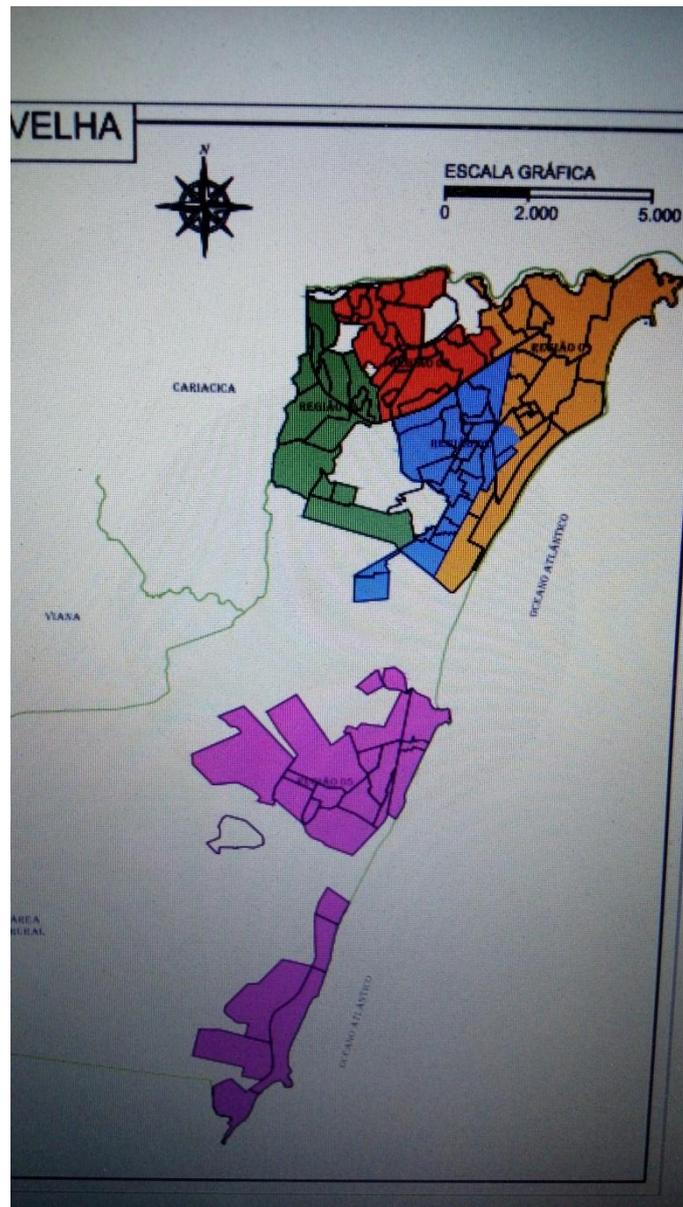
7. RESULTADOS DA PESQUISA

O estudo foi realizado no município de Vila Velha no estado do Espírito Santo. Historicamente, o local era habitado pelos índios goitacás e tupiniquins, e foi o primeiro local no qual os portugueses pisaram em terras capixabas, devido a chegada da nau liderada por Fernandes Coutinho em 1535 no atual bairro da Prainha (DOCUMENTO 10). A denominação “Vila Velha” surgiu em 1549 depois que os portugueses se mudaram para a ilha vizinha (atual capital do estado) a denominaram de “Vila Nova” (hoje Vitória) e a antiga moradia de “Vila Velha” (DOCUMENTO 10). No quadro atual do município, a população estimada para o ano de 2018 foi de 486208 habitantes, a parcela da população ocupada no mercado formal de trabalho para o ano de 2016 foi de 23,8%, a taxa de escolarização da população para o ano de 2010 foi de 96,8%, o índice de desenvolvimento humano municipal para o ano de 2010 foi de 0,8 e o tamanho do território calculado foi de 209,97 km² (DOCUMENTO 11).

A economia do município é movimentada principalmente pelo setor de serviços, responsável por 78,62% da riqueza produzida, seguido da indústria (21,18%) e da agricultura (1%) (DOCUMENTO 11). Na área industrial, destaca-se a fábrica da empresa de chocolates Garoto, a indústria de confecção e a indústria da construção civil (DOCUMENTO 12). Na área de comércio e serviços, a cidade conta com um *shopping* a céu aberto conhecido como polo de modas Glória e com três grandes *shoppings centers*, além de uma rede hoteleira que se estende pela orla das praias da cidade compondo a oferta turística (DOCUMENTO 12).

A economia do município está articulada com os arranjos espaciais dos bairros. A prefeitura estratifica os bairros em cinco regiões, como se observa na Fotografia 1.

Fotografia 1 - Mapa das cinco regiões de Vila Velha



Fonte: Pesquisa documental (2018).

A região 1 em amarelo é composta por 18 bairros, sendo uma das regiões mais valorizadas por abrigar o bairro Glória (polo comercial), o bairro Centro e a orla com quatro bairros de alto poder aquisitivo na cidade (DOCUMENTO 13). A renda nominal média em 2010 nos bairros Praia da Costa, Praia de Itaparica, Itapuã e Praia das Gaivotas estava em R\$4572, R\$3913, R\$3330, R\$2631, respectivamente (DOCUMENTO 13). A região 2 em azul é composta por 21 bairros e apresentava em 2010 uma renda média nominal total de R\$1375 (DOCUMENTO 13). A região 3 em vermelho é composta por 17 bairros e apresentava em 2010 uma renda média

nominal total de R\$952, contendo alguns bairros com as menores rendas da cidade, como o bairro Zumbi dos Palmares (R\$687) (DOCUMENTO 13). A região 4 em verde é composta por 14 bairros e apresentava em 2010 uma renda média nominal total de R\$1107 (DOCUMENTO 13). A região 5 em roxo é composta por 21 bairros e apresentava em 2010 uma renda média nominal total de R\$1149, contendo alguns bairros com as menores rendas nominais médias, como João Goulart (R\$619) e Terra Vermelha (R\$746) (DOCUMENTO 13). O que se observa é que o espaço estriado da cidade (DELEUZE; GUATTARI, 1987) se segmentariza valorizando espacialmente os estratos mais próximos das praias e, a medida em que se afasta das praias, indo em direção aos “fundos do município”, a pobreza aumenta, resultando em favelas e morros que desestabilizam a estriagem.

É nesse contexto que se articula a feirinha da Praia da Costa. Ela acontece no calçadão da orla do bairro Praia da Costa na curva da sereia, região que faz a ligação entre a avenida Antônio Gil Veloso e a rua Gastão Roubach, como se observa nas Fotografias 2 e 3.

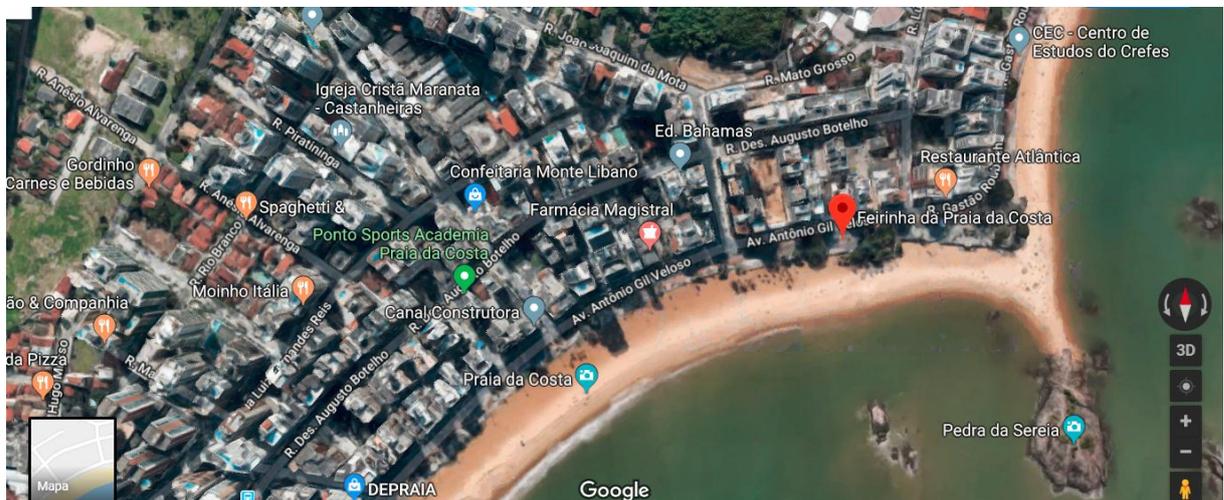
Os tópicos a seguir tratam das categorias resultantes da análise espiral de dados. Embora estejam numerados e ordenados na estriagem das regras de um trabalho acadêmico de modelo arborescente (DELEUZE; GUATTARI, 1987), os tópicos a seguir são platôs. “Cada platô pode ser lido a partir de qualquer espaço e pode ser articulado a qualquer outro platô” (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 2, tradução nossa). Portanto, o leitor pode escolher por qual começar, inclusive a sequência a partir da qual esses platôs foram escritos não se trata necessariamente da sequência pela qual foram apresentados.

Fotografia 2 – Orla onde a feira acontece



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

Fotografia 3 - A localização da feira



Fonte: Google (2019).

7.1. ADMINISTRANDO O ORDINÁRIO: PRATICANDO LOGÍSTICA, MARKETING, FINANÇAS E GESTÃO COM PESSOAS

Este tópico analisa como a feirinha da Praia da Costa se apresenta enquanto processo de organizar. Em vez de se concentrar nos resultados das operações dos praticantes, o foco está nessas operações práticas que acarretam uma aparente estabilização dos fluxos, o que resulta na suposta visão da organização enquanto entidade (HATCH, 2011). A feirinha é entendida não como uma entidade, e sim como um acontecimento resultado de uma coleção de processos heterogêneos e precários (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Entender a Administração dessa forma de organizar é entender os fluxos dos processos de *managing*. Dessa forma, busca-se entender alguns processos ordinários logísticos, de marketing, de finanças e de gestão com pessoas.

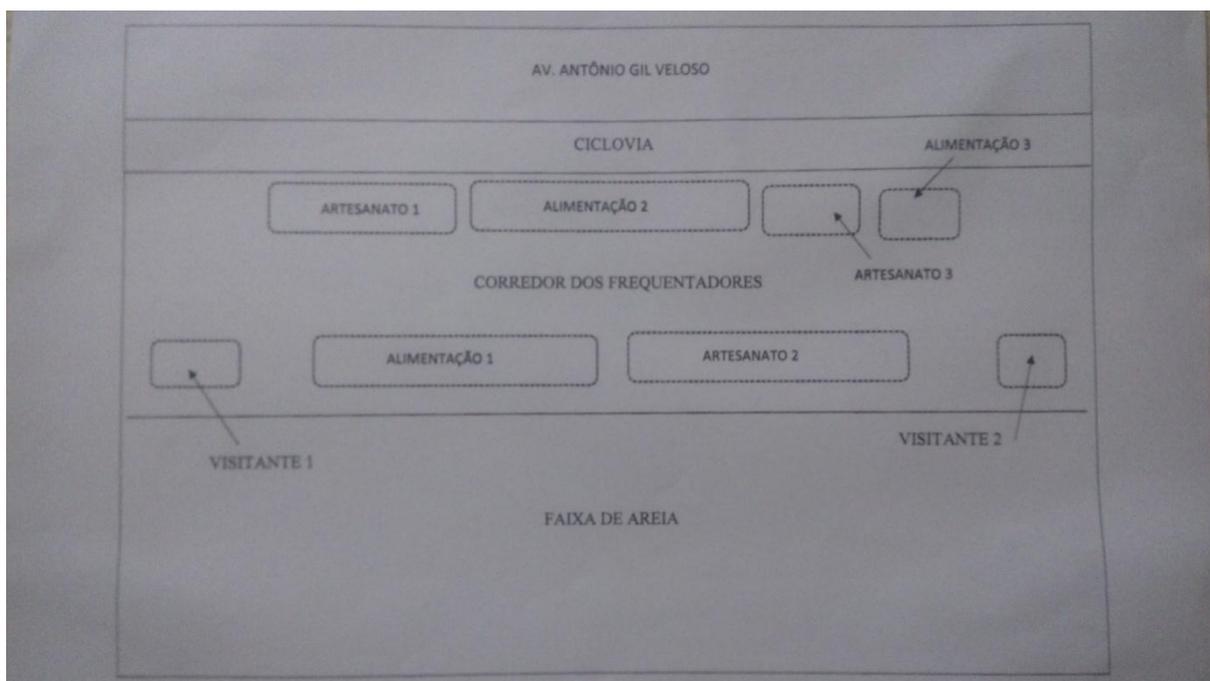
A respeito das práticas logísticas e de operações de produção com foco em bens e serviços, interessa notar como ocorre o *organizing* acerca da localização da feirinha e das barracas, da demanda por frequentadores do espaço, dos estoques de materiais dos feirantes, dos fornecedores dos feirantes e do transporte utilizado.

Como mencionado anteriormente, a feirinha ocorre no calçadão da Praia da Costa na região da curva da sereia na avenida Antônio Gil Veloso. O acesso à avenida se dá por várias ruas laterais do bairro, como a rua Jofredo Novais e a rua Lúcio Bacelar. A avenida Antônio Gil Veloso é via de mão única. O acesso se dá por transporte público, com as linhas de ônibus municipal e da região metropolitana e dois pontos de ônibus localizados próximas à feira; carro, com vagas de estacionamento no local; táxi, com um ponto de táxi perto do local; bicicleta com a faixa de ciclovía estendida em toda a orla da praia; e por caminhada com a extensa faixa do calçadão da orla. O local abriga vários edifícios (alguns novos, outros antigos) residenciais e hoteleiros e alguns estabelecimentos comerciais, como restaurantes, bares, padaria e sorveteria. O tráfego na avenida é intenso na maior parte do tempo, principalmente no período noturno e finais de semana. As vagas para estacionamento são escassas na maior parte do tempo, principalmente na parte da tarde e da noite, como se nota no trecho a seguir:

Então, às 7 e 10 da manhã de sábado, na direção do carro, P3 chega na avenida no local onde ficará sua barraca e logo encontra o local para estacionamento bem em frente ao local de sua barraca encurtando o deslocamento para levar as peças do carro para o calçadão. Eu pergunto se ele sempre estaciona ali e se é fácil encontrar vaga. Ele responde que sim, quase sempre estaciona ali, mas porque chega cedo. Ele diz que, com o passar das horas, a praia vai enchendo e estacionar vira uma loucura (DIÁRIO SHADOWING, 24/02/18).

A localização das barracas é orientada pela divisão em três áreas controladas pela prefeitura: a área das barracas de alimentação, a área das barracas de artesanato e outros produtos e a área de feirantes visitantes temporários. A Fotografia 4 a seguir ilustra a localização de cada área.

Fotografia 4 - Layout da feira



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

O leitor poderia entender a Fotografia 4 como uma simples representação da divisão entre as áreas da feira. No entanto, o que se esconde nessa divisão são as relações de poder. O espaço deixa sua neutralidade para revelar as disputas nas relações sociais (ALLEN; BROWN, 2016; MENGIS; NICOLINI; GORLI, 2018). As relações não implicam relações de igualdade, já que existem capacidades assimétricas para as ações, diferenças no acesso aos recursos e conflitos de interesses (FELDMAN;

ORLIKOWSKI, 2011). Existem hierarquias e privilégios entre os espaços da feira. Isso fica evidente quando se identifica que, segundo relatos dos praticantes, os espaços mais disputados são os espaços da alimentação 1, da alimentação 2 e do artesanato 2. São espaços maiores, contando com forte iluminação, bancos de cimento e árvores no corredor por onde circulam os frequentadores (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Nesses espaços mais valorizados ficam os membros das diretorias das duas associações dos feirantes e os feirantes com maior tempo de feira (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Anteriormente, de acordo com os entrevistados, a prefeitura estabelecia a localização de cada barraca dentro dos espaços de alimentação, artesanato e visitantes, mas, posteriormente, a decisão final foi destinada aos presidentes das duas associações. Segundo os praticantes, eles decidem os destinos dos neófitos, se artesanato ou alimentação. Os espaços de visitante ficam isolados nas duas pontas da feira, por serem espaços mais precários com pouca iluminação (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018).

A iluminação, portanto, tem importância no *organizing* no contexto estudado. Determinadas coisas materiais são componentes indispensáveis de práticas específicas e, ao se relacionarem com os praticantes, acabam construindo o social (RECKWITZ, 2002). Os objetos fazem práticas duráveis e as conectam no espaço e no tempo (NICOLINI, 2012). Sem as lâmpadas a feira não aconteceria, isso porque, conforme relatos das entrevistas não estruturadas, a feira, enquanto acontecimento temporal, ocorre a partir das dezoito horas e se estende até meia noite em todos os dias da semana ao longo de todo o ano, embora alguns poucos feirantes cheguem de manhã para aproveitar os frequentadores da praia, principalmente no verão, mas se verificou ao longo das entrevistas não estruturadas que é consenso entre os praticantes o entendimento de que a feira é um evento noturno. Segundo Gouvêa e Ichikawa (2015), a feira é acontecimento que tem a capacidade de transformar o local no qual se encontra. No contexto estudado, de dia o espaço é um calçadão da praia como qualquer outro do município, mas no período noturno se transforma em um espaço peculiar diferente do resto da cidade (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Trata-se de uma ambiguidade espacial de um local específico da cidade onde ocorre a gestão ordinária: ora cheio, ora vazio (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014). A feira conta com refletores espalhados nos postes e nas árvores, principalmente na

parte central da feira, deixando mais sombria a região do final e cada feirante conta com suas lâmpadas (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018).

Há toda uma hierarquização por meio das lâmpadas e da iluminação de cada barraca (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Há uma relação entre iluminação da barraca e atração dos frequentadores que foi observada ao longo das observações não participantes e relatada pelos feirantes nas entrevistas não estruturadas. A barraca que mais atrai o público é a barracas dos doces (Fotografia 5).

Fotografia 5 - A iluminação da barraca dos doces



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

A Fotografia 5 apresenta o refletor no poste, o refletor na árvore ao fundo no meio do corredor e a barraca dos doces ao lado direito da foto. É a maior barraca da feira e a mais iluminada (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Embora no momento da Fotografia 5 a barraca apresentava poucas pessoas ao seu redor, as observações permitiram concluir que ela é uma das barracas mais frequentadas. Segundo o informante-chave P3, o dono é parente de um jogador da seleção brasileira de futebol de areia. P3 relatou que o dono nunca aparece ali, pois ele contrata várias moças para venderem os doces que são produzidos em uma fábrica domiciliar e

existem outras barracas semelhantes localizadas em outras feiras da região metropolitana do estado.

A fábrica no domicílio se trata da localização da unidade de produção dos materiais vendidos no calçadão. São poucos feirantes que têm uma espécie de fábrica nos padrões empresariais, com máquinas e funcionários, conforme se notou a partir dos relatos das entrevistas não estruturadas. Apenas a barraca dos doces e P10, que é presidente da associação mais nova e vende massas italianas, contam com uma fábrica. P10 assumiu o lugar do fornecedor, ou seja, ele tem uma fábrica própria para a produção das massas utilizadas no preparo da comida vendida no calçadão. Sua fábrica e sua residência se localizam no próprio bairro da Praia da Costa, assim como a feirante P16 que, apesar de não ter uma fábrica, reside na Praia da Costa. Conforme relatado por ela, ela vende lanches e é a presidente da associação antiga. Mas a maioria dos feirantes não reside perto da feirinha (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Pelas entrevistas, viu-se que muitos moram em locais de baixa renda na cidade e separam um espaço de suas moradias para produzir os artesanatos ou as comidas, seja na cozinha, na garagem ou no quintal.

É o caso do artesão de conchas informante-chave P3 que reside na região 5 de Vila Velha (a região mais afastada da cidade) e separa um canto do quintal de sua casa para produzir as peças artesanais. O espaço da produção do artesanato de conchas de P3 pode ser observado na Fotografia 6 a seguir.

Fotografia 6 – Ateliê do artesanato de conchas de P3



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

A Fotografia 6 mostra toda a materialidade e os objetos como componentes necessários e indispensáveis da prática (RECKWITZ, 2002; NICOLINI, 2012). Seja o ventilador para aliviar o calor durante o dia, seja a luminária para melhorar a visão durante o período noturno, seja o calendário para ajudar a cumprir as metas, os objetos materiais são indispensáveis. As práticas produtivas do artesão P3 são explicadas por ele da seguinte forma:

Eu trabalho de manhã, pauso para almoço, para lanche e vou direto até de noite, até a janta. Depois da janta continua, até dez da noite, onze e meia da noite. Minha esposa já não trabalha de manhã, ela começa mais a tardezinha a trabalhar no artesanato. Depois do almoço, se tiver mais coisa pra fazer eu faço. Às vezes, durante o ano eu produzo lá na feira também. Faço do zero, tudo lá (ENTREVISTA, P3, 2018).

Ao longo do ano, quando o artesão não está na feira, geralmente nos meses fora da temporada de verão e nos dias úteis da semana, ele trabalha em casa no seu espaço de produção. O que se constata é que o praticante se concentra no trabalho por um período que ultrapassa o período legalmente estabelecido de oito horas diárias para os trabalhadores (segundo Decreto-lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943).

Trabalhar em casa tem inúmeras implicações espaciais e conflituosas entre o espaço do trabalho e o espaço do lar (WAPSHOTT; MALLET, 2011). No caso do artesão de conchas, o espaço do trabalho se apresenta como um espaço estriado (DELEUZE; GUATTARI, 1987) que se sobrepõe ao espaço liso (DELEUZE; GUATTARI, 1987) do lazer. No entanto, a relação se apresenta ainda mais complexa, pois esses espaços se confundem em diversos momentos quando o praticante relata que estar ali no ateliê acaba sendo uma forma de terapia e fuga do tédio. Esse achado de pesquisa revela avanço na literatura, na medida em que apresenta um caso empírico que gera impactos nas formas de entender as relações entre trabalho (espaço estriado) e ação livre (espaço livre) na obra de Deleuze e Guattari (1987). O trabalho com artesanato se apresenta como um trabalho ambíguo, constituído por fluxos de estriagem e alisamento ao mesmo tempo.

Essas práticas produtivas distribuídas ao longo do ano são relevantes para atender ao pico de demanda que ocorre no início do verão em dezembro e termina no ano seguinte com o carnaval, como relataram os praticantes. No restante do ano, segundo eles, a demanda se torna constante com menor volume se comparada ao período do verão. P3 não se utiliza de métodos consagrados na literatura científica de Administração para gerenciar a demanda. No entanto, o praticante consegue lidar com a demanda a partir de métodos intuitivos. Ele anota detalhadamente sobre as peças produzidas e suas vendas por períodos. Dessa forma, consegue lidar com a demanda devido ao histórico registrado nos cadernos. De maneira similar ocorre com a maioria dos feirantes daquela feirinha. O pesquisador só encontrou um feirante com ensino superior, e nenhum que tenha cursado Administração, o único graduado era o presidente da associação mais nova que tem formação em Gastronomia. Entretanto, viu-se nas entrevistas e observação que os praticantes sabem lidar com suas demandas, mesmo de forma intuitiva, eles entendem a sazonalidade se baseando na rotina, na repetição dos ciclos de demanda.

A gestão da demanda se articula com a gestão dos estoques e dos fornecedores. Todos os feirantes trabalham com estoques, de produtos ou de insumos e matérias-primas usadas na preparação, segundo entrevistas. Isso ocorre com os feirantes do artesanato e com os feirantes da alimentação, embora esses últimos se diferenciem por prepararem as comidas no momento do consumo, enquanto que os feirantes que vendem bens artesanais mantêm uma quantidade estocada embaixo do balcão

das barracas, além dos estoques em casa (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018), como é o caso de P3. Assim como todos os feirantes, P3 não se baseia em algum método da racionalidade instrumental para gerenciar os estoques, ele segue outra racionalidade: uma racionalidade ordinária. Ele somente segue as tendências históricas e os registros de vendas para deixar algumas caixas de peças de artesanato de conchas em seu ateliê para o verão (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). E na feira, leva uma caixa de estoque de urgência, caso algumas peças que ficam expostas no balcão acabem (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018).

Os fornecedores de P3 ficam localizados em um município relativamente distante no sul do estado do Espírito Santo, conforme relatou. Lá no município de Piúma, P3 compra o principal material utilizado na preparação de seu artesanato: as conchas. Embora, no início, ele tenha relatado que executava a prática do fornecedor de catar as conchas, como se observa no fragmento:

Em princípio a gente usava o que tinha aqui. Pegava [as conchas] da praia aqui mesmo, em Vila Velha. Lavava e fazia com areia. Fazia madeira, de isopor, fazia os passarinhos de isopor. Depois começamos a viajar, fomos pra Piúma, pra Meaípe, pra Guarapari, pra ver se tinha concha lá. Ao mesmo tempo aproveitava pra comprar mais alguma coisa de concha lá (ENTREVISTA, P3, 2018).

P3 disse que trabalha com um fornecedor fixo há mais de dez anos. O restante do material, o que inclui coisas como cola quente, tinta, pincel, caneta, *etc.*, é comprado em Vila Velha mesmo, segundo ele. P3 relatou que vai à Piúma de duas a três vezes ao ano para economizar combustível. Na volta para Vila Velha, ele traz muitas conchas para deixar de estoque. De forma parecida ocorre com o restante dos feirantes de artesanato. Alguns recorrem a outras cidades ou estados, mas são poucos, como é o caso do artesão P12. P12 vende artesanato de madeira, ele produz porta-retratos, barcos, cinzeiro, chaveiro, talheres, entre outras peças, todas em madeira, matéria-prima comprada no estado da Bahia. Já na parte da alimentação, os feirantes compram os insumos no próprio município de Vila Velha, em supermercados e atacados locais, conforme relatos. Como visto nas entrevistas, o transporte utilizado pelos feirantes é o automóvel. O pesquisador não encontrou algum feirante de barraca sem automóvel, somente visitantes hippies. Na parte da alimentação, o automóvel é indispensável para alguns feirantes, já que eles se utilizam do trailer lanchonete que é carregado pelo automóvel (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). P3 tem um carro popular utilizado para comprar as conchas e outros

materiais e ir de sua casa na região mais afastada da cidade até a feirinha, levando a barraca e todo o material (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018).

O transporte, assim como outras decisões logísticas, está articulado também às práticas de marketing entre os praticantes na feira. O transporte está relacionado ao ponto ou praça, canais de distribuição e venda. Além disso, relevante explicar sobre os clientes frequentadores do espaço, a diferenciação entre os feirantes, o produto, o preço e as práticas de promoção. Os frequentadores da feirinha são diversos (Fotografia 7).

Fotografia 7 – Alguns frequentadores



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

De acordo com relatos dos feirantes, os moradores da Praia da Costa frequentam o espaço, seguidos pelos moradores de outros bairros e dos turistas. Segundo os praticantes, são muitos turistas brasileiros de outros estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Além de turistas estrangeiros, como se nota na fala de P3:

Meus clientes são vários turistas. Daqui do Brasil e estrangeiro também. Da Europa vem muito, Estados Unidos vem muito.

Ultimamente têm muitos turistas daqui da América do Sul, Peru, Bolívia, Chile. Alemães, franceses, Rússia tem também (ENTREVISTA, P3, 2018).

O pesquisador conversou em inglês com um turista alemão que estava acompanhado de sua esposa brasileira e ele explicou sobre sua visita:

Somos casados há dez anos, moramos em Hamburgo. Quando ela vem visitar a família eu venho junto todo ano. Estamos no hotel aqui. Gosto deste lugar pelo verão e pela praia. Aproveitamos para caminhar e olhar os trabalhos artísticos. Vou levar lembranças para amigos (ENTREVISTA, P26, 2018, tradução nossa).

Na época do verão, esses frequentadores lidam com uma lotação, devido ao maior volume de frequentadores no espaço (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Frente a isso, os feirantes buscam se diferenciar de várias formas para atrair os frequentadores clientes (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Nessa prática, os objetos materiais são indispensáveis (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Os praticantes se valem de inúmeros recursos, como painéis letreiros luminosos, lâmpadas, banners, uniformes, televisão, *etc* (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Mas a concorrência não é tão acirrada, pois como será explicado na parte da prefeitura, o poder público controla a entrada de novos feirantes de acordo com a concorrência já existente. Então, para cada tipo de produto, existem dois ou três barracas trabalhando em torno (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Com isso, a variedade de produtos acaba se ampliando (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Na alimentação, a feira conta com produtos como hambúrguer, churrasco, tapioca, crepe, açaí, aipim, churros, caldo, bombom, comida japonesa, comida italiana, pastel, sorvete e milho (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). No artesanato, a feira conta com produtos como camisa, bijuteria, sandália, artesanato de conchas, artesanato de madeira, artesanato de pedras, artesanato hippie, chapéu, roupa de praia, pintura e bolsa (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Os preços dessas mercadorias são estabelecidos na maior parte dos praticantes pela racionalidade ordinária e são exibidos geralmente nos balcões das barracas como se nota na barraca de P3:

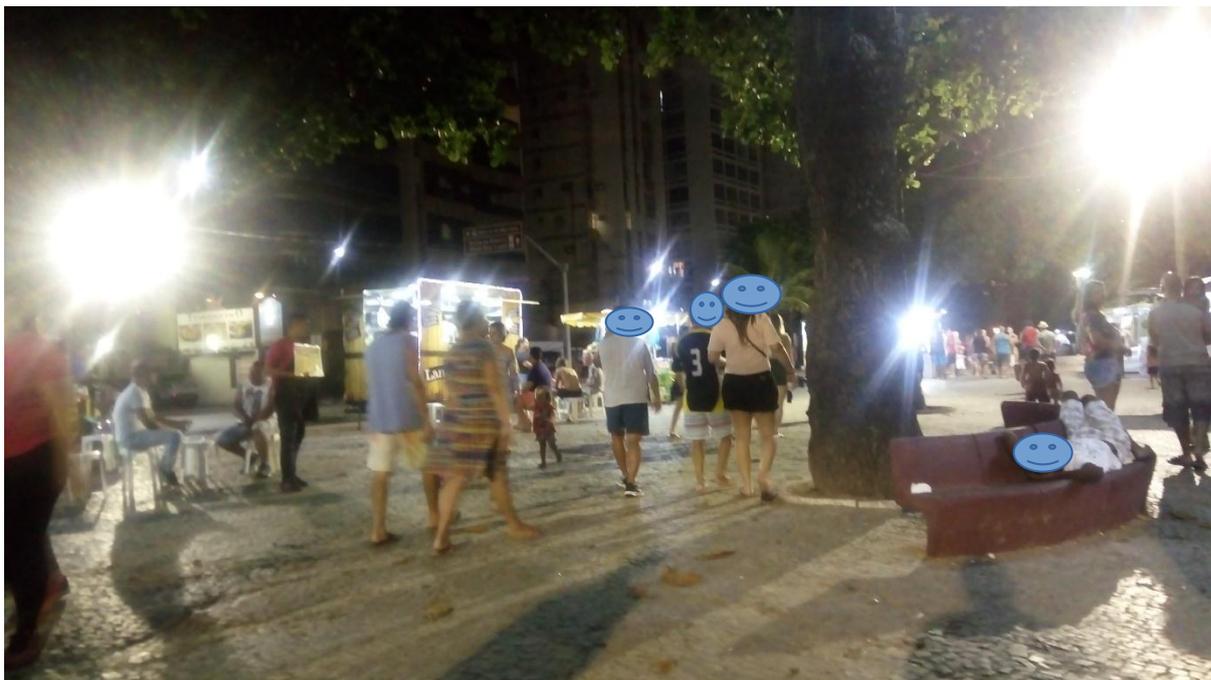
Fotografia 8 – Os preços das peças de artesanato



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

As práticas de promoção/comunicação das mercadorias se dão de diferentes formas. Alguns promovem seus produtos em mídias sociais, como *Facebook* e *Instagram*, conforme relatos. Outros não se utilizam de meio algum para comunicar os produtos, apenas expõem nas barracas e esperam a aproximação dos frequentadores(DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). E alguns contam com vendedores, que são das barracas e trailers da alimentação, como se nota na Fotografia 9 com o vendedor ao lado esquerdo da fotografia de camisa vermelha e calça preta segurando o cardápio amarelo da barraca de lanches.

Fotografia 9 – Vendedor da barraca de lanches



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

Os trailers e as barracas de lanches estão localizados um ao lado do outro fazendo com que as disputas fiquem mais acirradas (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Em vista disso, os vendedores são orientados a capturar clientes pelo grito, como ocorre naquele momento da Fotografia 9.

Ritornelos profissionais se encontram no meio, como gritos de feirantes, mas cada um deles marca um território onde não se pode exercer a mesma atividade nem ecoar o mesmo grito. No animal como no ser humano, são as regras de distância para o exercício da competição: meu pedaço de calçada (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 321, tradução nossa).

O ritornelo é um agenciamento no qual o som tem domínio, exercido com o fito de traçar território (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Os pássaros se territorializam com seus cantos, a criança medrosa no quarto escuro se territorializa cantarolando, a dona de casa se territorializa cantando durante os afazeres, o vizinho se territorializa com o som alto, *etc.* (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Três movimentos, como os movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, fazem parte do ritornelo (DELEUZE; GUATTARI, 1987). No calçadão da feirinha, viu-se que os vendedores das diferentes barracas de lanche carregam as mesmas práticas. Quando todos os banquinhos estão ocupados com clientes e existem inclusive

clientes lanchando em pé, ou seja, plena capacidade preenchida, os vendedores ficam parados e encostados perto de suas barracas ou trailer (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Nesse momento, eles utilizam seus olhares para vigiar os fluxos de clientes, e principalmente a concorrência (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Quando algum deles verifica que o fluxo de clientes de sua barraca está reduzindo e o fluxo do vizinho está aumentando, então ele caminha para o meio do corredor da feira com o cardápio na mão e tenta atrair clientes com gritos como: “olha, olha, a promoção do X-tudo!”, “na compra de 2 cachorros, o refri é grátis!” e “pode chegar, o melhor pão com linguiça da cidade!” (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018).

Neste ponto, os achados deste estudo corroboram com os achados do estudo de Munro e Jordan (2013), que estudaram o *spatial organizing* no contexto de artistas de rua em um festival na Escócia. Os autores expandiram a literatura ao encontrarem que as dinâmicas sonoras em contextos organizativos distintos estão articuladas com dinâmicas espaciais, o que não havia sido notado por estudos anteriores. Munro e Jordan (2013) aplicaram as ideias de Certeau (1998), mas recorreram à visão deleuziana para suprir as brechas no que se refere às análises do espaço sonoro. Os autores observaram que o som proporciona efeitos territorializantes e desterritorializantes. Assim também ocorre neste estudo. Os gritos dos vendedores buscam se destacar na dinâmica sonora da feira, como se nota no fragmento abaixo:

Havia acabado de anoitecer, já passava das 19 horas. Decidi prestar atenção nos sons da feira. Som da música do rapaz do saxofone, tocava músicas como Ana Vilela e Bruno Mars; som da falação de crianças, homens e mulheres; som dos chinelos arrastando no calçadão; som dos cachorros latindo querendo carne; som da chapa de hambúrguer; som dos veículos na avenida buzinando; som do vento forte soprando nos ouvidos; som das ondas do mar; som do jogo de queimada na areia; e os vendedores na disputa (DIÁRIO DE CAMPO; 17/02/2018).

O artesão de conchas P3 faz parte daqueles praticantes que não adotam uma prática de promoção mercadológica, ele apenas expõe as peças e aguarda os clientes (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Pelo que P3 relatou, essas operações dos gritos dos praticantes da alimentação são operações de alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987). P3 relatou que a prefeitura já proibiu os feirantes de colocarem os vendedores para caminharem até o meio do calçadão e ficarem gritando, mas segundo P3, como a prefeitura faz “vista grossa”, os vendedores acabam utilizando

desse recurso nas disputas. Ou seja, o aparelho de Estado estriou o espaço, que é transgredido por meio do ritornelo nas práticas cotidianas (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Mas a desterritorialização é seguida de uma reterritorialização, já que as disputas estão articuladas à questão da lucratividade, que é um aparelho de captura do aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

A lucratividade está articulada às práticas financeiras, envolvendo o dinheiro disponível em caixa, as aplicações dos recursos, os financiamentos e os custos. Apenas dois feirantes relataram que se utilizam da ajuda de um profissional de Contabilidade. A maioria dos feirantes não conta com a ajuda de um contador e nem se baseia em métodos acadêmicos para gerenciar a parte financeira. O informante-chave P3 se aproveita de sua trajetória profissional para gerenciar o dinheiro. P3 trabalhava em um banco no sul do país e largou a carreira para viver uma vida diferente com a família se mudando para o Espírito Santo, conforme relatou. O praticante conseguiu mover o “*knowing how to*” (saber-fazer na abordagem do conhecimento na prática) (ORLIKOWSKI, 2002) daquela comunidade de práticas bancárias para a comunidade de práticas de feirante artesão. Ele articulou o conhecimento tácito, que é uma forma de “*knowing how to*” (ORLIKOWSKI, 2002), para executar as práticas de gestão do caixa no dia a dia. Por exemplo, quando está vendendo o artesanato na feira, P3 se utiliza de um pequeno caderno no qual ele registra com a caneta todas as movimentações do caixa, seja com a venda de uma peça e o pagamento do cliente, ou com dispêndios imprevistos como a compra de um picolé (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Seus registros envolvem termos e esquemas específicos da área financeira, como os termos “balancete”, “crédito” e “débito”. Já na feira com um todo, são poucos os feirantes que trabalham com essa gestão do fluxo de caixa (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). O pesquisador encontrou prática similar apenas em alguns feirantes da alimentação, como P13 que vende lanches e P27 que vende churrasco. P27, inclusive, revela a importância da tecnologia e seus usos na prática (ORLIKOWSKI, 2000), na medida em que utiliza o *laptop* e o *software* de planilhas para gerir o fluxo de caixa (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018).

As aplicações dos recursos financeiros dos feirantes se concentram nos ativos circulantes de curto prazo, principalmente nos estoques. Muitos feirantes acabam misturando os recursos do negócio com os recursos pessoais. A forma de

financiamento de alguns feirantes se deu por via do microcrédito oferecido por instituições financeiras do estado. Outros feirantes relataram que o dinheiro investido no início teve como origem uma acumulação depois da perda do emprego no mercado formal. Já os custos ou despesas, a maior parte se concentra em insumos, salários, combustível, embalagens e energia elétrica, conforme relatos.

O pagamento da fatura da energia elétrica ocorre da seguinte forma: apenas alguns poucos feirantes ficam responsáveis por receber a fatura da energia em seus nomes no endereço residencial onde o correio deve fazer a entrega e demais feirantes assumem o compromisso de ratear os valores das faturas (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018).

A energia é toda particular, não tem nada da prefeitura ali. Precisava da autorização da prefeitura para a P32 [empresa de energia] fazer o trabalho. A P32 [empresa de energia] tem que pedir autorização da prefeitura pra botar relógios nos postes que são da prefeitura. A energia que eu tô é a mais antiga. Fui o primeiro. Levou anos pra autorização da prefeitura. Depois que a gente conseguiu, aí a prefeitura começou a liberar pra todo mundo. Então tem um monte, o poste ali tá cheio. A minha fica lá no poste em frente dos pescador, aí a gente vem com o fio, isso tá no meu nome, a conta vem aqui em casa, aí eu divido com o pessoal. Minha energia tem uns vinte mais ou menos. Tanto da associação nova quanto da antiga, e têm uns que não são associados com ninguém, aí pega também (ENTREVISTA, P3, 2018).

Mas agora vai mudar, a P32 [empresa de energia] vai trabalhar com outro sistema e isso vai dar uma enxugada, porque não são todos que vão conseguir. Porque será um prejuízo pra P32 [empresa de energia], mas isso é problema da P32 [empresa de energia]. Foge da nossa alçada (ENTREVISTA, P1, 2018).

Com essa fala de P1 (representante da prefeitura), verifica-se que o aparelho de Estado captura as informações em primeira mão. Trata-se da informação da decisão de enxugamento tomada pela empresa privada fornecedora da energia, ou em outros termos, a exclusão de uma parcela dos feirantes, na medida em que, sem iluminação, os fluxos do *organizing* deixam de passar pelas barracas, devido a importância da energia elétrica para cada praticante e para a feira como acontecimento noturno. Além do rateio do custo de energia, um feirante de artesanato (P15), acusou alguns feirantes da alimentação de construírem “gatos” (ligação irregular da energia) para colocarem refletores nas árvores, já que os refletores não fazem parte da iluminação pública e se trata de uma demanda da

alimentação para cobrir com mais iluminação os espaços dos banquinhos onde ficam os clientes das barracas da alimentação no meio da feira.

Por fim, as práticas de gestão de pessoas nas quais cabe mencionar os processos de recrutamento, seleção, treinamento e as práticas de qualidade de vida dos praticantes feirantes. As práticas de recrutamento e seleção são performadas por poucos feirantes, já que a maior parte deles trabalha sozinho ou conta com a ajuda de parentes, sem a necessidade de contratar outros praticantes (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). São alguns praticantes das barracas de alimentação que recorrem às práticas de recrutamento e seleção (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Por exemplo, P10 utiliza como prática de recrutamento o envio de currículo e anuncia isso por meio das redes sociais, como se nota o anúncio a seguir:

Final de ano chegando... Verão a vista! Se você está afim de um trabalho legal com gente divertida e que ama fazer parte da FAMÍLIA [...]... Está na hora de enviar seu currículo para o whatsapp [...]. Estamos selecionando duas atendentes que sejam muito simpáticas, comunicativas, extrovertidas, que adoram lidar com pessoas. Que sejam carismáticas e que residam em Vila Velha. As vagas serão para trabalhar no atendimento em nosso [...] no Calçadão da Praia da Costa. Horário noturno e que tenha disponibilidade principalmente nos finais de semana e feriados. Pagamento por diária. Vem fazer parte de nossa equipe! (DOCUMENTO 14).

Um ponto a ser destacado no fragmento é a questão da “família”. Segundo Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014), na gestão ordinária, negócios familiares são comuns, ou quando não há vínculo familiar, é comum a utilização de metáforas da “família”. Segundo os autores, isso oferece aos praticantes maior vínculo nos processos cotidianos de organizar por meio da construção de uma cumplicidade devido a articulação de afetos que são proporcionados por essas metáforas.

A operação de seleção ocorre por meio de entrevistas. O treinamento, por sua vez, ocorre de maneira informal durante a inserção do neófito na comunidade de práticas para se tornar praticante (BROWN; DUGUID, 1991). P10 relatou que a atendente novata recebe orientações dele e de outras atendentes durante o horário de trabalho, ou seja, não há a preocupação em separar um dia ou horário fora do expediente para treina-la. Segundo ele, o aprendizado ocorre com a prática da rotina de trabalho, “aprende a nadar se jogando na piscina”.

E as práticas articuladas à qualidade de vida dos praticantes se referem a tópicos como higiene do espaço, ventilação, temperatura, conforto e agradabilidade. A higiene tem a função da empresa contratada pela prefeitura para realizar o serviço de limpeza urbana que inclui a limpeza do calçadão. A ventilação é bem avaliada pelos feirantes por ser um espaço de muito vento a Praia da Costa. Por outro lado, o vento acaba deixando uma sensação de frio no período noturno, segundo alguns feirantes, o que leva o artesão P3, por exemplo, a colocar um plástico na parte traseira de sua barraca para se proteger do vento. Apesar disso, a temperatura é agradável durante o período noturno segundo relatos da maior parte dos feirantes. O problema é quando ocorre a chuva, isso porque os frequentadores abandonam o espaço e o evento se encerra, como relataram os praticantes. A chuva tem tamanho impacto, que em dias nos quais os feirantes sabem por meio das previsões meteorológicas que irá chover, a maior parte deles nem se desloca de suas casas. O conforto é relatado por alguns e por outros não. P3, por exemplo, relata se sentir confortável em seu espaço de trabalho na feira pelo fato de estar sentado numa cadeira de praia relaxante com vários objetos ao seu alcance como garrafa de água, café, biscoitos, jornal e rádio. Já o vendedor do trailer de lanches P28 relatou desconforto por trabalhar em pé a maior parte do tempo. A agradabilidade foi relatada por alguns feirantes, principalmente nas barracas de artesanato. Para o artesão de conchas P3, seu espaço de trabalho é agradável. O fragmento a seguir mostra um pedaço do dia a dia de P3:

O período da tarde vai chegando ao fim. O feirante vizinho vendedor de roupas de praia aparece na barraca de P3 para lhe falar algo. Eles começam a conversar sobre futebol, especificamente sobre o campeonato carioca e as contratações de jogadores de alguns times brasileiros. O vizinho volta para sua barraca. P3 volta para a leitura do livro. É um livro de autoajuda. P3 guarda o livro e pega a caneta e um papel, ele começa a fazer palavras cruzadas. Pergunto sobre os efeitos desses objetos em sua prática. Ele me responde que livros e joguinhos tornam a passagem na feira mais relaxante e agradável (DIÁRIO SHADOWING, 24/02/18).

Constata-se a dinâmica do espaço liso da ação livre em contraposição ao espaço estriado do trabalho (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Trata-se da contraparte do espaço taylorista (CHANLAT, 2006). É uma linha de fuga nômade de segmentaridade flexível (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Por outro lado, o artesão passa por desconfortos também, principalmente cansaço do corpo, mas isso ocorre em um breve período, como se observa no trecho a seguir:

P3 se levanta e vai para o lado de fora da barraca. P3 começa a fazer uns alongamentos. Pergunto se está cansado. Ele diz que não. Confesso para ele que meu corpo está sentindo a pesada rotina de acordar muito cedo e participar das práticas. Explico que o mestrado não me deixava acordar cedo e que mesmo praticando treinamento de força na academia de musculação, o corpo estranhou a inserção na nova prática de feirante. Então ele diz que todo início da alta temporada para os feirantes, que se inicia em dezembro, o corpo dele fica dolorido e ele se sente exausto na primeira semana, mas depois o organismo se adapta e as dificuldades são superadas, afirma ele (DIÁRIO SHADOWING, 24/02/18).

Esse fragmento revela a importância do corpo para o arranjo social (NICOLINI, 2012). As práticas também são atividades rotineiras corporais (RECKWITZ, 2002). As ações e os corpos humanos estão constituídos no interior das práticas (SCHATZKI, 2001). O corpo flutua por meio de vários ritmos circadianos quando há o engajamento nas práticas, resultando em um *floating body* (VALTONEN *et al.*, 2017).

7.2. ASSOCIANDO-SE: DA COMPETIÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DE VOLTA À COMPETIÇÃO

Para complementar os fluxos de *organizing* apresentados anteriormente, faz-se relevante apresentar mais uma prática encontrada no contexto estudado: a prática de associar-se. Os praticantes recorreram às normas jurídicas do Estado brasileiro para formarem o que o Código Civil (BRASIL, 2008), estabelece como associação, uma entidade regida por um estatuto. Nesse sentido, verifica-se como eles se aliam ao aparelho de Estado e se adequam ao organismo com suas formalidades e hierarquias, em contraposição ao corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1987). São operações de estriagem (DELEUZE; GUATTARI, 1987) que resultam na visão da associação enquanto organização e entidade acabada, mas o foco está nos fluxos que levam a essa estabilização, ou seja, a associação é resultado de processos cotidianos, ela é realizada frequentemente em reuniões e assembleias. São duas associações dos feirantes e ainda tem a associação dos moradores do

bairro. As três estabelecem relações de força e isso se trata de um jogo de coalizões.

De acordo com relatos das entrevistas não estruturadas, a primeira associação dos feirantes emergiu há aproximadamente quinze anos, ou seja, trata-se de uma associação mais antiga. Como os feirantes trabalhavam separados, cada qual em suas barracas, e se relacionavam com o poder público de forma individual, havia uma dinâmica de competição entre cada barraca, conforme relataram os praticantes. Consequentemente, alguns praticantes foram se destacando dos demais devido às assimetrias nas relações de força das práticas cotidianas (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Uma pequena coalizão de praticantes privilegiados nas disputas resolveu performar a prática de associar-se, segundo relatos. Ao longo das entrevistas com os feirantes, aqueles que não faziam parte desse grupo inicial relataram que se tratava de um grupo fechado que impedia de várias formas a entrada de novos membros e eram conhecidos pejorativamente como “o clube dos treze”.

Durante vários anos, os feirantes permaneceram somente com uma associação, até que em 2016 surgiu a segunda associação, relataram os praticantes. De acordo com relatos de alguns feirantes, uma parcela deles estava descontente com o quadro analítico do jogo, no qual havia cooperação entre um pequeno grupo, competição entre a maior parcela dos feirantes e uma competição entre o clube dos treze e a maioria. Outra explicação dada pelos praticantes para a emergência da associação mais nova se refere à suposta falta de ordem e de mecanismos para solicitar serviços da prefeitura, como obras no asfalto ou na calçada.

A necessidade de criação foi pra organizar a feira porque não tinha organização, o prefeito não tava organizando, tava abandonada a feira. Aí decidimos fazer a associação e ter o representante pra pedir, pra organizar (ENTREVISTA P3, 2018).

A oposição política na época, composta pela maior parcela dos feirantes, acusou a associação antiga de não cuidar da arrumação do espaço, nos aspectos que se referem à infraestrutura, como iluminação, poda das árvores, calçada, bancos, ciclovia, *etc.* Além disso, compreende-se no fragmento a dependência dos praticantes com relação ao aparelho de Estado. Também se nota as relações de força nas decisões da prefeitura, já que existe uma tendência de valorização das

demandas que são levadas por um feirante que representa um coletivo, em vez das demandas individuais de cada feirante. Outra possível explicação para a emergência da associação mais nova se encontra no fragmento:

[...] peixe, peixada, aí o governo anterior, ele facilitou muito. A gente não pode afirmar, mas talvez rolou alguma grana. Porque não tinha espaço. Mas conseguiram num jeitinho. Algum conhecido da prefeitura que deu autorização. Agora vai acabar. Nessa gestão desse governo agora, eles fizeram um decreto-lei, um decreto publicado no diário oficial ano passado e vai ter que ser cumprido. Vai ser agora. Vai mudar tudo aquilo ali (ENTREVISTA P3, 2018).

O entrevistado utiliza a expressão “peixada” para se referir a uma suposta proteção de ator influente no órgão público. Isso porque, com a formação de uma nova associação, a prefeitura permitiu a entrada de novos feirantes, principalmente da alimentação, que fariam parte da nova associação. P3 suspeita da prática de suborno por parte desses novos feirantes. Mesmo com as dificuldades para se estabelecer em algum espaço no calçadão, P3 relata que “conseguiram num jeitinho”. Nesse caso, seria uma segmentaridade flexível em contraste com a segmentaridade dura da burocracia do aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Mas P3 se posiciona contrário à nova associação e se alia ao aparelho de Estado ao utilizar as práticas legislativas da prefeitura como mecanismo de defesa, embora em outras operações, o feirante abandona o rigor da norma, trata-se da passagem da estriagem ao alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

A situação de P3 em relação às associações é peculiar. P3 é uma espécie de dissidente. Como ele nunca fez parte da associação antiga por não ser convidado, após a legitimação da associação mais nova, ele aceitou participar desta última após um convite, conforme seu relato. Contudo, meses depois P3 resolveu abandonar a associação mais nova e aceitar o convite para participar da associação antiga, segundo ele. O abandono se deu por discordância diante das práticas mercadológicas adotadas pelos atores do topo hierárquico da associação, como se observa no seguinte trecho:

A associação nova de início eu não gostei porque o presidente e alguns membros da alta, com poder aquisitivo melhor, eles achavam que iam fazer evento e ia atrair mais gente. Eles são tudo novato ali, eu que já tenho quinze anos, eu sei como funciona, não adianta evento que não vai atrair mais pessoas que tão ali. Eles gastaram muito dinheiro. Todo o dinheiro dos associados eles gastaram em eventos frustrados. Que não deu resultado nenhum. Tanto que hoje

abandonaram esses eventos. Eu falei desde o início. Eu era contra. Eles gastaram sem fazer uma reunião para saber se todo mundo queria ou não. Foram três ou quatro lá (ENTREVISTA, P3, 2018).

Compreende-se a existência de uma dinâmica conflituosa nas relações de força. De um lado, os “belos guerreiros aristocratas” (NIETZSCHE, 2008) do topo hierárquico com alto poder aquisitivo contrários aos mecanismos democráticos requeridos pela massa de outro lado. Além disso, há o conflito entre saberes mercadológicos dos neófitos e os saberes práticos acumulados com a tradição dos experientes na comunidade de práticas.

Após essa dinâmica, o feirante P3 resolveu aceitar o convite da associação antiga que havia realizado um movimento semelhante ao movimento empresarial de busca por ampliar sua rede organizativa, ou seja, o clube dos treze decidiu ampliar seu capital político.

Quando viram a associação nova, todo mundo crescendo e eles ficou pra trás. Aí o prefeito falou: ‘não...’, ou o secretário, não lembro... O prefeito era o policial... Falou: ‘só vou dar força a quem tiver mais associados’. Como a nova tinha quarenta e cinco e a antiga só tinha treze, aí ela abriu as portas pra entrar, aí ela pegou todos os ambulantes da praia, da areia, só pra dizer também como quantidade de pessoas. A associação nova tinha vinte e cinco no início (ENTREVISTA, P3, 2018).

Entende-se, a partir do fragmento, que a prefeitura incentivou a prática de associar-se, disseminada entre os feirantes, a partir do momento em que estabeleceu como critério de apoio estatal a competição entre as associações. Ou seja, sendo a associação um organismo de multiplicidade arborescente e linha de segmentaridade molar que se apoia em aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987), nota-se que o próprio aparelho de Estado busca ampliar suas multiplicidades e sistemas centrados a partir desses incentivos (DELEUZE; GUATTARI, 1987). A abertura para novos feirantes membros da associação antiga não se coadunou com a abertura aos processos de tomada de decisão, conforme relatos. A participação fica no âmbito das práticas discursivas, enquanto que outras práticas mostram a não participação efetiva, segundo alguns praticantes. De certa forma, também se observa a articulação de guerreiros aristocratas nietzschianos.

É aquele grupinho antigo que decide né. Dessa vez a gente foi convidado porque é novo. É a primeira reunião depois que eu entrei também. Fizeram até mais, mas não fui convidado. Só dessa vez (ENTREVISTA P3, 2018).

A prática de reunir-se está presente nas duas associações. Como uma prática, reunir-se envolve a articulação entre atividades corporais e mentais, formas de “*knowing how to*”, artefatos materiais e os praticantes que a carregam e a performam (RECKWITZ, 2002). Na associação nova, as reuniões ocorrem quatro vezes ao ano na área de eventos do edifício do presidente que reside no bairro da Praia da Costa, segundo os feirantes. Ainda segundo eles, a data, a pauta e o local são comunicados a todos os membros alguns dias antes por meio do celular ou durante o trabalho na feira. Dependendo da reunião, a maior parcela dos membros não participa, conforme relatos. Sendo que os membros não se restringem apenas aos ambulantes que trabalham no calçadão no período noturno, pois existem membros que são ambulantes da areia da praia, esses são os que mais faltam, segundo alguns feirantes. As discussões, segundo os feirantes, giram em torno de uma gama de assuntos, como as interferências da prefeitura, a situação das demandas dos feirantes, as ações de vereadores, o público que frequenta o calçadão, a iluminação, a concorrência com a outra associação, os turistas e os moradores do bairro. O espaço físico onde a reunião é realizada é relativamente amplo, comportando todos os membros. Trata-se de um salão com muitas cadeiras de plástico, que os membros utilizam para se sentarem em fileiras. Utilizam projetor e laptop para apresentação de slides. A reunião se encerra geralmente com lanche, como se verifica nas Fotografias 10 e 11.

Fotografia 10 – Reunião da associação nova



Fonte: Pesquisa documental (2018).

Fotografia 11 – O lanche ao final da reunião da associação nova



Fonte: Pesquisa documental (2018).

Na associação antiga, os membros relataram que as reuniões acontecem bimestralmente também em uma sala de eventos do edifício da presidente que reside na Praia da Costa. A data e os assuntos a serem discutidos são divulgados de maneira informal durante o funcionamento da feira, segundo relatos dos feirantes. Mas são poucas vezes durante o ano em que todos os membros são convidados, segundo P3. Os treze feirantes iniciais mantêm a coalização e tomam as decisões em algumas reuniões que só eles participam, relatou P3. Da mesma forma que ocorre na associação mais nova, quando todos são convidados na associação antiga, os ambulantes da areia da praia faltam com mais vezes, conforme disse P3. Os assuntos discutidos, muitos deles são os mesmos da outra associação, segundo alguns feirantes. Inclusive o espaço físico do local é semelhante, mas não contam com recursos tecnológicos como projetor e geralmente não realizam lanche, segundo relatos.

Para somar às relações de força que se estabelecem na prática de associar-se dos feirantes, emerge a associação dos moradores do bairro no qual a feira acontece. Essa associação é mais antiga do que as associações dos feirantes, surgindo há trinta anos, para “unir e trabalhar em prol da qualidade de vida do bairro e fazer as reivindicações à Administração Pública” (ENTREVISTA, P2). A dinâmica dessa associação se assemelha à dinâmica das duas associações anteriores, embora se diferenciem em alguns aspectos, como a quantidade de membros, já que a terceira conta com os moradores do bairro que tinha uma população estimada em 2010 de 31000 habitantes aproximadamente (DOCUMENTO 13). Contudo, o representante da associação de moradores relatou que a quantidade de moradores que frequentam as assembleias é escassa. Além disso, o representante relatou que, em relação aos feirantes no calçadão, uma parte dos moradores se posiciona contrária “demonizando” a permanência dos feirantes, enquanto outra parte se posiciona favorável. A equipe de diretores da associação e o presidente se posicionam contrários. Inclusive não chegam a reconhecer o espaço como feirinha de artesanato e alimentação, e sim como uma “esculhambação” ou “foodtruck”, como se nota abaixo:

Eu chamaria ali de feira de *foodtruck*. Eles vêm de carro e colocam o carro na calçada, que é outra coisa errada. Vê, ali onde devia ser estacionamento de veículo, morador do bairro não estaciona ali, quem deveria estacionar ali seriam os turistas ou moradores de outros bairros, mas você chega ali não tem vaga, porque vai ali de manhã no verão tá tudo ocupado, mais da metade é comerciante que ocupa as vagas ali. Até hoje tem gente que não sai do estacionamento ali. O termo daquilo ali, ali é uma feira da esculhambação (ENTREVISTA, P2, 2018).

Compreende-se que o praticante morador do bairro e representante da associação por meio de sua prática discursiva se alia ao aparato jurídico do aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987) ao recorrer ao Código de Trânsito Brasileiro (BRASIL, 2013) para acusar os praticantes feirantes de infração de trânsito. Ademais, o representante se utiliza da prática discursiva para atacar e deslegitimar a feira, que, entendida pelos feirantes, frequentadores e prefeitura como “feira da Praia da Costa” ou “feirinha de artesanato e gastronomia”, passa a ser pronunciada como “feira de foodtruck” ou “feira da esculhambação”. Como reação, os feirantes buscam se defender de algumas formas, como no argumento a seguir:

Isso aí é só um grupo dos grandes lá que estão na diretoria dessa associação [de moradores]. Tanto que o presidente era vereador de Vila Velha. Só que quem tá nos segurando é a prefeitura. Prefeitura tá dando o apoio pra nós. Os próprios moradores, alguns moradores não querem. Porque se tirar a feira ali, ali vira um antro de drogado e ladrão e ali ninguém vai fazer as caminhadas. Vai acabar (ENTREVISTA, P3, 2018).

Diante disso, o representante da associação dos moradores contra argumenta que a orla já está tomada por crimes e drogas. Os feirantes voltam a reivindicar argumentando que aquela prática é o “ganha pão”. O representante da associação rebate dizendo que isso deve ser encaminhado para a assistência social. E assim os argumentos vão seguindo um fluxo interminável, demonstrando as relações de força que se desenrolam nas práticas cotidianas.

7.3. CONTROLANDO O ESPAÇO: A PREFEITURA

A prefeitura do município representa a partícula organizativa do Estado com sua aparelhagem destinada a implementar os mecanismos de controle. A ênfase da atuação dessa ponta do aparelho de Estado recai majoritariamente nas operações de estriagem (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Ao mesmo tempo, é possível notar as mutações da estriagem para o alisamento em pleno seio da aparelhagem estatal por meio de linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1987) que emergem nos espaços da prefeitura, embora tais linhas sejam rapidamente bloqueadas. Ou seja, é possível observar a dinâmica dos movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

A estriagem se inicia na própria forma organizativa da prefeitura. Não há qualquer aproximação com um corpo sem órgãos de que falam Deleuze e Guattari (1987). Pelo contrário, a prefeitura se apresenta como um organismo com os órgãos estratificados e funcionalmente articulados para a estriagem espacial (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Trata-se do espaço *bureau* hierarquizado (CHANLAT, 2006). A prefeitura se hierarquiza em quatro níveis: prefeito, órgãos de assessoramento, órgãos de administração instrumental e órgãos de administração finalística

(DOCUMENTO 15). O prefeito está no topo (DOCUMENTO 15) dos estratos do organismo. Subordinados ao gabinete do prefeito estão os órgãos de assessoramento: secretaria municipal de governo, coordenadoria extraordinária de relações institucionais, procuradoria geral do município e secretaria municipal de comunicação (DOCUMENTO 15). Os órgãos de administração instrumental estão abaixo dos órgãos de assessoramento e são quatro: controladoria geral, secretaria municipal de finanças, secretaria municipal de administração e secretaria de planejamento e projetos estratégicos (DOCUMENTO 15). Por fim, as secretarias de administração finalística: secretaria de assistência social, secretaria de cultura, secretaria de defesa social e trânsito, secretaria de desenvolvimento econômico, secretaria de desenvolvimento urbano e mobilidade, secretaria da educação, secretaria de esporte e lazer, secretaria do meio ambiente, secretaria de obras, secretaria da saúde e secretaria de serviços urbanos (DOCUMENTO 15). A secretaria de serviços urbanos tem como função “o gerenciamento da limpeza dos espaços públicos da cidade” (DOCUMENTO 08), além de “manter a ordem e a organização do meio urbano” (DOCUMENTO 08). Essa secretaria se segmentariza em setores, entre os quais se encontra o setor conhecido como “coordenação de fiscalização de posturas”, cujas atribuições são vistas nos fragmentos a seguir:

Autorizações para trabalhar como ambulante e nas feiras livres, resolução de processos que envolvem a ocupação e conservação de vias públicas, como também autorizações para instalação de publicidade no município. O setor trata da organização do espaço público. Também realiza fiscalizações com foco em calçadas irregulares, terrenos em situação de abandono, estabelecimentos sem alvará de funcionamento e feiras livres (DOCUMENTO 09).

Uma das funções é o ordenamento da orla, do calçadão. A fiscalização é muito complexa, somos quarenta e quatro fiscais. Têm atribuições. Estamos ligados à secretaria de serviços urbanos. A secretaria de serviços urbanos ela cuida da limpeza pública. Dentro dessa secretaria tem várias coordenações, uma delas é a minha que tô no comando agora. É a primeira vez que sou servidor de carreira. Sou fiscal municipal. Primeira vez que um fiscal de carreira ocupa essa posição de coordenador. Eu coordeno meus colegas de trabalho. É uma forma de valorizar o servidor da casa (ENTREVISTA, P1, 2018).

Nos trechos, termos como “autorizações”, “organização”, “fiscalizações”, “ordenamento”, “coordenações”, “comando” demonstram o caráter sedentário do aparelho de Estado que se abriga em fluxos de territorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Na realidade, ele opera em desterritorialização que

imediatamente é suplantada por reterritorialização, o que leva a se assemelhar a uma territorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1987). São multiplicidades arborescentes (DELEUZE; GUATTARI, 1987), haja vista que todas as linhas da hierarquia da prefeitura com as diversas funções e atribuições de cada parte representam os caules com as linhas segmentárias e molares do aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

Para ordenar o calçadão da orla, vigiar possíveis feirantes não autorizados e controlar os atuais feirantes autorizados, além de outras medidas, a coordenação de posturas pretende recorrer ao auxílio de um sistema de videomonitoramento, conforme relata o representante: “Olha, o videomonitoramento é uma tendência de nós caminharmos para isso também. Só que ainda tá em conversa” (ENTREVISTA, P1). O representante relata que se trata de uma tendência pelo fato de que a prefeitura já conta com um sistema desse tipo. Contudo, ainda não teve algo direcionado exclusivamente para o monitoramento das atividades da feira, relata o servidor. Isso porque o foco do sistema de videomonitoramento é mais amplo, ao se concentrar nas questões de segurança pública de toda a cidade, e não somente na orla, como se observa no trecho do documento a seguir:

A Prefeitura de Vila Velha instala cinco novas câmeras de videomonitoramento em vários pontos da cidade. Os bairros de Cristóvão Colombo, Centro, Orla de Itaparica e em dois pontos da Praia da Costa são os locais beneficiados com os novos equipamentos. Agora são mais de 200 câmeras de videomonitoramento no município. Os novos equipamentos digitais com alta resolução serão instalados na Avenida Cristóvão Colombo com a Rua Alvarenga Peixoto, em Cristóvão Colombo, na Avenida Luciano das Neves com a Champagnat, no Centro, na Avenida Antônio Gil Veloso, na Avenida Estudante José Júlio de Souza, na orla de Itaparica e na Rua Inácio Higino, com a Rua Frei Aurélio Stulzer, na Praia da Costa. Das cem câmeras do Programa Estadual “Olho Digital”, sob o uso do município na Central de Videomonitoramento, 79 estão em pleno funcionamento após vistoria técnica de empresa especializada. Outros 10 equipamentos do mesmo lote também terão seus links restaurados ainda nesta semana, aumentando para 89 o número de equipamentos de vigilância da cidade. Já as outras 97 câmeras analógicas instaladas pelo município em 2009 também estão passando por manutenção técnica. O trabalho de manutenção e reparos serão feitos ao longo da semana nas 27 câmeras da Região 2. Dos 12 equipamentos com problemas técnicos entre os 56 instalados na Região 1, 7 foram recuperados (DOCUMENTO 05).

O que se destaca nesse fragmento é a maneira pela qual o controle é exercido nas práticas cotidianas, isto é, existem câmeras sem funcionamento que podem estar em qualquer ponto da cidade e que passam apenas a sensação de vigilância. É o que Deleuze (1992) destaca da obra “foucaultiana” como sendo o panóptico, uma das marcas da sociedade disciplinar. Segundo Foucault, citado por Deleuze (1992), a sociedade disciplinar tem como foco o confinamento em determinadas instituições. No entanto, outros agenciamentos estão entrando em jogo, formando o que Deleuze (1992) denomina de sociedade de controle, marcada por controle contínuo e comunicação instantânea. Esse foco no controle contínuo tem como auxílio diversas máquinas tecnológicas da contemporaneidade, são as máquinas cibernéticas da informática (DELEUZE, 1992), justamente o que se observa no sistema de videomonitoramento.

A informatização também está presente na coordenação de posturas. Segundo relatos, até o ano de 2017, os servidores organizavam as informações dos feirantes por meio de papéis e documentos. A partir de então, a prefeitura decidiu informatizar os processos com a aquisição de um maior número de computadores e treinamento para os servidores. Com isso, maiores quantidades de informações sobre os feirantes puderam ser coletadas e armazenadas em um banco de dados, aprimorando o controle. Isso é evidenciado na fala do representante:

Foi um ano de crise, difícil. Pelo menos nossa conquista foi cadastrar todos ali. Temos informações no computador, endereço e tudo. Nós informatizamos todas as salas dos fiscais (ENTREVISTA, P1, 2018).

Para Deleuze (1992), a ordenação por modo de controle contínuo e comunicação instantânea tem como traço transformar praticantes em cifras localizáveis em bancos de dados. É o que acontece com os feirantes ao terem suas informações capturadas pelo organismo do aparelho de Estado em uma lógica de estriagem (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

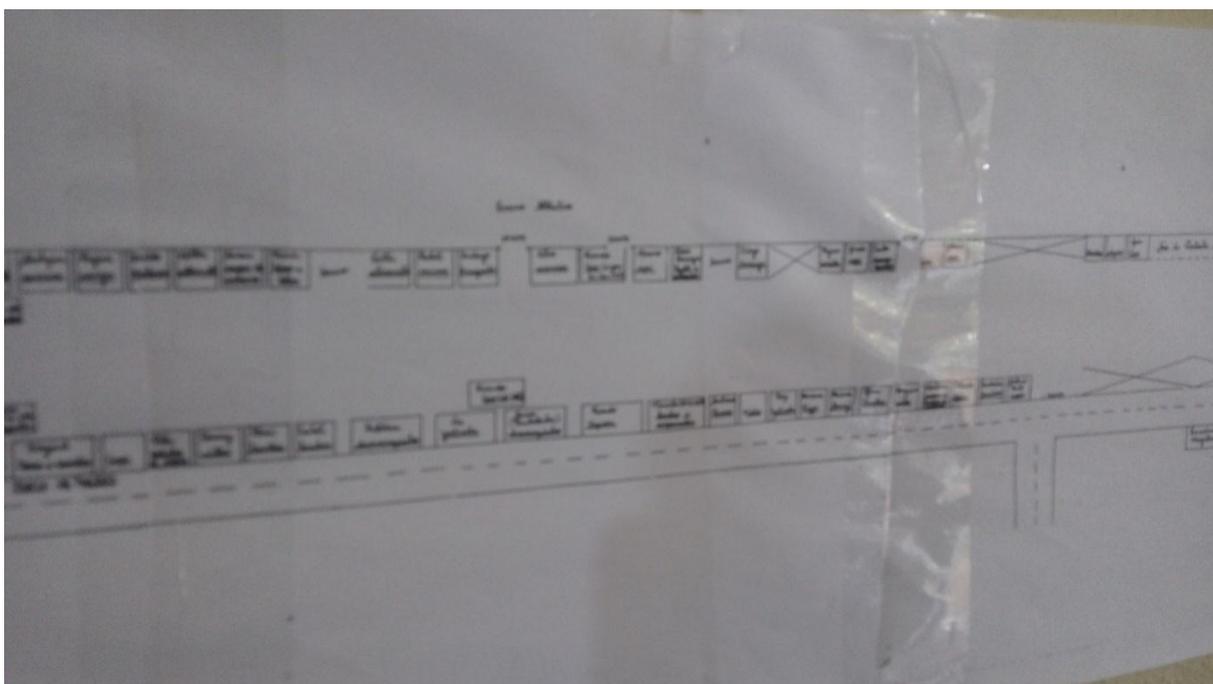
Ao mesmo tempo em que a prefeitura se organiza em linhas de segmentaridade molar, existem momentos de linhas de fuga, válvula de escape na burocracia (DELEUZE; GUATTARI, 1987). De acordo com Deleuze e Guattari (1987, p. 214, tradução nossa):

Não basta definir a burocracia por uma segmentaridade dura, com divisão entre as repartições contíguas, chefe de repartição em cada

segmento, e centralização correspondente no fundo do corredor ou no alto da torre. Pois há ao mesmo tempo toda uma segmentação burocrática, uma flexibilidade e uma comunicação entre as repartições, uma perversão de burocracia, uma inventividade ou criatividade permanentes que se exercem inclusive contra os regulamentos administrativos.

Um exemplo de criatividade cotidiana nos espaços da prefeitura é encontrado na planta arquitetônica da feirinha localizada na sala dos fiscais (Fotografia 12).

Fotografia 12 – Mapa improvisado da feira



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

Analisando relatos de P1, observa-se que era necessário estriar o espaço da feirinha, dimensiona-lo, medi-lo, codifica-lo e traçar um plano de organização sobre ele (DELEUZE; GUATTARI, 1987), de modo a categorizar cada feirante em seus espaços. Para isso, P1 disse que se baseou na criatividade e no improviso ao pegar algumas folhas, canetas, régua e fita adesiva para colar na parede da sala dos fiscais a planta arquitetônica da feirinha. Isso foi feito, segundo ele, com a ajuda de alguns fiscais que informavam o local exato de cada feirante pelo fato deles terem maior convívio com os ambulantes, o que mostra outra desfiguração da formalidade da burocracia, na medida em que os fiscais se mostraram abertos a relações mais pessoais com os feirantes, o que será mais detalhado ao final deste tópico. E é possível encontrar outros fluxos que escapam à segmentaridade do aparelho de

Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987) no seio da prefeitura. No entanto, isso não é descrito aqui, pois o foco deste estudo está na feira, sendo relevante entender da prefeitura principalmente os aspectos que a levam a transportar as operações de estriagem sobre os espaços da feirinha, bem como o alisamento possível de ser evidenciado a partir dessa estriagem (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

A estriagem espacial da feira tem como pilares principais uma lei e um decreto do município, como visto na pesquisa documental. Isso porque a prefeitura opera por capturas ao tentar se estabelecer em uma posição privilegiada de manipulação, como se observa na fala a seguir:

Primeiro que eles [os feirantes] ficam onde a gente determina. [...] A cidade é dinâmica, tudo muda, o município que determina, não somos nós que temos que nos adaptar a eles, são eles que tem que se adaptar a nós. São as regras do jogo. Nós só permitimos até dez banquinhos de plástico, por exemplo. (ENTREVISTA, P1, 2018).

O fragmento acima apresenta a proposta de relação determinística na qual os praticantes burocratas interferem nos fluxos das operações dos praticantes feirantes. O entendimento dos praticantes da prefeitura é o de que as relações cotidianas se constituem a partir da lógica do jogo, na qual as regras e as disputas são componentes inerentes.

A lei que serve de base para a estriagem se trata de um código de posturas que abrange a cidade como um todo. Esse código trata de vários aspectos relacionados ao poder de polícia da Administração Pública, tais como o licenciamento, que trata da liberação de licenças para funcionamento de estabelecimentos. O código também regulamenta os bens públicos, por exemplo, as calçadas, as árvores, as ruas e as praças. Regulamenta também as bancas de jornais, os toldos, as cercas elétricas, a publicidade, os cemitérios e as feiras livres. Ao longo das seções e dos artigos do código, várias definições, proibições e permissões são elencadas. É caso da seção que trata das feiras livres, definidas da seguinte forma:

Art. 172. As feiras livres, para fins desta Lei, são os espaços, em geral logradouros públicos, utilizados para o comércio coletivo e regular de gêneros de primeira necessidade, produtos e/ou comidas típicas, artesanatos e outros gêneros que permitidos pela Municipalidade, feito mediante a instalação, em caráter transitório e temporário, de barracas, tendas, bancas, balcões, tabuleiros e outros equipamentos, sujeitos à regulamentação municipal (DOCUMENTO 01).

Além disso, a seção que trata das feiras impõe as seguintes proibições aos feirantes com a punição de cancelamento da inscrição na prefeitura:

Art. 176. O órgão competente municipal poderá cancelar as inscrições dos feirantes, nos seguintes casos: I - ceder a terceiros, a qualquer título, e ainda que temporariamente, o uso total ou parcial de suas instalações ou equipamentos durante a realização da feira livre; II - faltar à mesma feira livre 05 (cinco) vezes consecutivas ou oito vezes alternadas, durante o ano, sem apresentação de justificativa imediata e relevante, a juízo da administração; III - adulterar ou rasurar o documento necessário às atividades de feirante; IV - praticar atos simulados ou prestar falsa declaração perante a administração para burlar as leis e regulamentos; V - proceder com indisciplina ou turbulência, ou exercer sua atividade em estado de embriaguez; VI - desacatar servidores municipais no exercício de sua função ou em razão dela; VII - resistir à execução do ato legal, mediante violência ou ameaça a servidor competente para executá-lo; VIII - não observar rigorosamente as exigências de ordens higiênicas e sanitárias previstas na legislação em vigor durante a exposição e venda de gêneros alimentícios; IX - não manter rigorosa higiene pessoal, do vestuário e equipamento; X - não efetuar, em tempo hábil, o pagamento de tributos à Municipalidade, que devidos em decorrência do exercício das atividades de feirante, ou não revalidar a respectiva matrícula a cada dois anos (DOCUMENTO 01).

A definição de feira acima se mostra próxima do entendimento adotado neste estudo, na medida em que a feira é vista como um espaço de barracas e outros materiais de caráter provisório, trata-se da ideia de acontecimento, fluido e variável. Já com relação às proibições e punições, observa-se um movimento de estratificação, uma multiplicidade arborescente, um sistema centrado com linhas de segmentaridade molar em uma máquina abstrata de sobrecodificação do espaço estriado (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Uma das proibições, por exemplo, volta-se para a negação do uso do álcool. É a valorização do organismo em detrimento do corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Trata-se de um controle sobre o corpo. O objetivo é exterminar o estado de embriaguez no qual o corpo se desestabiliza, tem o desempenho das funções e dos órgãos deteriorado e se desvia da meta de trabalho.

O código ainda esclarece sobre os demais procedimentos de penalidade para os casos de descumprimento das regras. Os instrumentos usados para punir os infratores são: notificação, auto de infração, apreensão, interdição, cassação, embargo e demolição (DOCUMENTO 01). A notificação é o aviso ao infrator para regularizar a situação em tempo hábil (DOCUMENTO 01). O auto de infração é

lavrado pelos fiscais, onde os infratores devem pagar a dívida (DOCUMENTO 01). A apreensão se trata do aprisionamento de coisas móveis, como equipamentos, mercadorias e documentos dos infratores (DOCUMENTO 01). A interdição ocorre com a interrupção forçada do funcionamento dos estabelecimentos irregulares (DOCUMENTO 01). A cassação é a suspensão de licenças de funcionamento devido irregularidades (DOCUMENTO 01). O embargo é a interdição de obras irregulares (DOCUMENTO 01). E a demolição é a destruição de construções irregulares (DOCUMENTO 01).

O outro pilar da estriagem se encontra no decreto que regulamenta a exploração das atividades econômicas em logradouro público no município. Nesse decreto estão estabelecidos parâmetros para os aspectos físicos do espaço da feirinha. Por exemplo, o decreto estabelece as medidas para as barracas e a área de circulação de frequentadores da feira, como se nota no fragmento abaixo:

Art. 39 As dimensões das barracas serão, no máximo, de: I - 2,60m (largura) x 2,00m (frente) x 2,50m (altura) - com 01 tabuleiro; II - 2,60m (largura) x 4,00m (frente) x 2,50m (altura) - com até 02 tabuleiros; III - 2,60m (largura) x 6,00m (frente) x 2,50m (altura) - com até 03 tabuleiros; IV - 2,60m (largura) x 8,00m (frente) x 2,50m (altura) - com até 04 tabuleiros; V - 2,60m (largura) x 10,00m (frente) x 2,50m (altura) - com até 05 tabuleiros; VI - 2,60m (largura) x 12,00m (frente) x 2,50m (altura) - com até 06 tabuleiros.

Art. 40 Na instalação das barracas deverão ser observadas as seguintes normas: I - Não é permitido ocupar espaço maior do que aquele determinado pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos; II - A montagem dos equipamentos será realizada, preferencialmente, no leito carroçável das vias públicas, mantendo-se entre eles a distância máxima de 80 cm (oitenta centímetros) e, quando houver necessidade de utilização das calçadas, deverá haver acesso livre para pedestres de no mínimo 80 cm (oitenta centímetros) entre as bancas e as residências; III - A área livre para circulação de público deverá possuir 2,00 (dois metros) de largura, no mínimo, em toda a extensão da feira; [...]

A estriagem tem como traço a mensuração espacial, a quantidade (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Trata-se de uma segmentaridade dura, um sistema fechado, métrico, extensivo, centrado e dimensional no qual se estabelece quantidades para cada detalhe (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Assim, como um axioma, o espaço na feira é definido a partir do estabelecimento de medidas para as barracas e o espaço de circulação de frequentadores, como visto no fragmento.

No cotidiano da feira, observou-se que uma das principais manifestações materiais da estriagem espacial se dá por meio de um documento pendurado nas barracas dos feirantes. Isso faz parte das regras, já que o decreto estabelece que “os feirantes são obrigados a expor em local visível ao público a autorização para funcionamento [...]” (DOCUMENTO 03). A Fotografia 13 a seguir apresenta o documento localizado na parte superior esquerda.

Fotografia 13 – Documento de feirante autorizado



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

Apesar dessa barraca da foto seguir o ordenamento, algumas barracas não apresentaram de forma visível o papel, além daquelas em que os praticantes não estavam com o documento no momento, conforme relatos dos feirantes e como se verifica nos trechos a seguir:

Ao se caminhar pela feira com o intuito de identificar os documentos de autorização nas barracas, pode-se notar que algumas estão sem o documento ou a autorização está guardada com os feirantes (DIÁRIO DE CAMPO, 16/02/2018).

Olha, tenho sim, tá aqui embaixo guardada essa autorização. Os fiscais quando pedem a gente tem que mostrar que tá tudo certinho. Mas eles já sabem quem é quem aqui e olham mais pra ver quem tá de intruso, não chega a pedir pra deixar a autorização num local específico, nunca fui repreendida por isso (ENTREVISTA, P5, 2018).

Compreende-se, a partir dos fragmentos acima, que existe uma maleabilidade nos fluxos cotidianos. Trata-se de uma desestratificação frente à estratificação do aparelho de Estado, ou em outros termos, é uma segmentaridade flexível contrastando com a segmentaridade dura (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

Outro controle espacial praticado pela prefeitura é a ordenação sobre quem pode e quem não pode entrar e se manter no espaço. Para aqueles que desejam iniciar nessa prática de feirante, o representante da prefeitura P1 orienta da seguinte forma:

Tem que ir na prefeitura, na postura, e fazer um protocolo. O que você quer vender. O produto que quer vender. Aí a prefeitura vai estudar se pode ou não. Se já tem muito ou não. Se tem espaço ou não. A prefeitura tem essas informações que a gente passa. Porque todos que estão lá na feira estão cadastrados na prefeitura. A prefeitura sabe exatamente quanto de lanche tem, quanto de artesanato de conchas tem, quanta bijuteria tem. Então, se é um produto que já tá saturado, então eles não deixam (ENTREVISTA, P1, 2018).

Novamente, observa-se a estriagem com a mensuração e definição de quantidades para cada detalhe (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Acima de tudo, o que se destaca do fragmento é que o aparelho de Estado regula e incentiva uma lógica de mercado, na qual se busca a eficiência de um mercado competitivo, o que se constata na preocupação de garantir aos novos entrantes boas condições para segmentação, posicionamento e diferenciação de mercado.

Ainda a respeito da entrada na feira, o decreto que regulamenta o espaço diz que os documentos requeridos para pleitear a vaga são um formulário, cópia da identidade, cópia do cadastro de pessoa física ou cadastro nacional de pessoa jurídica, foto, comprovante de residência, algumas certidões negativas e outros documentos conforme a exigência da atividade. Além disso, existe uma prioridade entre os candidatos, sendo priorizados os deficientes, pessoas de baixa renda, desempregados, egressos de penitenciárias, feirantes com experiência de pelos menos três anos e produtores rurais (DOCUMENTO 02).

Esse controle da entrada de novos praticantes se deu em resposta ao explosivo contingente de candidatos em anos anteriores e o aumento no total de barracas, como se observa na fala do representante da prefeitura:

Uns três anos para cá. Coincidiu com a eleição. Sem fiscalização, incentivou muita gente chegar. Então não houve controle dessa chegada. Esse volume acelerou e não sei quem ganhou. Quem perdeu foi a cidade. Começou vim gente chegando e não houve um trabalho pra barrar. Tem como barrar (ENTREVISTA, P1, 2018).

Como resposta para controlar a escassez espacial no calçadão, o representante da prefeitura P1 declarou sua proposta de retirar aqueles feirantes mais antigos que perderam a competitividade frente aos novos feirantes:

Outra coisa relevante é que a regra é essa, tem gente que tá ali vinte anos. Mas eu sou contra qualquer... O que me garante que eu que tô lá há vinte anos e você jovem chega lá com o produto melhor. Eu lá com vinte anos, mas com carrinho de vinte anos atrás. Isso não me interessa. A cidade é dinâmica, tem que mudar. Então vai ter uma conferência na cidade, se Deus quiser, onde vamos discutir todos os setores, sobre qual a orla que queremos. Vamos discutir com todos segmentos: moradores, pescadores, quiosqueiros, fiscais, ambulantes, tudo isso. Aí vamos fazer uma grande legislação que vai nortear realmente o que vai ser a orla nos próximos vinte anos. E eles não vão gostar, mas eu vou propor o seguinte: essa turma que tá há vinte anos, O.K., já deu. Sou favorável de fazer um sorteio e desse sorteio decidir quem vai poder ficar mais uns quatro ou cinco anos e depois não é que vai ficar sem trabalhar, só vai pra outro lugar, como uma praça (ENTREVISTA, P1, 2018).

Em uma primeira análise se poderia entender que o aparelho de Estado privilegia o nomadismo ao tentar excluir o sedentário que não sai da feira e enfatizar a dinâmica com os novos entrantes nômades (DELEUZE; GUATTARI, 1987). No entanto, os nômades também são aqueles que não se movem (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Alguns feirantes que estão na feirinha há mais de dez anos são praticantes nômades que em determinado momento de suas vidas buscaram uma linha de fuga do mercado formal altamente competitivo para se abrigarem em novas de formas de vida. Acontece que o aparelho de Estado busca capturar esses fluxos criativos desviantes para os tornar adaptados aos fluxos maquínicos de mercado (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

Por fim, a última partícula de controle espacial se encontra em um dos principais praticantes identificados com a aparelhagem estatal, que é a figura do fiscal de posturas. São quarenta e quatro fiscais espalhados pela cidade, segundo relatos dos praticantes. Na orla são dezesseis fiscais que caminham pelo calçadão buscando irregularidades, conforme relataram os feirantes. Ainda segundo informações das entrevistas não estruturadas, os fiscais trabalham divididos por turmas de cada horário, sendo que tem a turma da manhã, da tarde e da noite. Geralmente eles

estão de boné, com calça e colete preto com a palavra “fiscalização” estampada (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Em suas práticas diárias pelo calçadão, os fiscais apreendem as coisas irregulares e as guardam no pátio do setor de posturas da prefeitura, como se verifica no relato de P1:

Houve sim algumas ações mais truculentas. Se você tivesse vindo aqui na sexta-feira, você não ia reconhecer meu pátio, nós tiramos três caminhões de coisas que foram tiradas do calçadão e da areia da Praia da Costa. A gente tá jogando mais pesado. Somos acompanhados pelo Ministério Público. Ele quer uma orla limpa. O governo passado não tinha essa prioridade. A orla não era prioridade [...] (ENTREVISTA, P1, 2018).

O que se observa do fragmento são os praticantes fiscais com suas operações de estriagem espacial (DELEUZE; GUATTARI, 1987). No entanto, essas operações se transmutam em operações de alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987) no cotidiano da feira. O que era um espaço extensivo, métrico e formal, torna-se um espaço intensivo, não métrico e informal (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Segundo relatos do feirante P4, ele e dois fiscais eram amigos de longa data, fazendo com que as relações entre eles fossem mais informais durante as abordagens. Durante a observação não participante, foi possível notar dois fiscais parando em ponto para descansar por uns minutos e conversando sobre futebol. Além disso, o feirante P4 relatou que algumas vezes oferecia alguns petiscos para os fiscais. Ademais, o feirante P5 relatou que presenciou um caso de tentativa de suborno por parte de um colega da feira, mas que não acompanhou o desfecho do caso, apenas dizendo que posteriormente o colega saiu da feira. O que se observa, portanto, é a tentativa de buscar linhas de fuga em meio à burocracia (DELEUZE; GUATTARI, 1987). É a multiplicidade rizomática em detrimento da multiplicidade arborescente (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

7.4. TRANSGREDINDO O ESPAÇO COM AS OPERAÇÕES DE ALISAMENTO DOS FEIRANTES E FREQUENTADORES E A INVASÃO DOS HIPPIES, MENDIGOS, TRAFICANTES E MACONHEIROS

A multiplicidade rizomática e as linhas de fuga das operações de alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987) se concentram neste tópico, que apresenta algumas formas nas quais diferentes praticantes carregam práticas de alisamento. Tais práticas fazem parte do cotidiano dos feirantes e dos frequentadores. Além disso, existem praticantes rotulados de invasores e de hippies, mendigos, traficantes e maconheiros que articulam também suas operações de alisamento, mas muitos deles articulam linhas de fuga que resultam em linhas de destruição e acabam caindo em buracos negros (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

Além das práticas de alisamento espacial já mencionadas ao longo dos tópicos anteriores, os praticantes feirantes apresentam mais quatro operações de alisamento que merecem atenção. A primeira operação de alisamento que os praticantes feirantes carregam e performam abrangem maior amplitude. Trata-se dos deslocamentos executados por muitos dos feirantes que moram em bairros distantes e se deslocam para a orla da cidade de Vila Velha. Poucos feirantes, que são praticantes da considerada elite da feira, moram no próprio bairro da Praia da Costa que é considerado pelos praticantes como um bairro nobre da cidade. A maior parte dos praticantes reside em bairros mais desvalorizados e alguns moram em favelas. Assim, viu-se pelas entrevistas que muitos feirantes se movem de seus bairros, apropriando-se de espaços de elite, para voltar para seus bairros com o sustento da casa. Nômades ocupam os espaços estriados da cidade com suas operações de alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

O feirante P9, por exemplo, relatou que reside no bairro Aribiri perto de uma favela e vai de carro para a feira com sua esposa também feirante. P9 relatou que trabalhava em uma fábrica da cidade, até que fora demitido, quando resolveu trabalhar junto com a esposa no calçadão da Praia da Costa, pois precisava de alguma renda e tinha uma filha para criar. Ainda de acordo com P9, o artesanato ficou por conta da esposa, pois era ela quem sabia fazer os chapéus, então eles começaram a se deslocar para o calçadão, sendo que o início foi marcado pela ilegalidade por não terem a autorização da prefeitura, o que seria obtido tempos depois. Já o artesão P15 reside no bairro Santos Dumont e relatou uma vida sofrida ao longo dos últimos cinco anos de trabalho na feirinha. Segundo ele, as vendas caíram muito e tem sido difícil assegurar o sustento com esse trabalho, mas não pensa em desistir, continua se descolando de seu bairro até a orla todos os dias. Portanto, o que se nota é que,

a cidade é um espaço estriado por excelência, mas que, possibilita as práticas de alisamento por toda parte, tanto fora da cidade, quanto nela mesma (DELEUZE; GUATTARI, 1987), como é o caso dos feirantes nômades e suas operações de alisamento. Ao mesmo tempo, as operações de alisamento se deslocam para operações de estriagem, haja vista que os feirantes se articulam em fluxos de dinheiro, trabalho e habitação, que são estriagens (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

O relato anterior de P9 sobre a ilegalidade inicial em sua trajetória na feira se articula à segunda prática de alisamento espacial que é a ocupação dos espaços por parte de feirantes não autorizados pela prefeitura. Reiteradamente, ao longo dos fluxos cotidianos e da rotina da feira, emergem o que os feirantes chamam de “invasores”. A maior parte deles são artesãos que tentam se infiltrar em algum espaço da feira sem passarem por todo o trâmite burocrático da prefeitura. São praticantes com suas operações de alisamento ocupando o espaço como trogloditas (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Há um contragolpe desses invasores trogloditas que se articulam em linhas de fuga diante das linhas de segmentaridade dura do aparelho de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Como resposta a isso, os praticantes feirantes já estabelecidos na feira, embora alisem o espaço estriado da cidade, passam a estriar o espaço da feira, na medida em que se articulam em linhas de segmentaridade molar (DELEUZE; GUATTARI, 1987) ao denunciarem os invasores para os fiscais da prefeitura. O artesão P3, por exemplo, relatou que, em situações nas quais alguém irregular se fixa perto de sua barraca, ele tira foto e a envia para o setor da prefeitura denunciando o invasor.

Entretanto, existem exceções, pois, segundo relatos, nem todos que aparecem de forma irregular são denunciados e expulsos, algumas situações dependem dos laços de amizade, ou seja, é outra passagem de uma operação à outra, da estriagem para o alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987). P14 é amigo de um ambulante que está há dez anos atuando de forma irregular na feira. Ele não tem barraca, vende brinquedos para as crianças e geralmente se localiza nos bancos no meio da feira, exceto quando aparecem os fiscais.

Outra prática de alisamento operada pelos praticantes feirantes se refere aos horários de funcionamento. Novamente, linhas moleculares são articuladas diante das linhas molares de Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Ocorrem dribles

cotidianos, gestos sutis e meticulosos. Alguns feirantes excedem em alguns minutos ou horas os limites de horário permitidos pela prefeitura (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Além dessa questão do horário, outra questão de transgressão se apresenta, que são as faltas ao espaço de trabalho no calçadão. Como foi apresentado no código de posturas no tópico anterior, as faltas em excesso são puníveis pela prefeitura com o cancelamento das inscrições dos feirantes infratores. Trata-se de uma estratificação, codificação, segmentaridade dura, plano de organização (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Nas operações cotidianas, contudo, alguns feirantes relataram que faltam algumas vezes e que eles já viram colegas faltarem bastante, mas que a prefeitura apresenta apenas práticas discursivas de punição sem o cancelamento de inscrição alguma. Trata-se da desestratificação, descodificação, segmentaridade flexível, plano de consistência (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

As práticas de alisamento também são transportadas pelos frequentadores. Ao longo das observações, o pesquisador flagrou uma prática desviante por parte de alguns frequentadores que utilizavam a bicicleta como meio de transporte. Em vez de utilizarem a ciclovia, alguns frequentadores jovens subiam a calçada e passavam pelo corredor por entre as barracas montados na bicicleta, executando manobras para desviarem dos outros frequentadores que estavam caminhando ou sentados nos banquinhos (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Frente a isso, muitos frequentadores reclamavam e buscavam repreender tais práticas (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). Constata-se, assim, diferentes práticas cotidianas performadas por diferentes praticantes frequentadores do espaço. É a dinâmica da estriagem e do alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987) nos confrontos entre frequentadores ciclistas e demais frequentadores sem bicicleta.

Além da bicicleta, outro artefato material tem papel fundamental na dinâmica das práticas cotidianas: o banquinho de plástico. Como citado no tópico anterior, a prefeitura proíbe os feirantes da alimentação de colocarem mais de dez banquinhos para seus clientes. Ao longo das observações em campo, o pesquisador não encontrou uma operação desviante na qual tivessem mais de dez banquinhos. Nesse ponto, verifica-se que os praticantes feirantes se aliaram ao aparelho de Estado no predomínio da estriagem (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Essa operação aliada à operação de denunciar aos fiscais os feirantes irregulares coadunam com o

estudo de Zhang e Spicer (2014). Nesse estudo, os autores pesquisaram processos espaciais cotidianos em uma organização governamental chinesa. Em vez de direcionarem os holofotes para a descoberta de resistências cotidianas, como havia sido o foco dos estudos anteriores (e.g. WASSERMAN; FRENKEL, 2011), Zhang e Spicer (2014) notaram que, apesar de alguns gestos de resistência, os participantes do estudo demonstraram um reforço ainda maior dos mecanismos de controle.

No entanto, como consequência, os banquinhos ficam sempre ocupados de clientes e alguns clientes consomem em pé, além de utilizarem alguns banquinhos como mesa de apoio dos lanches e bebidas, já que mesas também são proibidas. Diante disso, emergem operações de alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987) por parte dos clientes frequentadores. São utilizadas, então, várias práticas criativas para conseguir lanchar de forma mais confortável. Ao longo da aplicação da técnica *shadowing* com um frequentador, o pesquisador observou uma prática criativa performada por um frequentador que estava acompanhado de sua esposa e de seu filho jovem:

P29 recebe o pedido de bolinhos de aipim e uma garrafa de refrigerante na barraca do aipim. P29 olha para a esposa que está na barraca ao lado esperando um cachorro quente. P29 observa que todos os banquinhos estão ocupados e tem gente em pé. Então, P29 anda até um canto onde tem seu filho lhe esperando. O filho de P29 havia montado uma mesa dobrável com quatro banquinhos em um canto onde ficava uma barraca do feirante que faltara naquele dia. P29 observa o filho dilacerando o X-tudo. P29 começa a comer o bolinho. P29 me serve o refrigerante. P29 conta que sempre que frequenta ali leva no carro o conjunto de mesa dobrável como tática para ter mais conforto, já que fica muita coisa em cima da mesa e no chão ficaria ruim (DIÁRIO SHADOWING, 23/02/2018).

Constata-se a prática de alisamento espacial (DELEUZE; GUATTARI, 1987) na medida em que, diante da restrição dos banquinhos, os praticantes frequentadores articulam uma manobra para ocupar espaços vagos, sendo que, para isso, os objetos materiais são essenciais na performance da prática (RECKWITZ, 2002; NICOLINI; 2012; GHERARDI; PERROTTA, 2014). Já os feirantes, ao notarem essas operações dos frequentadores, em vez de estriarem o espaço repreendendo-os como é feito com os feirantes invasores, eles incentivam. É a passagem da estriagem ao alisamento (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Isso faz avançar a literatura ao se distanciar do estudo de Zhang e Spicer (2014), já que os autores não encontraram que os praticantes são transportadores de operações efêmeras, ora

estriagem, ora alisamento, sendo mais limitado se focar apenas em controle ou resistência. Isso se explica, em parte, porque os autores utilizaram Lefebvre (2006), que trabalha, por exemplo, com as noções de espaço concebido e espaço vivido, sendo o concebido um espaço dos cientistas e o espaço vivido um espaço dos artistas, ou seja, essa concepção trata o espaço como algo pertencente aos atores. A concepção deleuziana da prática, por outro lado, possibilita entender as operações as quais os praticantes transportam e toda a complexidade inerente a isso.

Além da aliança entre feirantes e o aparelho de Estado na questão dos banquinhos de plástico, há a continuidade da aliança para as relações de força que se estabelecem nos confrontos com os invasores hippies. Os hippies se localizam nas áreas de visitantes, que são áreas mais afastadas do restante dos feirantes, no início e no final da fileira de barracas. Os hippies são alvos das operações de estriagem e, como resistência, operam alisamentos, sendo a principal prática de alisamento a ocupação dos bancos de cimento localizados na área central do corredor, a área mais privilegiada, como se verifica no fragmento:

Anos atrás era pior. Ali na minha frente no meio, faziam uma feira dentro da feira. Os hippies e outros expositores que vinham de fora colocavam tudo ali, tinha muita invasão. Esse ano que a prefeitura pegou duro, fizemos uma área de visitantes. Na verdade, sempre tinha área de visitante, mas eles querem no melhor lugar, então eles colocavam sempre na nossa frente ali. Tanto que eu já fui ameaçado de morte por esse pessoal que colocava ali no meio, morador de Vila Velha. Mas eram bandidinho que vinha expor, mas pra incomodar os outros também. E eu fui ameaçado por ele, 'ah, sou bandido se eu quiser posso matar, já matei, não custa matar mais um'. Tanto que chamei o policial, aí a polícia pegou ele e levou ele, mandou desmontar. Ai não veio mais (ENTREVISTA, P3, 2018).

Ao declarar que “faziam uma feira dentro da feira”, P3 deixa subentendido que os espaços de visitantes não se legitimam como espaços da feira, são espaços periféricos de bárbaros. E mesmo que os invasores se fixem no meio da feira, eles não se legitimam, pois emerge uma segunda feira, uma feira clandestina dentro do espaço legítimo dos feirantes com as barracas. Desprovidos de prudência, alguns dos praticantes invasores performam linhas de fuga que são imediatamente transformadas em linhas de destruição e morte, caindo em buraco negro com fluxos de criminalidade (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Essa dinâmica de invadir e reprimir é um ciclo, como se nota na fala do representante da prefeitura:

Sim, não é fácil, aí entra os fiscais, porque eles querem ficar no meio do povão. É gato e rato, se der mole eles vão pro meio, aí chega a fiscalização e remaneja. Porque ali onde eles ficam é meio escuro, mas vamos tentar melhorar aquilo pra eles. Eles mudam muito, o controle não é tão grande sobre eles (ENTREVISTA, P1, 2018).

O que o fragmento mostra é a dinâmica do alisamento e da estriagem e da passagem de um processo ao outro ao longo do cotidiano (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Outro praticante que se articula nas relações de força em torno da questão da invasão é o representante da associação de moradores, que busca sobrecodificar os hippies, rotulando-os pela estética:

Esses artesãos eventuais, nada contra, mas se tivessem um aspecto de gente mais higiênica, mas se você olhar as figuras, vai ver que eles não são tão preocupados com isso (ENTREVISTA, P2, 2018).

Os mendigos, como conhecidos pela comunidade de práticas da feira, também articulam práticas de alisamento espacial (DELEUZE; GUATTARI, 1987). Perto das barracas, na faixa de areia da praia, ficam vários barcos dos pescadores. Os mendigos transformam esse espaço em um tipo de dormitório depois que a feira se encerra (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). A Fotografia 14 mostra esse espaço.

Fotografia 14 – Dormitório dos mendigos



Fonte: Acervo do pesquisador (2018).

Os agentes do Estado buscam capturar os nômades mendigos que ocupam esses espaços dos barcos. Entretanto, as operações de alisamento fazem com que se estabeleça a resistência, como se nota na fala do feirante:

Muito mendigo aqui. Agora eles ficam dormindo nos barcos. Tinha mais, tinha um grupo muito grande que dormia ali, volta e meia vinha polícia ali, vinha a prefeitura, a agência social para falar, pra tirar, mas ninguém quer ir (ENTREVISTA, P11, 2018).

Além de ocuparem os barcos depois do encerramento da feira, alguns chegam mais cedo durante o funcionamento da feira no período noturno e ocupam os bancos de cimento no meio do corredor por onde passam os frequentadores (DIÁRIO DE CAMPO, 17/02/2018). A Fotografia 9 apresentada no primeiro tópico mostra um desses nômades no banco no lado direito da fotografia. Em relação aos mendigos, o contexto investigado nesta dissertação apresenta semelhanças com o contexto estudado por Thanem (2011). O autor pesquisou as práticas de resistência de mendigos frente aos projetos de planejamento urbano na Suécia. Se aqui os mendigos ocupam bancos e barcos na areia, lá os mendigos ocupavam uma praça pública. Diante disso, o poder público sueco implementou projetos que tinham o intuito de remover aquelas pessoas do espaço. Como resultado, Thanem (2011) descobriu que alguns realmente aceitaram as propostas do Estado, enquanto outros fingiram que aceitaram, mas voltaram para o mesmo local e ainda ficaram mais contentes por terem reformado a praça. No contexto investigado nesta dissertação, segundo relatos dos feirantes, alguns mendigos resistem e se recusam a deixar o espaço, utilizando-se de práticas variadas como violência física, enquanto outros aceitam serem acompanhados pela prefeitura para abrigos, mas depois fogem e voltam para os barcos e têm ainda aqueles que se mudam para outros espaços da cidade, como praças e outros espaços da orla.

Ao longo das entrevistas com os feirantes, muitos deles relataram que alguns mendigos usam entorpecentes e raramente ocorre alguma prática de furto. Fluxos de criminalidade estão presentes também nas operações de alisamento de mais dois grupos de invasores: os traficantes e os maconheiros. Os feirantes relataram flagrar homens comercializando drogas ilícitas na areia da praia, tanto de dia quanto de noite. Segundo alguns feirantes, essa comercialização tem acarretado em insegurança, devido às disputas entre as facções do tráfico.

Já teve tiroteio e tudo. Até mataram a colega nossa, a mulher que tava na praia. Tudo gangue de traficante. Aí veio dois com revólver aqui e outro lá na areia. E tiroteio, atirando, atirando, atirando. Assim de gente, num domingo ainda. Era dia. Cheio de gente. P31 vendendo coco na areia, a mulher dele foi se levantar e pegou o tiro na cabeça. Morreu na hora. Deixou o filho, tinha seis, sete anos só. E volta e meia tem tiroteio, ali na escada dos pescador ali, volta e meia tem tiroteio. [...] Uma bala pegou atrás na parede onde fico sentado. Foi muita bala (ENTREVISTA, P3, 2018).

Houve um trabalho esse ano, ali tinha muita gente fumando maconha na praia, incomodando. E fizemos um acordo com a guarda municipal que atuou ali e espantou essa turma. Mas continua (ENTREVISTA, P2, 2018).

Ao longo das observações, o pesquisador flagrou, algumas vezes, grupos de jovens fazendo uso de substância entorpecente ilícita (segundo Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006) na areia da praia. Assim, essa dinâmica das práticas de venda e consumo tem acarretado um conflito com a lei, trata-se de um fluxo de criminalidade que se diferencia da linha molar de um código jurídico e suas divisões (DELEUZE; GUATTARI, 1987). A maconha, assim como o álcool, opera contra a organização dos órgãos, o organismo. Como visto no tópico anterior, o código de posturas proíbe aos feirantes apenas o uso do álcool, sem mencionar outras drogas. Entretanto, isso se explica pelo fato de a maconha ser objeto de captura por outras instâncias do aparelho de Estado em sua segmentaridade dura (DELEUZE; GUATTARI, 1987), que são as polícias, em vez dos fiscais de postura. Em resumo, compreende-se que os feirantes transportadores de algumas operações de alisamento passam a transportar operações de estriagem quando se aliam ao aparelho de Estado para espantar os invasores vendedores e consumidores de entorpecente ilícito. Esses, por sua vez, saem das linhas de fuga para cair em linhas de morte e destruição (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

8. CONCLUSÃO

O objetivo geral desta dissertação foi desvendar o espacializar na feirinha da Praia da Costa em Vila Velha/ES. Os objetivos específicos foram: descrever os processos de organizarna feirinha da Praia da Costa; analisar as operações de estriagem espacial na feirinha da Praia da Costa; analisar as operações de alisamento espacial na feirinha da Praia da Costa; e compreender a dinâmica das passagens das operações de estriagem para as operações de alisamento e vice-versa. Para mostrar que os objetivos foram alcançados, é de suma importância resgatar o esquema conceitual adotado. Faz-se relevante consultar a Figura 1 no esquema conceitual deste trabalho para analisar o átomo a partir dos achados da pesquisa.

Entender as dinâmicas do átomo é descrever os processos de organizar que fluem na feirinha, o primeiro objetivo específico. Os processos de organizar são responsáveis por fazer da feira um contexto organizativo que, a partir da estabilização dos fluxos, torna-se organização. Uma organização é realizada por meio de gestão. Com isso, o primeiro objetivo específico foi alcançado a partir da análise de alguns processos ordinários de gerenciamento que fazem parte do *organizing* da feira. Descreveu-se os processos envolvendo a localização da feira e das barracas, os frequentadores do espaço, os estoques, os fornecedores, os transportes, a competição entre as barracas, os produtos vendidos, os preços, as práticas de venda, a gestão do caixa, os financiamentos, os custos, as práticas de recrutamento, seleção e treinamento e as práticas de qualidade de vida.

Todos esses processos se realizam no cotidiano de forma rotineira. As práticas são rotinas e a natureza das estruturas sociais consiste de “rotinização”, com ciclos de repetição ao longo do tempo (RECKWITZ, 2002). Mas o que se repete é a diferença (DELEUZE, 2006), ou seja, os fluxos cotidianos nunca são idênticos entre si.

O segundo objetivo específico se concentrou nas operações de estriagem e foi alcançado principalmente com o platô sobre a prefeitura do município. Diversas operações de estriagem performadas por diferentes atores foram encontradas. A operação de cadastrar as informações dos feirantes nos bancos de dados da prefeitura, a operação de limitar a quantidade de banquinhos de plástico, a operação de estabelecer uma série de proibições aos feirantes por meio do código de

posturas, a operação de definir as medidas das barracas, a operação de solicitar diversos documentos para pleitear vaga no calçadão, a operação performada pelos fiscais de apreender coisas irregulares na orla e a prática de repreender hippies, mendigos, traficantes e maconheiros. Essas operações representam o núcleo do átomo.

O terceiro objetivo específico se concentrou nas operações de alisamento e foi alcançado principalmente com o platô sobre os invasores do espaço, mas nos demais platôs também foram encontrados alisamentos. A operação da leitura de livros e dos joguinhos durante o trabalho na barraca, a operação performada pelos servidores da prefeitura de improvisar na elaboração do mapa da feira, a operação de esquecer de colocar o documento de autorização em local visível na barraca, a operação de invadir o bairro considerado nobre da cidade, a operação de transgredir o horário de funcionamento das barracas, a operação de faltar ao trabalho mais vezes do que permitido, a operação de invadir espaços privilegiados na feira, a operação de usar a área dos pedestres como ciclovia, a operação de levar banquinhos de casa para cobrir a escassez de banquinhos de plástico, a operação performada pelos mendigos de transformar os barcos em dormitório e a operação de invadir o espaço performadas por traficantes e maconheiros. Essa parte forma os orbitais do átomo.

E o quarto objetivo específico se concentrou nas passagens de uma operação à outra. Essas passagens ocorreram em algumas situações. A prática de venda na qual os vendedores das barracas de lanche têm que gritar; a passagem que ocorre quando os feirantes se deslocam pela cidade como nômades, mas se transformam em sedentários na feira ao se aliarem aos fluxos de trabalho e dinheiro; a passagem que ocorre quando os feirantes denunciam alguns feirantes invasores, mas deixam alguns invadirem devido laços de amizade; e a passagem quando atores da prefeitura se articulam nas regras escritas, mas nos fluxos cotidianos fazem “vista grossa”.

Dessa forma, com a articulação dos quatro objetivos específicos, o objetivo geral foi alcançado, isto é, conseguiu-se desvendar o mistério do espacializar em uma feira. Foi possível entender o átomo como um todo, a partir da articulação do núcleo, dos orbitais e das dinâmicas que ocorrem em cada partícula do átomo. Um átomo é uma

partícula com a capacidade de se conectar a outras partículas (EBBING; GAMMON, 2009), isto é, o átomo tem sua relação com um fora. Átomos podem se conectar a outros átomos, formando moléculas (EBBING; GAMMON, 2009). Não só o conceito de espacializar, nevrálgico para o objetivo geral desta dissertação, mas este próprio trabalho de mestrado se comporta como um átomo em sua relação com o fora. Deleuze (1992, p. 14-15) apresenta um fragmento sobre essa relação de um escrito com o fora que pode ser apropriado para o caso desta dissertação:

É que há duas maneiras de ler um livro. Podemos considera-lo como uma caixa que remete a um dentro, [...] ou a outra maneira: consideramos um livro como uma pequena máquina a-significante; o único problema é: 'isso funciona, e como é que funciona?' Como isso funciona para você? Se não funciona, [...] pegue outro [...] essa maneira de ler se opõe à anterior porque relaciona imediatamente o livro com o Fora. Um livro é uma pequena engrenagem numa maquinaria exterior muito mais complexa. Escrever é um fluxo entre outros [...] (DELEUZE, 1992, p. 14-16).

Esta dissertação é uma engrenagem numa maquinaria exterior muito mais complexa. Isso se articula às contribuições desta dissertação para o fora. Esta pesquisa contribui para literatura sobre espaço nos estudos organizacionais ao operacionalizar a abordagem do espaço-como-prática. Trata-se de um estudo empírico sobre a temática que traz alguns achados relevantes para a escassa e incipiente abordagem do espaço-como-prática, pois a maior parte dos estudos da literatura sobre espaço ainda se concentra nas três abordagens predominantes que têm como inspiração as contribuições “lefebvrianas” (MENGIS; NICOLINI; GORLI, 2018).

Além disso, esta dissertação aponta algumas lacunas deixadas pelo pensamento de Lefebvre (2006) e, assim, faz avançar a literatura. Como visto na revisão da literatura, o uso do pensamento de Lefebvre (2006) tem sido predominante e os pesquisadores ora tem se concentrado em mecanismos de resistência (WASSERMAN; FRENKEL, 2011) nos contextos empíricos estudados, ora em mecanismos de controle (ZHANG; SPICER, 2014). Argumenta-se que esse viés tem sido influenciado, em parte, pela visão de Lefebvre (2006), que articula alguns determinismos, como a tendência de estabelecer os espaços como sendo propriedades de determinados atores. Para colmatar essas lacunas, esta dissertação adotou o pensamento deleuziano e partiu do entendimento de que o

espaço é uma prática e não pertence a algum ator praticante, pois esse praticante apenas carrega as práticas e tais práticas são efêmeras. Consequentemente, um mesmo praticante pode operar práticas de controle e práticas de resistência ao mesmo tempo, entendimento esse que leva este trabalho a se aproximar de uma abordagem mais pragmática (DELEUZE; GUATTARI, 1987) em torno das complexidades da vida social cotidiana.

Ademais, este estudo contribui para a literatura sobre espaço nos estudos organizacionais ao reforçar os achados de Munro e Jordan (2013) no que se refere às dinâmicas do espaço sonoro e à necessidade de os pesquisadores investirem esforços nesse aspecto. O pensamento de Certeau (1998) deixou lacunas em relação a esse espaço, o que fora suprido com o pensamento “deleuzo-guattariano” a partir da noção de ritornelo. Essa noção foi operacionalizada no contexto empírico deste trabalho, que mostrou a potência do ritornelo para entender profundamente o espaço sonoro.

Além disso, esta dissertação contribui para a literatura dos EBP. Amplia o leque de temáticas trabalhadas nos estudos organizacionais a partir do idioma da prática ao refletir sobre espaço a partir da prática. Essa articulação contribui não como uma simples aplicação, tratando a prática como objeto empírico, e sim como uma lente ou maneira de ver, da mesma forma que Orlikowski (2002) trabalha a questão do conhecimento na prática.

E no âmbito da sociedade, este estudo contribui por revelar empiricamente algumas questões que têm sido alvo de debates por diferentes praticantes, como as questões da pobreza, do desemprego, da burocracia, da ética, da criminalidade e das drogas. São questões presentes no cotidiano das cidades brasileiras e têm sido constatadas nos estudos sobre gestão ordinária, isto é, são questões que não deixam de se conectar com a Administração.

Por fim, como indicação para futuros estudos que possam emergir a partir deste trabalho, sugere-se que sejam realizadas pesquisas a respeito de níveis não alcançados nesta dissertação. Um átomo pode ser estudado a partir de um nível de análise que o investigue isoladamente e apenas em regiões mais amplas de sua organização, por exemplo, investigando a articulação entre orbitais e núcleo (EBBING; GAMMON, 2009). Por outro lado, é possível investigar o átomo a partir de

mais dois níveis: o primeiro seria considerar o átomo e suas articulações aos contextos mais amplos e o segundo seria investigar as partículas cada vez menores que estão nas regiões do núcleo e dos orbitais, como os quarks e os léptons (EBBING; GAMMON, 2009). Devido a escassez de tempo para concluir o mestrado e a natureza individual do trabalho de dissertação, o pesquisador precisou delimitar um nível de análise. Mas futuros estudos, se possível com uma equipe de pesquisadores, podem investigar com mais detalhes cada aspecto abordado ao longo desta dissertação. Por exemplo, pesquisadores podem escolher apenas uma barraca da feira para investigar aspectos de gestão ordinária com maior profundidade. É possível investigar apenas uma das áreas de gestão, como o *marketing-as-practice* e suas implicações espaciais. Ou é possível investigar outros tópicos de gestão não abordados neste estudo, como a estratégia como prática e a inovação. Além disso, futuros estudos podem se concentrar em um nível mais amplo do que o abordado nesta dissertação, ou seja, podem se voltar para o espacializar feira em sua articulação com outros “especializares” na cidade ou até mesmo a articulação entre feiras distintas nos municípios do estado, do país e do mundo.

REFERÊNCIAS

- ADLER, P. S.; FORBES, L. C.; WILLMOTT, H. Critical management studies. In: BRIEF, A.; WALSH, J. (Ed.). **Academy of management annals**. New York: Academy of management, 2008. cap. 3, p. 1-61.
- ALLEN, M.; BROWN, S. D. Memorial meshwork: the making of the commemorative space of the Hyde Park 7/7 memorial. **Organization**, [Thousand Oaks], v. 23, n. 1, p. 10-28, 2016.
- ALMEIDA, S. P. N. de C. **Fazendo a feira**: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da feira livre do bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2009.
- ÂNGULO, J. L. G. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmanlina, Vale do Jequitinhonha, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, [Lavras], v. 5, n. 2, p. 96-109, 2003.
- BARROS, A.; CARRIERI, A. de P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 151-161, 2015.
- BAUM, J.; MEZIAS, S. Localized competition and organizational failure in the Manhattan hotel industry. **Administrative Science Quarterly**, [Thousand Oaks], v. 37, p. 580-604, 1992.
- BEYES, T.; STEYAERT, C. Spacing organization: non-representational theory and performing organizational space. **Organization**, [Thousand Oaks], v. 19, n. 1, p. 45-61, 2012.
- BIERNARCKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods and Research**, Thousand Oaks, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- BISPO, M. Estudos baseados em prática: conceitos, história e perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [Salvador], v. 2, n. 1, p. 13-33, 2013.
- BISPO, M. Methodological reflections on practice-based research in organization studies. **Brazilian Administration Review**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 309-323, 2015.
- BISPO, M. de S.; SOARES, L. C.; CAVALCANTE, E. D. C. Panorama dos estudos sobre “prática” no Brasil: uma análise da produção. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38., 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_EOR1826.pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 ago. 1943. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2403914/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-09-08-1943>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BRASIL. **Código civil brasileiro e legislação correlata**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2008.

BRASIL. **Código de trânsito brasileiro**. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013.

BRASIL. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, 24 ago. 2006. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2006/08/24>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational learning and communities-of-practice: toward a unified view of working, learning, and innovation. **Organization Science**, [Catonsville], v. 2, n. 1, p. 40-57, 1991.

BRULON, V.; PECCI, A. Organizações públicas e espaços às margens do Estado: contribuições para investigações sobre poder e território em favelas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 6, p. 1497-517, 2013.

BRULON, V.; PECCI, A. Quando processos de organizar se chocam: hibridismos no espaço social de favelas. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 25, n. 84, p. 68-86, 2018.

BUCH, A.; ANDERSON, V.; KLEMSDAL, L. Turn to practice within working life studies. **Nordic journal of working life studies**, [Aalborg], v. 5, n. 3, p. 1-11, 2015.

BUCHANAN, I.; LAMBERT, G. Introduction: Deleuze and space. In: _____. **Deleuze and space**. Edinburgh: Edinburgh University, 2005. p. 1-15.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. Aldershot: Gower, 1979.

CALÍOPE, T. S. et al. A institucionalização da feira de artesanato da beira mar em Fortaleza, Ceará. **Gestão & Regionalidade**, [São Caetano do Sul], v. 32, n. 94, p. 52-67, 2016.

CALÍOPE, T. S.; SILVA FILHO, J. C. L. da. Imitação e inovação na moda: mapeando o processo criativo no segmento de “modinha” em uma feira regional. **International Journal of Innovation**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 119-139, 2016.

CARRIERI, A. de P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 698-713, 2014.

CARRIERI, A. de P.; SOUZA, M. M. P.; LENGELER, J. A dimensão identitária em duas feiras hippies: uma comparação entre Estados Unidos e Brasil. **GESTÃO.Org**,

[Recife], v. 2, n. 9, p. 409-437, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21784/18375>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

CARVALHO, N. Deleuze: do spatium intensivo ao espaço qualquer. **Kairos Revista de Filosofia e Ciência**, Lisboa, v. 11, p. 91-115, 2014.

CAVALCANTI, M. F. R. Estudos organizacionais e filosofia: a contribuição de Deleuze. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 182-191, 2016.

CAVALCANTI, M. F. R.; ALCADIPANI, R. Organizações como processos e teoria ator-rede: a contribuição de John Law para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 556-568, 2013.

CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHANLAT, J. F. Space, organization and management thinking: a socio-historical perspective. In: CLEGG, S. R.; KORNBERGER, M. (Ed.). **Space, organizations and management thinking**. Copenhagen: Liber & Copenhagen Business School, 2006. Cap. 2, p. 17-43.

CLEGG, S. R.; KORNBERGER, M. Introduction: rediscovering space. In: _____. **Space, organizations and management theory**. Copenhagen: Liber & Copenhagen Business School, 2006. Cap. 1, p. 8-16.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management learning**, [Thousand Oaks], v. 41, n. 3, p. 265-283, 2010.

COSTA, J. Mercados e feiras em Felgueiras: presença secular para o desenvolvimento local. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL, 32., 2013, Braga. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www3.eeg.uminho.pt/aphes33/Comunica%E7%F5es/Costa.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

CRESWELL, J. W. Data analysis and representation. In: _____. **Qualitative inquiry & research design**: choosing among five approaches. 2nd ed. Thousand Oaks: SAGE, 2007. Cap. 8, p. 147-176.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUTCHER, L. et al. Spaces and places of remembering and commemoration. **Organization**, [Thousand Oaks], v. 23, n. 1, p. 3-9, 2016.

DALE, K.; BURREL, G. Introduction: the spaces of organisation and the organisation of space. In: _____. **The spaces of organisation and the organisation of space**:

power, identity and materiality at work. New York: Palgrave McMillan, 2008. Cap. 1, p. 1-40.

DELBRIDGE, R.; SALLAZ, J. J. Work: four worlds and ways of seeing. **Organization Studies**, [Thousand Oaks], v. 36, n. 11, p. 1449-1462, 2015.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. 2. ed. São Paulo: 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia**. Minneapolis: The University of Minnesota, 1987.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2. ed. São Paulo: 34, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In: _____ (Ed.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 5th ed. Thousand Oaks: SAGE, 2018. p. 29-71.

DIAS, T. F.; SOUZA, W. J. de. Gestão social e economia solidária: o caso da associação dos produtores e produtoras rurais da feira agroecológica de Mossoró – Aprofam, Mossoró – RN. **Teoria e Prática em Administração**, [João Pessoa], v. 4, n. 1, p. 261-294, 2014.

DOMINGUES, F. F. **Entre comida, artesanato e... fuleragem?** Uma etnografia na feira de artesanato e artes da praça dos namorados. 2016. 131 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

DUARTE, M. de F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar (organizing) para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016.

EBBING, D. D.; GAMMON, S. D. **General Chemistry**. 9th ed. Boston: Houghton Mifflin, 2009.

ELLWAY, B. P. W.; DEAN, A. M. The reciprocal intertwining of practice and experience in value creation. **Marketing Theory**, [Thousand Oaks], v. 16, n. 3, p. 1-26, 2016.

FAHY, K. M.; EASTERBY-SMITH, M.; LERVIK, J. E. The power of spatial and temporal orderings in organizational learning. **Management Learning**, [Thousand Oaks], v. 45, n. 2, p. 123-144, 2014.

FANTINEL, L. D.; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. M. D. Produção de significações do espaço e sociabilidade em um café artesanal de Salvador. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [Salvador], v. 1, n. 3, p. 51-74, 2012.

FANTINEL, L. D.; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. M. D. Significados permanentes e mutantes: sociabilidades e significações no cotidiano de um café. **Ciências Sociais Unisinos**, [São Leopoldo], v. 50, n. 2, p. 153-165, 2014.

FARIA, A. M.; LEITE-DA-SILVA, A. R. Space-as-Practice in Organizational Studies. In: XX SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 20., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://login.semead.com.br/20semead/anais/arquivos/2211.pdf>>. Acesso em: 17. abr. 2019.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization science**, [Catonsville], v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.

FORD, J.; HARDING, N. We went looking for an organization but could only find the metaphysics of its presence. **Sociology**, Thousand Oaks, v. 38, p. 815-830, 2004.

GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the 'practice lens'. **Management learning**, [Thousand Oaks], v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009a.

GHERARDI, S. Practice? it's a matter of taste! **Management learning**, [Thousand Oaks], v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009b.

GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study**: Problems and methods. Cheltenham: Edward Elgar, 2012.

GHERARDI, S. To start practice theorizing anew: the contribution of the concepts of agencement and formativeness. **Organization**, [Thousand Oaks], v. 23, n. 5, p. 680-698, 2015.

GHERARDI, S. What is the place of affect within Practice-Based Studies? **Management**, [Paris], v. 20, n. 2, p. 208-220, 2017.

GHERARDI, S.; PERROTTA, M. Between the hand and the head: How things get done, and how in doing the ways of doing are discovered. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, [Bingley], v. 9, n. 2, p. 134-150, 2014.

GOOGLE. [SEM TÍTULO]. 2019. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Feirinha+da+Praia+da+Costa/@-20.3319482,-40.2776844,575m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xb81653d257683f:0x25482631334a580e!8m2!3d-20.3319482!4d-40.2754957>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

GOUVÊA, J. B.; ICHIKAWA, E. Y. Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. **Gestão & Conexões**, Vitória, v. 4, n. 1, p. 68-90, 2015.

HASSARD, J.; COX, J. W. Can sociological paradigms still inform Organizational Analysis? A paradigm model for post-paradigm times. **Organization Studies**, [Thousand Oaks], v. 34, n. 11, p. 1701-1728, 2013.

HATCH, M. J. What is organization? In: _____. **Organizations**: a very short introduction. Oxford: Oxford University, 2011. p. 1-11.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: parte I. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HOPO, A.; HOYKINPURO, R. Narrating organizational spaces. **Journal of Organizational Change Management**, [Bingley], v. 30, n. 3, p. 357-366, 2017.

HOYKINPURO, R.; HOPO, A. Visual narratives on organizational space. **Journal of Organizational Change Management**, [Bingley], v. 27, n. 5, p. 780-792, 2014.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: the challenges of a practice perspective. **Human Relations**, Thousand Oaks, v. 60, n. 1, p. 5-27, 2007.

LACERDA, D. DA S.; BRULON, V. Política das UPPs e espaços organizacionais precários: uma análise de discurso. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 130-141, 2013.

LAWLEY, S. Deleuze's rizhome and the study of the organization: conceptual movement and an open future. **Tamara: Journal of Critical Postmodern Organization Science**, [Warsaw], v. 3, n. 3-4, p. 36-49, 2005.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

LINSTEAD, S.; THANEM, T. Multiplicity, virtuality and organization: the contribution of Gilles Deleuze. **Organization Studies**, Thousand Oaks, v. 28, n. 10, p. 1483-1501, 2007.

LIU, Y.; GREY, C. History, gendered space and organizational identity: an archival study of a university building. **Human Relations**, [Thousand Oaks], v. 71, n. 5, p. 640-667, 2017.

LÓPEZ CABANA, R. del P.; ICHIKAWA, E. Y. As identidades fragmentadas no cotidiano da feira do produtor de Maringá. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 24, n. 81, p. 285-304, 2017.

MACHADO, R. **Deleuze**: a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARCARINI, B. Menu do calçadão: conheça os quitutes imperdíveis da feirinha da Praia da Costa. **Gazeta Online**, Vitória, 17 jan. 2014. Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2014/01/voce_ag/prazer_e_cia/1475942-menu-do-calcadao-conheca-os-quitutes-imperdiveis-da-feirinha-da-praia-da-costa.html>. Acesso em: 25 set. 2017.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARTINHAGO, D. Z.; REIS, R. P.; PEREIRA, C. M. M. de A. Potencial e estrutura de mercado no município de Cruzília, MG: viabilidade de implantação de feira livre. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, [Lavras], v. 15, n. 3, p. 345-358, 2013.

MENGIS, J.; NICOLINI, D.; GORLI, M. The video production of space: how different recording practices matter. **Organizational Research Methods**, [Thousand Oaks], v. 21, n. 2, p. 288-315, 2018.

MCNULTY, T.; STEWART, A. Developing the governance space: a study of the role and potential of the company secretary in and around the board of directors. **Organization Studies**, [Thousand Oaks], v. 36, n. 4, p. 513-535, 2015.

MERRIAM, S. B. Introduction to qualitative research. In: _____. **Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis**. San Francisco: Jossey-Bass, 2002. Cap. 1, p. 3-17.

MIETTINEN, R.; SAMRA-FREDERICKS, D.; YANOW, D. Re-turn to practice: an introductory essay. **Organization Studies**, [Thousand Oaks], v. 30, n. 12, p. 1309-1327, 2009.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: _____ (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 61-77.

MINAYO, M. C. de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rqp/article/view/82/59>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MCDONALD, S. Studying action in context: a qualitative shadowing method for organizational research. **Qualitative Research**, Thousand Oaks, v. 5, n. 4, p. 455-473, 2005.

MUNRO, I.; JORDAN, S. 'Living space' at the Edinburgh Festival Fringe: spatial tactics and the politics of smooth space. **Human Relations**, [Thousand Oaks], v. 66, n. 11, p. 1497-1525, 2013.

NICOLINI, D. Articulating practice through the interview to the double. **Management learning**, [Thousand Oaks], v. 40, n. 2, p. 195-212, 2009.

NICOLINI, D. Introduction. In: _____. **Practice theory, work, and organization: an introduction**. Oxford: Oxford University, 2012. Cap. 1, p. 1-19.

NIETZSCHE, F. W. Book four: St. Januarius. In: WILLIAMS, B. (Ed.). **Nietzsche – the gay science: with a prelude in german rhymes and an appendix of songs**. Cambridge: Cambridge University, 2001. p. 155-196.

NIETZSCHE, F. W. **A filosofia na época trágica dos gregos: texto integral**. São Paulo: Escala, 2008.

OLIVEIRA, J. S. DE; CAVEDON, N. R. Os circos contemporâneos como heterotopias organizacionais: uma etnografia multissituada no contexto Brasil-Canadá. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 142-162, 2017. Disponível em: <<https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/1209/1205>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

ORLIKOWSKI, W. J. Using technology and constituting structures: a practice lens for studying technology in organizations. **Organization Science**, [Catonsville], v. 11, n. 4, p. 404-428, 2000.

ORLIKOWSKI, W. J. Knowing in practice: enacting a collective capability in distributed organizing. **Organization Science**, [Catonsville], v. 13, n. 3, p. 249-273, 2002.

PANAYIOTOU, A. Spacing gender, gendering space: a radical “strong plot” in film. **Management Learning**, [Thousand Oaks], v. 46, n. 4, p. 427-443, 2015.

PANAYIOTOU, A.; KAFIRIS, K. Viewing the language of space: organizational spaces, power, and resistance in popular films. **Journal of Management Inquiry**, [Thousand Oaks], v. 20, n. 3, p. 264-284, 2011.

PETANI, F. J.; MENGIS, J. In search of lost space: the process of space planning through remembering and history. **Organization**, [Thousand Oaks], v. 23, n. 1, p. 71-89, 2016.

PIERRI, M. C. Q. M.; VALENTE, A. L. E. F. A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 49., 2010, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.sobre.org.br/palestra/15/234.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

PLATÃO. **A república**: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.

RAULET-CROSET, N.; BORZEIX, A. Researching spatial practices through Commentated Walks: “on the move” and “walking with”. **Journal of Organizational Ethnography**, [Bingley], v. 3, n. 1, p. 27-42, 2014.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. São Paulo: Paulus, 2003. 1 v.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, Thousand Oaks, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

RODRIGUEZ PECIAR, P. L.; ISAIA, L. Turismo cultural: um olhar sobre as manifestações de atratividades encontradas nas feiras populares do Brique da Redenção em Porto Alegre – RS, Brasil, e da feira da praça matriz em Montevideu no Uruguai. **RACE**, [Joaçaba], v. 4, n. 1, p. 79-96, 2005.

ROWE, A. Exploring a spatial-temporal understanding of organizational learning. **Management Learning**, [Thousand Oaks], v. 46, n. 1, p. 105-124, 2015.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: tempo e técnica, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, L. L DA S.; ALCADIPANI, R. Por uma epistemologia das práticas: a contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 22, n. 72, p. 79-98, 2015.

SCHATZKI, T. R. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary theory**. London: Routledge, 2001. p. 10-23.

SCHATZKI, T. R. What is a social practice? In: _____. **The site of the social: a philosophical account of the constitution of social life and change**. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2002. p. 70-88.

SCHATZKI, T. M. Foreword. In: HAGER, P.; LEE, A.; REICH, A. (Ed.). **Practice, learning and change: practice theory perspectives on professional learning**. Dordrecht: Springer, 2012.

SEIDL, D.; WHITTINGTON, R. Enlarging the Strategy-as-Practice research agenda: towards taller and flatter ontologies. **Organization Studies**, [Thousand Oaks], v. 35, n. 10, p. 1407-1421, 2014.

SIEBERT, S. et al. Eroding 'respectability': deprofessionalization through organizational spaces. **Work, Employment and Society**, [Thousand Oaks], v. 32, n. 2, p. 330-347, 2018.

SILVA-LACERDA, J. O. DA *et al.* "Antropocêntricos ou ecocêntricos?": as motivações dos consumidores para a compra de alimentos orgânicos em uma feira de Recife/PE. **Gestão & Sociedade**, [Belo Horizonte], v. 10, n. 25, p. 1255-1273, 2016. Disponível em: <<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/2034/1149>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

SIQUEIRA, J. P. L. DE. Gênese e evolução de um agrupamento de negócios varejistas: estudo de caso da feira das flores do CEAGESP. **Revista Capital Científico Eletrônica**, [Guarapuava], v. 12, n. 3, p. 1-16, 2014. Disponível em: <<https://www.spel.org.br/documentos/ver/33111/genese-e-evolucao-de-um-agrupamento-de-negocios-varejistas--estudo-de-caso-da-feira-das-flores-do-ceagesp>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

SOUZA, M. M. P. DE et al. Do "beija e deixa" ao "membro virtual": os vários usos do sagrado na feira do Jubileu de Congonhas. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 429-440, 2014.

TAYLOR, S.; SPICER, A. Time for space: a narrative review of research on organizational spaces. **International Journal of Management Reviews**, Oxford, v. 9, n. 4, p. 325-346, 2007.

THANEM, T. All talk and no movement? Homeless coping and resistance to urban planning. **Organization**, [Thousand Oaks], v. 19, n. 4, p. 441-460, 2011.

VALTONEN, A. et al. The knowing body as a floating body. **Management Learning**, [Thousand Oaks], v. 48, n. 5, p. 1-15, 2017.

VAN MARREWIJK, A.; YANOW, D. Introduction: the spatial turn in organizational studies. In: _____ (Ed.). **Organizational spaces**: rematerializing the workaday world. Cheltenham: Edward Elgar, 2010. p. 1-16.

VERGARA, S. C.; VIEIRA, M. M. F. Sobre a dimensão tempo-espaço na análise Organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, [Maringá], v. 9, n. 2, p. 103-119, 2005.

VILA VELHA. Prefeitura. Guia turístico. 2017. Disponível em: <www.sistemas.vilavelha.es.gov.br/guiaturistico>. Acesso em: 20 out. 2017.

WAPSHOTT, R.; MALLET, O. The spatial implications of homeworking: a Lefebvrian approach to the rewards and challenges of home-based work. **Organization**, Thousand Oaks, v. 19, n. 1, p. 63-79, 2011.

WASSERMAN, V.; FRENKEL, M. Organizational Aesthetics: caught between identity regulation and culture jamming. **Organization Science**, [Catonsville], v. 22, n. 2, p. 503-521, 2011.

WASSERMAN, V.; FRENKEL, M. Spatial work in between glass ceilings and glass walls: gender-class intersectionality and organizational aesthetics. **Organization Studies**, [Thousand Oaks], v. 36, n. 11, p. 1485-1505, 2015.

WEICK, K. E. **The social psychology of organizing**. 2. ed. Nova York: McGraw-Hill, 1979.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. Thousand Oaks: SAGE, 1995.

WHITTIGTON, R. Strategy as Practice. **Long Range Planning**, [Amsterdam], v. 29, n. 5, p. 731-735, 1996.

ZANOTELLI, C. L. **Geofilosofia e geopolítica em Mil Platôs**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

ZHANG, Z.; SPICER, A. 'Leader, you first': the everyday production of hierarchical space in a Chinese bureaucracy. **Human Relations**, [Thousand Oaks], v. 67, n. 6, p. 739-762, 2014.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Sou Arilton Marques Faria, estudante de mestrado em Administração na Universidade Federal do Espírito Santo, e realizo uma pesquisa com o objetivo de entender aspectos sobre espaço, cultura, artesanato e Administração de pequenos negócios no contexto da feirinha da Praia da Costa em Vila Velha/ES. Esta pesquisa se justifica, entre outros motivos, pelo potencial de oferecer subsídios para políticas públicas ao revelar o cotidiano em um espaço do município e focalizar em uma das tradições culturais da cidade, além de tratar de um trabalho que faz parte da fonte de renda de inúmeras famílias.

No decorrer da pesquisa, pretendo visitar a feira diariamente durante algumas semanas para observar os feirantes e frequentadores, além de conversar com eles. Também pretendo entrevistar representantes da prefeitura e da associação de moradores. E pretendo coletar alguns documentos. Nas entrevistas, utilizarei gravador, caso consiga a autorização para gravar. As informações coletadas serão acessíveis apenas a mim e as guardarei por um período de cinco anos, sendo destruídas depois disso.

Sua participação não envolverá grandes riscos e danos. Todos os participantes terão suas identidades preservadas por códigos. O participante contará com o sigilo e a privacidade das informações. Este termo é um convite para que participe da pesquisa, sendo que poderá solicitar sua retirada da pesquisa em qualquer momento. Também poderá entrar em contato com o pesquisador, o orientador ou a instituição a qualquer momento para acompanhamento.

A pesquisa resultará em uma dissertação de mestrado que estará disponível para acesso público por meio digital. O participante não incorrerá em despesas ao participar desta pesquisa.

Esta pesquisa segue critérios da resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Após os esclarecimentos, solicito seu consentimento para que participe desta pesquisa:

Eu _____ manifesto desejo em participar da pesquisa.

Vila Velha, ____ de _____ de _____.

_____ Assinatura do participante.

_____ Assinatura do pesquisador.

Arilton Marques Faria (arilton98@gmail.com; fone UFES 40097725).

Orientador da pesquisa: Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva (alfredoufes@gmail.com; fone UFES 40097725)

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTE DA PREFEITURA

Tópicos a serem perguntados:

- Sobre o setor da coordenação de posturas;
- Sobre o servidor e sua trajetória;
- Procedimento de inserção do ambulante novato no calçadão;
- Os fiscais;
- A localização espacial das barracas no calçadão;
- As associações;
- Os horários de funcionamento das barracas;
- Energia elétrica;
- Local no calçadão destinado aos feirantes visitantes;
- Os frequentadores do local.

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

Tópicos a serem perguntados:

- Histórico da associação;
- Quadro de pessoal da associação;
- Sobre o representante e sua trajetória;
- As reuniões da associação;
- Como são tratadas as demandas dos moradores;
- Sobre a feira;
- O que os moradores pensam sobre a feira.